



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EDUCAÇÃO FÍSICA EM
REDE NACIONAL – PROEF

TATHIANE APFELGRÜN HEIMOSKI

**AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO ESPORTIVO NA ESCOLA POR MEIO
DOS ESPORTES DE REDE NÃO CONVENCIONAIS**

MARINGÁ-PR

2024

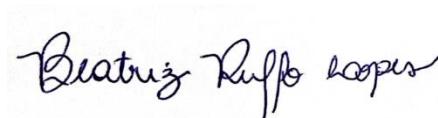
TATHIANE APFELGRÜN HEIMOSKI

AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO ESPORTIVO NA ESCOLA POR MEIO DOS ESPORTES DE REDE NÃO CONVENCIONAIS

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como parte das exigências do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), na área de concentração em Educação Física Escolar, para obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 08 de março de 2024.

Documento assinado digitalmente
gov.br PAULA CAROLINA TEIXEIRA MARRONI
Data: 15/04/2024 11:31:31-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>



Profa. Dra. Paula Carolina T. Marroni

Profa. Dra. Beatriz Ruffo Lopes

Documento assinado digitalmente
gov.br ANTONIO CARLOS MONTEIRO DE MIRANDA
Data: 15/04/2024 14:08:48-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. ANTONIO CARLOS MONTEIRO DE MIRANDA

(Orientador)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

H467a

Heimoski, Tathiane Apfelgrün

Ampliação do repertório esportivo na escola por meio dos esportes de rede não convencionais / Tathiane Apfelgrün Heimoski. -- Maringá, PR, 2024.
117 f. : il. color., figs., tabs.

Acompanha produto educacional: Esportes de rede não convencionais nas aulas de educação física escolar. 35 f.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física, Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, 2024.

1. Educação física escolar. 2. Esporte. 3. Esportes não convencionais. I. Miranda, Antonio Carlos Monteiro de , orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Educação Física. Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF. III. Título.

CDD 23.ed. 796.07

DEDICATÓRIA

A todas as mulheres, trabalhadoras e mães que diariamente enfrentam batalhas tentando conciliar a vida familiar e laboral e ainda almejam continuar a estudar e se capacitar.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida, e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

Aos meus filhos, Felipe e Alice que mesmo sem muitas vezes entender, aceitaram, dando-me carinho, paciência e força para prosseguir com este trabalho. Que vocês possam ver neste ato, um incentivo para nunca deixarem de estudar, pois o conhecimento liberta o homem de qualquer limitação.

A minha rede de apoio (mãe e irmã), pois com elas pude viajar com tranquilidade, sabendo que meus filhos estavam sendo bem cuidados e amparados.

Ao meu orientador, o professor Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda, pois não poderia ter sido mais sortuda em tê-lo comigo neste processo. Além do seu incentivo, paciência e empatia, enriqueceu muito este trabalho com suas sugestões e considerações, sendo muito solícito e atencioso em todo este período de formação continuada.

Às prof^{as}. Dr^{as}. Paula Carolina Teixeira Marroni e Beatriz Ruffo Lopes que prontamente aceitaram fazer parte da banca examinadora e que com suas considerações contribuíram muito para o prosseguimento e evolução deste trabalho.

À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, pela bolsa que permitiu dois anos de formação continuada diferenciada e de qualidade.

À minha parceira de Mestrado e viagem, Adriana Marisa Pilarski Flores, pois este processo foi muito mais leve por ter você ao meu lado. Sua parceria e companheirismo foram primordiais para que eu seguisse em frente. Com certeza, temos muitas histórias pra contar.

Enfim, a todos os meus familiares, amigos e colegas de trabalho pelo apoio e incentivo dispensados.

RESUMO

O Esporte é uma unanimidade dentre as possibilidades da Cultura Corporal do Movimento no ambiente escolar, entretanto quase sempre fica reduzido a apenas as 4 modalidades tradicionais (futsal, voleibol, basquete e handebol). Ou seja, é fundamental resgatar o Esporte como prática pedagógica educativa, apresentando aos alunos este conteúdo de forma mais abrangente, garantindo o acesso integral a este componente da cultura e ampliando o seu repertório, além de proporcionar novas vivências e reflexões sobre ele (Barroso, 2020; Silva, 2020; Silva, 2013). Desta forma, reconhecendo a importância de diversificar e oportunizar novos conteúdos nas aulas de Educação Física escolar, este trabalho teve como objetivo analisar como a inserção dos esportes de rede não convencionais nas aulas de Educação Física numa turma de 4º ano do Ensino Fundamental podem contribuir para a formação dos estudantes para além dos esportes tradicionais. Escolhemos os seguintes Esportes de Rede: Peteca, Manbol, Sorvebol, Badminton, Mirimbol e Beach Tennis. Participaram da pesquisa 29 estudantes de uma turma do quarto ano do ensino fundamental – anos iniciais. O referido estudo ocorreu na escola Municipal Anísio Teixeira, no Município de Curitiba-PR. Optou-se pela pesquisa qualitativa, do tipo intervenção pedagógica (Damiani *et al*, 2013). Os dados foram coletados durante a aplicação de uma sequência didática com 11 aulas. Os instrumentos para a coleta dos dados foram duas avaliações (diagnóstica e final), o diário de campo e os registros fotográficos. Esses dados foram tratados e organizados por meio de alguns elementos de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), resultando em cinco categorias de análise: apresentação do tema, prática dos Esportes de Rede não convencionais que não precisam de equipamentos para rebatidas, prática dos Esportes de Rede não convencionais que utilizam algum equipamento, criação e prática de um novo jogo e Avaliação. Constatou-se que os estudantes já tiveram contato com os Esportes de Rede, seja no ambiente familiar ou na Escola, mas que este contato é restrito a poucas modalidades esportivas, sendo majoritariamente com o Vôlei. Como resultado da pesquisa, foi possível constatar que a implementação da sequência didática de esportes não convencionais foi um sucesso. Os alunos demonstraram grande interesse e participação, aprendendo conceitos, procedimentos e atitudes referentes às modalidades desenvolvidas. Além disso, eles conseguiram associar esses conhecimentos a outros conteúdos estudados, baseando-se na lógica interna dos esportes. Com base nesses resultados, é possível concluir que os esportes não convencionais são viáveis e devem ser desenvolvidos na escola. Além disso, a oferta de uma variedade esportiva agrega novos conhecimentos aos estudantes e contribui para a legitimação da disciplina.

Palavras-chave: Educação Física Escolar, Esporte, Esportes não convencionais.

ABSTRACT

Sports are a consensus among the possibilities of the Cultural Body of Movement in the school environment, however they are almost always reduced to just the 4 traditional modalities (futsal, volleyball, basketball and handball). That is, it is essential to rescue Sports as an educational pedagogical practice, presenting this content to students in a more comprehensive way, guaranteeing full access to this component of culture and expanding their repertoire, in addition to providing new experiences and reflections on it (Barroso, 2020; Silva, 2020; Silva, 2013). In this way, recognizing the importance of diversifying and providing new content in school Physical Education classes, this study aimed to analyze how the insertion of non-conventional net sports in Physical Education classes in a 4th grade class of Elementary School can contribute to the formation of students beyond traditional sports. We chose the following Net Sports: Peteca, Manbol, Sorvebol, Badminton, Mirimbol and Beach Tennis. 29 students from a fourth grade elementary school - early years participated in the research. The study took place at the Anísio Teixeira Municipal School, in the city of Curitiba-PR. Qualitative research was chosen, of the pedagogical intervention type (Damiani et al, 2013). The data were collected during the application of a didactic sequence with 11 classes. The data collection instruments were two assessments (diagnostic and final), the field diary and photographic records. These data were processed and organized through the content analysis proposed by Bardin (2016), resulting in five categories of analysis: theme presentation, practice of non-conventional net sports that do not need equipment for rebounds, practice of non-conventional net sports that use some equipment, creation and practice of a new game and Evaluation. It was found that students have already had contact with Net Sports, either in the family environment or at school, but that this contact is restricted to a few sports modalities, being predominantly with Volleyball. As a result of the research, we can say that the implementation of the non-conventional sports didactic sequence was a success. The students showed great interest and participation, learning concepts, procedures and attitudes related to the modalities developed. In addition, they were able to associate these knowledge with other studied contents, based on the internal logic of sports. Based on these results, it is possible to conclude that non-conventional sports are viable and should be developed in schools. In addition, the offer of a variety of sports adds new knowledge to students and contributes to the legitimization of the discipline.

Keywords: School Physical Education, Sport, Non-conventional sports

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1- Classificação dos Esportes de Rede Não Convencionais	33
Figura 2- Assinatura do TALE e levando o TCLE para casa	41
Figura 3- Apresentação dos Esportes de Rede não convencionais.....	44
Figura 4- Rede de 20 metros usada para dividir o espaço em mini-quadras.....	46
Figura 5- Peteca – Material usado na aula.....	50
Figura 6- Prática do Esporte Peteca.....	50
Figura 7- Material oficial e adaptado de Manbol.....	53
Figura 8- Prática do Esporte Manbol.....	53
Figura 9- Material adaptado e oficial de Sorvebol.....	57
Figura 10- Prática do Esporte Sorvebol.....	57
Figura 11- Material de Badminton.....	59
Figura 12- Prática do Esporte Badminton.....	59
Figura 13- Prática do Esporte Badminton.....	59
Figura 14- Material adaptado de Mirimbol.....	61
Figura 15- Prática do Esporte Mirimbol.....	61
Figura 16- Material oficial de Beach Tennis.....	63
Figura 17- Quadra adaptada de Beach Tennis.....	63
Figura 18- Prática do Esporte Beach Tennis.....	64
Figura 19- Criando um novo jogo.....	70

Figura 20- Apresentando seu “Esporte” para os colegas.....	71
Figura 21- “Lá e Aqui”	72
Figura 22- Prática do Esporte “Lá e Aqui”	73
Figura 23- “Futi Rede”	74
Figura 24- Prática do Esporte “Futi Rede”	74
Figura 25- “Kuyn Bol”	76
Figura 26- Prática do Esporte “Kuyn Bol”	76
Figura 27- “Maçabol”	77
Figura 28- Prática do Esporte “Maçabol”	78
Figura 29- “Quick Ball”	79
Figura 30- Prática do Esporte “Quick Ball”	79

GRÁFICOS

Gráfico 1- Esportes de Rede que os estudantes já conheciam.....	44
Gráfico 2- Identificar e apontar se conhecem os Esportes de Rede.....	46

QUADROS

Quadro 1- Cronograma – conteúdos.....	28
Quadro 2- Modelo de Plano de Aula.....	29
Quadro 3- Avaliação Final	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFPR	Universidade Federal do Paraná
PROEF	Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional
GEPECIRQUE	Grupo de Estudos e pesquisa em circo
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais
UEM	Universidade estadual de Maringá
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ESPORTE EDUCACIONAL: Dilemas e Desafios na Educação Física Escola .	16
3 PEDAGOGIA DO ESPORTE: Ressignificando as Práticas na Escola.....	19
4 MODALIDADES ESPORTIVAS POR MEIO DE JOGOS: Autonomia, Participação, Socialização e Respeito	22
5 MÉTODO.....	25
6 ESPORTES DE REDE: Novas Possibilidades Dentro do Ambiente Escolar ...	31
6.1 Sequência Didática	33
7 A REDE NA ESCOLA NÃO COMO DIVISÃO, MAS COMO AGREGADORA DE NOVAS EXPERIÊNCIAS ESPORTIVAS	38
7.1 Apresentação do Tema (aula 1)	39
7.3 Prática dos Esportes de Rede não convencionais (Aulas 2, 3, 4, 5 e 6)	47
7.3.1 Esportes de Rede que não precisam de implementos para rebatidas (Aulas 2 e 3).....	50
7.3.2 Esportes de Rede com Implementos (Aulas 4, 5, 6 e 7).....	56
7.4 Criação e Prática de um novo jogo (Aulas 8, 9 e 10)	68
7.5 Avaliação (Aula 11).....	80
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS.....	86
APÊNDICE A: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).	95
APÊNDICE B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	97
APÊNDICE 3: Avaliação Diagnóstica:	100
APÊNDICE 4: Roteiro para criar um novo Esporte de Rede.....	101
APÊNDICE 5: Avaliação Final.....	102
APÊNDICE 6: Planos de Aula	103

1 INTRODUÇÃO

Ao longo de quase 20 anos como professora de Educação Física em diversas Escolas tanto Estaduais como Municipais da Grande Curitiba, verificamos que o Esporte é uma unanimidade dentre as possibilidades da Cultura Corporal do Movimento no ambiente escolar, principalmente nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Segundo Figueirêdo (2023) é muito comum nas aulas de Educação Física, Brasil afora, a supervalorização e predomínio dos esportes, um reflexo do modelo de alta performance, divulgado pelos meios de comunicação.

Tal constatação aproxima-se do estudo de Barroso (2020) o qual também considera o esporte um dos conteúdos mais utilizados na Educação Física Escolar no Ensino Básico, por ser um fenômeno sociocultural de grande expressão na sociedade contemporânea, devido à globalização e ao destaque dado pela mídia, tendo função inegável no processo de ensino-aprendizagem. Todavia, autores como (Silva, 2020; Cunha, 2020; Fermio; Fermio, 2018; Tomita; Canan, 2019) ressaltam que este conteúdo é reduzido quase que apenas as 4 modalidades tradicionais (futsal, voleibol, basquete e handebol).

No meio deste cenário, convivemos ainda com todas as problemáticas que envolvem o nosso campo de atuação, como questões curriculares e estruturais, como a falta de espaços adequados e materiais, até problemas de relacionamentos, desmotivação dos alunos, entre outros. O que vai ao encontro com o estudo de Darido, González e Ginciene (2021) que apontam como principais problemas enfrentados pelos professores de Educação Física, o afastamento dos estudantes das aulas, seja pelo não envolvimento quando estão presentes ou diretamente por não comparecerem no dia, bem como, o não envolvimento dos discentes durante o desenvolvimento das aulas.

Então, tentando superar tais adversidades, buscamos proporcionar uma maior diversidade de conteúdos, além de fazer uma abordagem que os contemple em suas 3 dimensões: conceitual (saber sobre a prática), procedimental (saber fazer) e atitudinal (saber ser e conviver). Entretanto, percebemos que na maioria das escolas o esporte continua sendo restrito aos esportes tradicionais. Ou seja, apesar do Esporte ser o conteúdo mais trabalhado nas aulas de Educação Física escolar estamos limitando as possibilidades de conhecimento dos nossos alunos a respeito

da grande variedade esportiva existente, principalmente se formos analisar o Esporte nos anos Iniciais do Ensino Fundamental, em que, embora sempre ovacionado por todos, (professores e alunos), esses, não aparecem, como conteúdo propriamente dito da Disciplina.

Tais inquietações nos levaram a análise do documento norteador da Cidade de Curitiba-PR para as aulas de Educação Física - “Currículo do Ensino Fundamental: Diálogos com a BNCC” (Curitiba, 2022). Nele, constatamos que o Esporte aparece apenas como uma das possibilidades dentro do conteúdo Jogos (Jogos Esportivos), não sendo especificado também quais modalidades devem ser trabalhadas em cada ano, fazendo-se necessário assim, uma maior clareza sobre o assunto. Entendemos também, que quando trabalhado, principalmente nas turmas dos 4^{os} anos, quase sempre é voltado a adquirir as habilidades específicas das modalidades tradicionais (futsal, voleibol, basquete e handebol), reforçando o panorama atual.

Todavia, pensando no Ensino Fundamental como uma das etapas da Educação Básica (Brasil, 2003) e na Educação Física como um dos seus componentes curriculares obrigatórios (Brasil, 1996) e considerando que a criança/adolescente permanece em torno de 14 anos no ambiente escolar, é possível pensar, que no decorrer deste tempo, contemple-se uma variedade vasta de modalidades esportivas, ampliando o seu repertório sem se tornar repetitivo, levando os alunos a se apropriarem destes conteúdos, refletindo sobre as variadas possibilidades e transformando-os se acharem necessário.

Pires e Silveira (2017) apontam o esporte como um elemento importante na rica cultura de movimento de nossa sociedade, e que educar com/para o esporte como formação cultural é tarefa pedagógica e compromisso urgente da Educação Física, implicando proporcionarmos aos alunos condições para a aquisição de chaves conceituais e técnicas para a compreensão, apropriação e reconstrução das práticas e dos conhecimentos sobre esporte. Rose Junior et al (2002) salienta ainda que o objetivo do Esporte no contexto escolar não tem como finalidade encontrar talentos esportivos, mas contribuir para a formação da personalidade dos alunos devido às regras, normas e aos valores que o esporte exige.

Sabemos que com uma demanda educativa cada vez mais heterogênea, para que nós educadores consigamos desenvolver práticas educativas mais eficientes é preciso sair de um estado comum e buscar novas estratégias. Olhando

para o histórico da educação física escolar, mais especificamente para o conteúdo esporte, temos algumas modalidades que se apresentam como tradicionais descritas por alguns autores como, esportes institucionalizados, tais como: Futebol, Voleibol, Basquetebol e Handebol. Colocando esportes não tradicionais, ou pouco populares em nosso país, em um grupo de modalidades denominadas, esportes alternativos (Fermino; Fermino, 2018) ou também denominados como complementares, não convencionais, e não tradicionais (Tomita; Canan, 2015).

Buscando uma definição para este grupo de esportes, Cunha (2020) define “Esportes Alternativos” como aquelas práticas que têm como características: a pouca visibilidade na mídia e o uso de materiais mais especializados e diferenciados. Sobre a pouca visibilidade na mídia, sabemos que tais esportes ainda não atraem muita atenção, pois não geram os esperados retornos, principalmente financeiros. Já a necessidade de implementação de materiais especializados e diferenciados nas escolas é dificultada por diversos fatores, como o alto custo, a falta de acesso e a dificuldade de manuseio. Além disso, a falta de espaços físicos adequados pode favorecer alguns esportes em detrimento de outros.

Mas quais esportes alternativos devemos trabalhar então nas Escolas? Costa e Nascimento (2006) apontam que não existe um consenso em Educação Física escolar sobre as modalidades que devemos englobar. Nesta pesquisa daremos ênfase nos Esportes de Rede não convencionais como a Peteca, o Sorvebol, o Manbol, o Badminton, o Beach Tennis e o Mirimbol, escolhidas pela disponibilidade de espaço, materiais e por se aproximar com o esporte tradicional a qual a Escola oferta como aula extra curricular, que é voleibol, despertando interesse e curiosidade aos alunos. Esta proposta de trabalhar com os esportes não convencionais surgiu da necessidade que observamos de aumentar ainda mais o leque de opções esportivas a serem oferecidas pelos professores (as) em suas aulas.

Além disso, verificamos que muitos estudos têm apontado resultados positivos ao incluir tais modalidades em suas Escolas. O estudo realizado pela UNIPÊ (2008) apontou que ao incluir esportes alternativos e não convencionais como o tênis de mesa e o badminton nas escolas públicas do Brasil, houve um aumento da participação dos alunos nas aulas de educação física. Fato também relatado no estudo de Fermino e Fermino (2018), que ainda apontam que, por si só, já é um ganho gigantesco, uma vez que essa inserção dentro da Educação Física

Escolar proporciona exercitar consideravelmente as habilidades motoras dos alunos. Novas formas de arremessar, saltar, correr, agachar, rolar, posicionar-se diante de adversários e táticas etc.

Ou seja, proporciona uma gama variada de movimentos – com ou sem implementos – que estimulam a ampliação do repertório motor de um indivíduo em formação, além de estimular a autonomia por uma melhor qualidade de vida. Fermino e Fermino (2018) ainda destacam que quanto mais oferecermos práticas corporais aos estudantes e as problematizarmos, maiores serão as opções para que eles escolham a atividade física que melhor se encaixe na sua realidade, pois é proporcionado ao corpo discente a possibilidade de conhecer novas culturas corporais de movimento que não são de conhecimento do senso comum, assim como a desmistificação em caso de estranhamento.

Sendo assim, perpassando a classificação entre tradicionais ou não tradicionais, temos no Esporte um vasto leque de possibilidades para as aulas de Educação Física ao decorrer da Educação Básica, não justificando a exclusividade apenas das 4 modalidades tradicionais, nem tão pouco a exclusão de tal conteúdo do currículo. Dito isto, consideramos que ao apresentar uma sequência didática abordando os esportes de rede/parede especificamente com as turmas dos 4^{os} anos estaremos contribuindo para que os alunos tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, sugerindo que outros esportes sejam contemplados nas demais séries dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Tal proposta vem ao encontro da sugestão feita pela BNCC, com uma grande variedade de conteúdos a serem desenvolvidos ao longo da Educação Básica, além da sua divisão que utiliza um modelo de classificação baseado na lógica interna, tendo como referência os critérios de cooperação, interação com o adversário, desempenho motor e objetivos táticos da ação (Brasil, 2017, p.215). Entretanto, com esta proposta, muitos professores passaram a questionar a falta de tempo para conseguir abordar a grande quantidade de conteúdos propostos pela BNCC nas Escolas e sua proposta de divisão, levando-nos ao seguinte questionamento: “Será que ao realizar aulas em que as habilidades similares a um grupo determinado de esportes sejam trabalhadas juntas, conseguiremos otimizar o tempo, possibilitando a ampliação cultural esportiva de forma mais efetiva?”

Já sobre a divisão de conteúdos por ano de ensino proposto pela BNCC (Brasil, 2017b), e sua sugestão de trabalhar com os Esportes de Rede/Parede com

as turmas de 3, 4 ou 5 ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, acreditamos que ao propor uma sequência didática que respeita esta divisão estaremos contribuindo para que os alunos tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Contudo, pensando na ampliação do repertório cultural, é preciso contemplar no ambiente escolar uma diversidade esportiva maior do que as presenciadas atualmente, expandindo as possibilidades esportivas ao oportunizar o contato com os esportes de rede não tradicionais, proporcionando novas experiências e reflexões.

Desta forma, o objetivo deste estudo foi analisar as possibilidades de contribuição com a inserção dos esportes de rede não convencionais nas aulas de Educação Física numa turma de 4º ano do Ensino Fundamental. Para tanto, foi necessário constatar as modalidades esportivas que os alunos já conheciam e/ou já vivenciaram, além de proporcionar o jogo como ferramenta pedagógica para o ensino dos Esportes de rede não convencionais na Educação Física escolar para que os alunos os conhecessem, reproduzissem e os transformassem e que ao final da sua implementação pudessem identificar a importância da ampliação da prática esportiva na escola.

Sendo assim, esta pesquisa está organizada da seguinte forma: revisão bibliográfica composta de 4 capítulos (Esporte Educacional: Garantia de Acesso e Ampliação do Repertório; Pedagogia do Esporte: Ressignificando as Práticas na escola; Modalidades Esportivas por Meio de Jogos: Autonomia, Participação, Socialização e Respeito; Esportes de Rede: Novas possibilidades dentro do ambiente escolar), método, análise e discussão dos resultados intitulado “Rede na Escola não como divisão, mas como agregadora de novas experiências esportivas e considerações finais.

2 ESPORTE EDUCACIONAL: Dilemas e Desafios na Educação Física Escolar

A Educação Física Escolar é constituída por um amplo leque de conteúdos, composto pelas diversas manifestações corporais criadas pelo ser humano ao longo da história (Tomita; Canan, 2019). Entretanto, em muitos casos, Educação Física e Esporte parecem ser sinônimos, pois este conteúdo vem sendo ao longo dos tempos priorizado em detrimento dos outros.

Sobre tal predileção, Martins e Paixão (2014) ao analisar a preferência de conteúdos para as aulas de Educação Física Escolar, observam que dentro dos temas sugeridos pela Cultura Corporal de Movimento, tais como dança, ginástica, jogos e lutas, o esporte mantém a soberania ao longo dos tempos. Tinôco, Batista e Araújo (2014) vão além, afirmando que apenas os esportes como o futebol/futsal, vôlei, basquete e handebol são prioritários nas aulas de Educação Física em detrimento a outras manifestações corporais tais como: dança, lutas, conhecimento sobre o corpo, jogos e brincadeiras, atividades rítmicas expressivas e ginástica, além de outros esportes não hegemônicos.

Tal destaque não é amparado pelos documentos norteadores, que sempre apontaram conteúdos variados, sem distinção de níveis de importância dentre eles. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 1998), que até pouco tempo atrás era o principal orientador, apontava como conteúdos da Educação Física Escolar no Ensino Fundamental o universo da Cultura Corporal, constando modalidades de jogo, esporte, ginástica, luta e atividade rítmica e expressiva, além de conhecimentos sobre o corpo. Mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017), propôs organizar os currículos em unidades temáticas, sugerindo para o Ensino Fundamental - Anos Iniciais: brincadeiras e jogos, esportes, ginásticas, danças, lutas e práticas corporais de aventura.

Mesmo com essa orientação, observamos uma prevalência do conteúdo esporte na Educação Física, muitos professores restringem as suas aulas aos esportes mais tradicionais, como por exemplo: basquetebol, voleibol e futebol/futsal, além do handebol, que não possui tanta tradição no país como modalidade *espetacularizada*, porém é relativamente bem difundida nas aulas de Educação Física escolar (Darido, 2020). Fato este que tem gerado muitas críticas à disciplina, levando ao questionamento até sobre a sua importância como conteúdo escolar.

Essas 4 modalidades (futsal, voleibol, basquetebol e handebol) são denominadas tradicionais por serem historicamente institucionalizados. Denominando como esportes não tradicionais aqueles pouco populares em nosso país, ou mesmo jogos não explorados no campo profissional e midiático, sendo também denominados esportes alternativos (Femino; Femino, 2010).

Sobre esta classificação, Tomita e Canan (2015) identificaram os seguintes termos ou expressões: complementares, alternativas, clássicas, novas, não convencionais, pouco conhecidas, diferentes e não tradicionais. Estes sugerem que a expressão “não tradicional” seria a mais sensata não apenas porque é adotada como forma de explicar as outras denominações, mas também devido à sua neutralidade em simplesmente contrariar o termo “tradicionais”, sem necessariamente adjetivar o conjunto de modalidades que busca denominar. Neste quesito, a expressão “não convencionais” também poderia ser adotada, pois acaba atendendo aos mesmos pressupostos (Sousa Junior; Souza Júnior; Polezel, 2008).

O fato que, perpassando a classificação entre tradicionais ou não tradicionais, temos no Esporte um vasto leque de possibilidades para as aulas de Educação Física ao decorrer da Educação Básica, não justificando a exclusividade apenas das 4 modalidades tradicionais, nem tão pouco a exclusão de tal conteúdo do currículo. Neste contexto, tentando resgatar o Esporte como prática pedagógica educativa alguns estudos têm sugerido apresentar aos alunos este conteúdo Esporte de forma mais abrangente, garantindo o acesso integral a este componente da cultura, ampliando o seu repertório, além de proporcionar novas vivências e reflexões sobre ele (Barroso, 2020; Silva, 2020; Silva, 2013).

Sobre o trato do Esporte de forma mais abrangente no ambiente Escolar, Tomita e Canan (2019) observam que apesar da existência de documentos institucionais que buscam nortear quais são os conteúdos e a respectiva sequência de ensino-aprendizagem a serem desenvolvidos na Educação Física Escolar, eles tratam-se somente de diretrizes, parâmetros, referenciais ou orientações curriculares e não de normas legais de cumprimento obrigatório. Ou seja, a ausência de uma definição e organização obrigatória de conteúdos permite aos professores uma grande discricionariedade na condução de suas aulas.

Além da abordagem restrita do conteúdo Esporte na Escola, observamos também que há muitos estudos e discussões apenas quando o foco no nível de aprendizagem está nos anos finais do Ensino Fundamental e principalmente no

Ensino Médio, mas pouco se discute na sua aplicação nos anos iniciais do Ensino Fundamental, sugerindo a existência de uma lacuna acadêmica em relação à investigação a respeito das modalidades esportivas não tradicionais nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (Tomita; Canan, 2019).

Atualmente a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017) sugere uma divisão por ano dos objetos de conhecimento, sendo que na unidade temática Esportes no 1º e 2º anos deve-se trabalhar os esportes de marca e precisão e nos 3º, 4º e 5º anos os esportes de campo e taco, esportes de rede/parede e esportes de invasão.

Analisando o *Currículo do Ensino Fundamental: Diálogos com a BNCC* (Curitiba, 2022), documento norteador das Escolas Municipais de Curitiba-PR, para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, observamos que o conteúdo Esportes aparece apenas como Jogos Esportivos no conteúdo Jogos, não sendo um conteúdo propriamente dito, como sugerido pela BNCC (Brasil, 2017, p. 217). E mesmo assim, em seu texto, não especifica quais modalidades devem ser abordadas em cada ano, apontando apenas que devem ser “jogos que envolvem o esporte educacional, privilegiando práticas corporais com regras, estruturas, espaço e gestos, voltados para a construção de uma cultura esportiva da escola”:

No Ciclo I, o trabalho lúdico com o esporte educacional se insere no eixo Jogos e Brincadeiras e não prevê o ensino desta ou daquela prática, mas privilegia a ampliação das experiências quanto a movimentação corporal, abarcando concomitantemente o jogo, a brincadeira e o sincretismo de regras, apresentando conceitos e conformações do esporte. Dessa forma, motiva o compartilhamento de saberes, a apreciação de práticas corporais, a construção de regras, de relações positivas de convivência, de integração social e de coletividade, com múltiplos saberes corporais, que perpassam pelo jogar e pelo brincar no esporte educacional. No Ciclo II, prevalecem as referidas considerações, delineando o esporte educacional de forma mais explícita e detalhada, ampliando possibilidades de apropriação de suas várias manifestações, de seus preceitos, inquietações e condições diversas (Curitiba, 2022, p. 91).

Ou seja, no atual currículo além do esporte não ser contemplado como conteúdo, ao se fazer uma tentativa de abordá-lo ao inseri-lo dentro do conteúdo jogos como jogos desportivos, optou-se por fazer de forma abrangente, desconsiderando a classificação proposta pela BNCC, o que abre precedentes para

que cada escola/professor crie o seu próprio critério de classificação de qual modalidade ofertar aos estudantes.

3 PEDAGOGIA DO ESPORTE: Ressignificando as Práticas na Escola

Ao planejar as aulas de Educação Física além de escolher um conteúdo, neste caso o Esporte, devemos refletir sobre a forma como este será abordado nas aulas. Para tanto é preciso retomar como ele foi tratado ao longo dos anos, analisando seu percurso até chegar aos dias de hoje, além de decidirmos por qual caminho será trilhado. Iniciamos essa retomada pela influência do modelo Higienista e Militarista, em que o Esporte na Escola servia apenas de suporte ideológico na busca de talentos esportivos, com a intenção de “garimpar” futuros atletas que representassem o país em grandes competições nacionais e internacionais (Darido; Sanches, 2005).

As aulas de Educação Física Escolar eram transformadas praticamente em “treinos”, utilizando o modelo que é considerado tradicional/tecnicista, o qual foca-se apenas em um “fazer pelo fazer” sem levar em consideração outros aspectos, como os sociais e culturais. (Faganello, 2008). Utilizavam desta forma, o método analítico-sintético, em que os fundamentos esportivos de cada modalidade eram ensinados de forma isolada, fragmentados, pois acreditava-se que a somatória deles ao longo das aulas subsequentes, totalizaria em uma suposta aprendizagem. Para tanto, estimulava-se a repetição do gesto técnico de forma exaustiva, desconsiderando a inteligência dos jogadores/alunos em solucionar problemas táticos que os jogos proporcionam (Galatti *et al.*, 2014).

Opondo-se ao modelo tradicional/tecnicista, a partir de 1980 surgiu o Movimento Renovador da Educação Física, rompendo com a visão estritamente biológica da disciplina, surgindo então as abordagens pedagógicas fundamentadas em diferentes matrizes filosóficas como a desenvolvimentista, a construtivista, e a crítica superadora de cunho culturalista alicerçadas pelas teorias de Saviani e Libâneo (Lavoura; Botura; Darido, 2006). Estas abordagens pedagógicas têm como objeto de conhecimento a Cultura Corporal de Movimento, as quais consideram além dos aspectos naturais e biológicos, os relacionados aos aspectos de ordens sociais e históricas. (Betti, 2007). Para essas abordagens culturalistas o ensino do

Esporte deve ir além de uma prática que se inicia e termina nela mesma, mas deve proporcionar vivências carregadas de valores sociais e culturais, que o ressignifica dependendo do contexto em que é praticado (Darido; Rangel, 2005).

É importante destacar que mesmo com todas essas abordagens, durante todos esses anos, a Educação Física sempre buscou fazer uma adaptação ao contexto, à realidade local e ao momento que a Educação se encontrava. E é a partir deste cenário, que fez e faz parte da Educação Física como um todo, que recentemente surge a BNCC, o documento norteador atual, que deve ser considerado pelas Escolas e pelos professores ao realizar o planejamento das aulas. Sendo assim, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017, estabelece competências e habilidades que devem ser garantidas aos alunos de todas as instituições escolares brasileiras da educação básica por meio de disciplinas curriculares, anos de escolaridade ou ciclos. Além disso, discorre que o seu ensino deve ser estruturado por meio de uma “lógica interna” das modalidades esportivas, utilizando-se como referência os critérios de cooperação, interação com o adversário, desempenho motor e objetivos táticos da ação. Sendo estruturados em blocos, nos quais podem ser identificados estruturas universais ou a lógica interna das ações motoras que se assemelham durante o jogo (Brasil, 2017b).

Esta classificação foi fundamentada nos estudos de Parlebás (1988), que sugere que a aprendizagem ocorre por meio das ações motoras intrínsecas aos esportes na qual categoria a modalidade pertence, podendo ser classificada em: marca; precisão; técnico-combinatório; rede/quadra dividida ou parede de rebote; campo e taco; invasão ou territorial; combate (Brasil, 2017b). Vale destacar que qualquer proposta metodológica para o ensino do esporte no ambiente escolar deve ser desenvolvida ao longo das séries, pois há necessidade de tempo para ser realizada de modo que possibilite um adequado processo de ensino e aprendizagem. Reforçando este propósito, sabemos que o esporte é apenas um dos conteúdos a serem trabalhados nas aulas de Educação Física escolar, pois outros conteúdos existem pertinentes a este componente curricular (Barroso; Darido, 2009).

O Esporte, por ser um conteúdo tradicional do componente curricular Educação Física e pelo fato de estar intensamente presente na nossa sociedade, necessita receber um tratamento pedagógico adequado (Barros; Darido, 2009). Neste sentido, a teoria crítico emancipatória construído por Kunz (2004) em sua publicação da Transformação Didático-Pedagógica do Esporte nos chama atenção,

pois ao abordar o esporte na escola, faz um trabalho de aprofundamento teórico, além de considerar as experiências que os alunos trazem consigo e suas vivências anteriores. Proporcionando um ambiente favorável ao desenvolvimento de uma aprendizagem que seja significativa para o aluno e que favorece seu protagonismo.

Segundo Kunz (2004) o Esporte deve ser trabalhado almejando o desenvolvimento do aluno em relação a determinadas competências imprescindíveis na formação de sujeitos livres e emancipados. Destacando que a pedagogia no sentido crítico emancipatória precisa estar acompanhada de uma didática comunicativa para fundamentar a função de esclarecimento e da prevalência racional de todo agir educacional. A pedagogia do esporte também vem ganhando destaque, pois valoriza o ensino esportivo por meio dos elementos técnico-táticos das modalidades, possibilitando a elaboração de situações problemas que devem ser resolvidas pelos alunos o mais próximo possível da realidade do jogo, fazendo com que as formas de ensinar não fiquem apenas estagnadas na técnica como o modelo tradicional/tecnicista preconiza (Machado; Galatti; Paes, 2015).

Sobre a Pedagogia do Esporte, Barroso e Darido (2009) observam que esta vem apresentando significativas contribuições na estruturação de propostas relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem de modalidades esportivas, dispensando constante atenção quanto à elaboração de métodos e estratégias de ensino que favoreçam uma aplicação apropriada do esporte dentro e fora do ambiente escolar. Conforme Scaglia (2014), a Pedagogia do Esporte é compreendida como uma práxis educativa na qual as ações e intervenções intencionais revestem-se de exigências pedagógicas, assumindo a responsabilidade de estabelecer a relação entre teoria e prática. Assim, a Pedagogia do Esporte assume o porquê, o para que, o que e como ensinar o esporte, em diferentes cenários, para distintas faixas etárias.

As novas tendências em Pedagogia do esporte são formadas por diferentes caminhos, muitos deles, construídos sobre os pressupostos da teoria interacionista e suas abordagens do processo de ensino (humanista, sociocultural, cognitivista e ecológica). Para Freire e Scaglia (2003) o objetivo da Pedagogia do Esporte consiste em conhecer, contextualizar e ressignificar o esporte, para que os alunos possam ampliar e apropriar-se criticamente dos conhecimentos relativos às práticas esportivas definidas pelo projeto pedagógico de cada escola, ou seja:

Ao considerarmos o esporte como um fenômeno sociocultural, estamos tratando de conhecimentos, saberes e valores que foram produzidos culturalmente, carregados de representações simbólicas que foram construídas ao longo da história, o esporte enquanto uma cultura adquirida se desenvolveu em meio a grandes processos de transformações sociais, e tem na escola um ambiente para ressignificação proporcionando-lhes o tratamento pedagógico adequado” (Reverdito *et al.*, 2016, p. 65).

Sendo assim, segundo Reverdito, Scaglia e Paes (2013) os conteúdos da Pedagogia do Esporte, apresentados como possibilidades devem ser vistos não como modelos de ensino, mas como uma abordagem metodológica (concepção de ensino) que possa ser reelaborada pelos professores diante das diversas realidades das escolas brasileiras, o que proporcionará um ambiente significativo e rico de possibilidades.

4 MODALIDADES ESPORTIVAS POR MEIO DE JOGOS: Autonomia, Participação, Socialização e Respeito

Esta seção surge da necessidade de explicar o questionamento levantado na introdução deste estudo, quando questionamos o documento norteador da Cidade de Curitiba-PR para as aulas de Educação Física - “Currículo do Ensino Fundamental: Diálogos com a BNCC” (Curitiba, 2022), o qual insere o conteúdo Esporte apenas como uma das possibilidades dentro do conteúdo Jogos (Jogos Esportivos). Fato este que nos causou incômodo, pois acreditamos na importância do Esporte como conteúdo propriamente dito também para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Entretanto, quando sugerimos trabalhar por meio de Jogos o conteúdo Esporte pode gerar dúvidas sobre tal questionamento.

Ora, a polêmica entre Jogo ou Esporte sempre fez parte do ambiente escolar, pois ambos possuem a mesma natureza. Mauro Betti (2018) em seu texto “A versão final da BNCC da Educação Física (Ensino Fundamental): menos virtudes, os mesmos defeitos” aponta inclusive que ao caracterizar Jogo e Esporte a própria BNCC acaba sendo contraditória e ambígua ao tentar diferenciá-los:

Na caracterização do que se entende por jogo, a BNCC-EF destaca a “criação e alteração das regras”, o “combinado coletivamente”, a “recriação dos jogos por diferentes grupos

culturais” (BNCC, 2017, p.212). Mas, ora, o mesmo se fala sobre “Esportes”, os quais reúnem as “manifestações mais formais desta prática quanto às derivadas” (p. 213); essas últimas adaptam “normas institucionais aos interesses dos participantes, às características do espaço, ao número de jogadores, ao material disponível, etc.” (BNCC, 2017, p. 213). Nesse sentido exemplifica a BNCC-EF: “em um jogo de dois contra dois em uma cesta de basquetebol, os participantes estão jogando basquetebol, mesmo não sendo obedecidos os 50 artigos que integram o regulamento oficial da modalidade”(BNCC, 2017, p. 2013). Correto! Por isso, a própria BNCC-EF fala em jogo de basquetebol (Betti, 2018, p. 164).

Assim dizendo, Esporte e Jogo aproximam-se, exatamente o que se deve esperar em uma didática da Educação Física no Ensino Fundamental, em especial no primeiro ciclo (Betti, 2018), sugerindo que ao abordar o ensino do Esporte nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o façamos por meio de jogos, sem que este o descaracterize.

Neste sentido, a Pedagogia do Esporte se mostra uma ferramenta educativa eficaz. Nela a realidade de professores e alunos é o ponto de partida para a organização do planejamento de aulas, definição de metas, objetivos, conteúdos e avaliações. Ao usar a divisão dos jogos em níveis de complexidade permite aos professores dosar e sequenciar os conhecimentos esportivos, adaptando-os à realidade e a cultura dos alunos, de forma assegurar uma aprendizagem significativa e eficaz, e ainda afirma que todos os jogos permitem variações para o ensino do esporte (Sadi, 2010).

Quer dizer, como recurso pedagógico, busca a autonomia, salienta os valores e condutas de comportamentos como participação, socialização, coeducação, respeito, cooperação, emancipação, igualdade e convivência. Além disso, Barroso e Darido (2009) reforçam a utilização do jogo pela motivação e pelo prazer proporcionado por ele, favorecendo o ambiente da aprendizagem. Ao realizar o jogo como forma de ensino do Esporte, não se trata do considerado jogo formal, no qual as regras e a sua estruturação devam seguir as padronizações convencionais do esporte, mas sim, uma diversidade nas formas de se jogar, com o intuito de propiciar melhores condições para que se dê a aprendizagem (Barroso; Darido, 2009).

Ao utilizar diversos tipos de jogos, pretende proporcionar um melhor entendimento tático da modalidade envolvida e conseqüentemente facilitará a

aprendizagem dos gestos motores específicos. Sendo assim, certas características nos jogos servem como facilitadores durante o processo de ensino e aprendizagem do esporte: a apresentação de regras permitindo que todos participem efetivamente, sem haver exclusão dos menos habilidosos; o uso de brincadeiras da cultura popular, inserindo movimentos de variadas modalidades esportivas; a realização de jogos em espaços menores e com número reduzido de integrantes em cada equipe, propiciando mais contatos com a bola, no caso das modalidades coletivas; realizar alterações em um jogo, aumentando gradativamente as dificuldades e desafios a serem enfrentados pelos alunos, o que o fará aproximar-se das características de determinada modalidade esportiva (Barroso; Darido, 2009).

Sobre a forma de trabalhar este conteúdo nas aulas de Educação Física, Freire (2019) considera que o esporte deve ser abordado no contexto escolar, não somente em relação aos aspectos motores (procedimentais), mas também cognitivos (conceituais) aos afetivos e sociais (atitudinais), que não podem ser esquecidos. O “fazer” é importante, mas o “conhecer”, o “aprender” e o “ser” devem estar presentes no trato desse conhecimento na escola.

Barroso e Darido (2009) também reforçam que enquanto conteúdo do componente curricular de Educação Física, deve estar voltado não só para os objetivos da prática esportiva, mas ter o enfoque na formação dos alunos. Sobre isto, Darido (2007) evidencia a importância de o componente curricular Educação Física abordar o ensino de movimentos (dimensão procedimental), mas indica que deve ir além, incluindo atitudes que os alunos devam ter nas e para as atividades corporais (dimensão atitudinal). Mostra também que é direito do aluno aprender o porquê de estar realizando determinado movimento (dimensão conceitual). Entretanto, não deve ocorrer uma divisão das dimensões dos conteúdos durante a prática docente, elas devem se manifestar de forma inter-relacionada, embora possa ocorrer ênfase em determinados momentos.

Os PCN's também direcionam o trabalho para uma coligação entre as dimensões conceituais e procedimentais, entendendo que se estabelece um constante diálogo entre o fazer, o pensar e o sentir, em tudo que envolve a cultura corporal de movimento (Brasil, 1998). Apontam também para a necessidade de uma abrangência de assuntos a serem discutidos e estratégias metodológicas, como, por exemplo, proporcionar aos alunos um melhor entendimento das mudanças e evoluções das modalidades esportivas, reflexão sobre questões como as relações

do esporte com a sociedade, interferência da mídia nas regras de determinadas modalidades, surgimento de novos jogos (vôlei de areia, futebol de areia, basquetebol de rua, etc.) a partir de certas modalidades esportivas, diferentes objetivos da utilização do esporte em distintos cenários como o esporte praticado na escola, esporte profissional e esporte recreacional, tudo isso vinculado à dimensão conceitual.

Em relação à dimensão atitudinal, podem-se citar o respeito às diferenças de habilidade, étnicas e de gênero, a discussão do oferecimento do ensino com qualidade a todos, o estabelecimento de um convívio mais harmonioso com colegas, a participação de forma mais cooperativa na comunidade em que se convive, entre outros. Almejam assim, transpor a barreira de apenas ensinar a realizar gestos motores e dar um cunho mais qualitativo à Educação Física nas escolas brasileiras. Neste sentido, Silva (2020) reforça a necessidade de abordar pedagogicamente o conteúdo esporte de forma tensional, contextualizado, de modo a produzir conhecimentos aquém do saber-fazer, centrado no protagonismo do aluno para que todos tenham acesso a esse fenômeno sócio histórico através de uma prática educativa concreta que possa alcançar diferentes contextos, sentidos, significados e finalidades.

5 MÉTODO

Levando em consideração o objetivo do estudo¹: Analisar como a inserção dos esportes de rede não convencionais nas aulas de Educação Física numa turma de 4º ano do Ensino Fundamental podem contribuir para a formação dos estudantes para além dos esportes tradicionais, justificamos a escolha pela pesquisa qualitativa, pois quando abordado na Escola permite descrever a complexidade de determinado problema e compreender e classificar os processos dinâmicos, as mudanças, as variáveis e particularidades dos docentes, gestores e alunos que se incluem nesse contexto (Del-Masso, 2018). Além disso, seu foco principal está no processo,

¹ Pesquisa registrada junto ao Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e cadastrada na Plataforma Brasil sob o nº 67753023.7.0000.0104, a qual obteve aprovação para a sua realização conforme o parecer consubstanciado número 6.189.456 datado de 18 de julho de 2023.

potencializando a verificação de elementos existentes na realidade estudada (Prodanov; Freitas, 2013).

Como Técnica de Pesquisa foi utilizada a pesquisa do tipo intervenção pedagógica (Damiani *et al*, 2013), pois são investigações que envolvem o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações) – destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam – e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências. Estas possuem um caráter aplicado, ou seja, têm como finalidade contribuir para a solução de problemas práticos. Para Robinson (1995) a sua importância se dá por serem realizadas sobre e com pessoas, fora do ambiente protegido de um laboratório, alertando para a distância existente entre a produção acadêmica da área da Educação e seus reflexos na prática dos profissionais que trabalham nas instituições de ensino.

Para ele, as produções acadêmicas muitas vezes são reproduzidas pelos profissionais que atuam na escola possuindo apenas informações superficiais, sem a preocupação de verificar se foram adequadamente avaliadas e que impactos, efetivamente, produzem nos estudantes. Já as pesquisas aplicadas subsidiam as tomadas de decisões acerca de mudanças em práticas educacionais, promovem melhorias em sistemas de ensino já existentes, trazendo inovações. É através dela que a produção acadêmica pode produzir o desejado impacto na prática.

O Diário de Campo foi escolhido para ser o instrumento de pesquisa, uma vez que este é muito comum na área pedagógica. Nela utiliza-se um tipo de caderno de notas, no qual o investigador escreve o que observa e que não é objeto de nenhuma entrevista. Por meio dele pode-se utilizar de impressões pessoais, que se modificam com tempo, em conversas informais, observações de comportamentos contraditórios às falas, dentre outros aspectos (Minayo, 2014).

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Anísio Teixeira, no Município de Curitiba-PR, localizada numa comunidade carente, próxima a região Metropolitana de Colombo, abrangendo grande parte dos alunos residentes deste Município. Há atualmente na escola 362 alunos matriculados, distribuídos nos dois períodos de funcionamento.

A escola possui 8 salas de aula, cozinha, refeitório, secretaria, sala dos professores, sala de atendimento, sala da gestão e mais especificamente utilizado nas aulas de Educação Física uma quadra poliesportiva descoberta, e outra coberta,

além de um pátio, e um bosque. A Escola funciona em período integral para as turmas de 1º, 2º e 3º anos e para as turmas de 4º e 5º anos oferta apenas o período regular, disponibilizando para estes, atividade de contraturno na modalidade esportiva Voleibol.

O estudo foi realizado com 1 turma do quarto ano do ensino fundamental – anos iniciais, no período da tarde, totalizando mais ou menos 29 alunos, destes 15 são do gênero feminino e 14 do gênero masculino, com idade entre 9 e 10 anos. São alunos, em sua maioria, de baixo poder aquisitivo, que demonstram grande interesse em participar de atividades esportivas, principalmente ao voleibol, tendo em vista que esta modalidade é ofertada no contraturno.

Essa turma usufrui de 2 aulas semanais de Educação Física em dias diferentes, com duração de 50 minutos cada. A escolha da referida turma deve-se pelo fato de ser a única de turma de 4º ano no período da tarde, período ao qual a pesquisadora trabalha na referida Escola, pretendendo realizar a intervenção no 2º trimestre, pois é neste que o conteúdo Jogos Esportivos consta no planejamento do 4º ano.

Como metodologia optamos por utilizar a Pedagogia do esporte na construção e desenvolvimento da unidade didática, principalmente quando dizemos que o intuito é realizar mini-jogos das modalidades pretendidas. Entretanto como pretendemos ampliar o repertório cultural, além de abranger as três dimensões do conhecimento (conceitual, procedimental e atitudinal) e possuímos pouco tempo para tal, iremos realizar uma explanação geral sobre este grupo esportivo (esportes de rede) e em seguida desenvolver jogos específicos de cada modalidade.

Escolhemos seguir este caminho, pois observamos que após a implementação da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e sua proposta de divisão e ampliação de conteúdos, muitos professores questionam a falta de tempo para conseguir abordar a grande quantidade de conteúdos propostos. Se formos pensar em aprofundamento, o tempo realmente é pouco, entretanto, ao realizar aulas em que as habilidades similares a um grupo determinado de esportes sejam trabalhadas juntas, será possível otimizar o tempo e realizar um trabalho mais efetivo. Ou seja, quando trabalhamos modalidades semelhantes ocorre transferência de conhecimento de uma para outra (González, Darido e Oliveira, 2017) facilitando a aprendizagem.

Desta forma, a sequência didática foi dividida em 4 momentos:

1. Apresentação do tema, trabalho da parte conceitual sobre o que são esportes de rede e suas possibilidades no ambiente escolar.
2. Prática dos Esportes de Rede Não Convencionais, partes procedimental e atitudinal dos esportes de rede apresentados, utilizando um modelo de ensino estruturado a partir da realização de mini-jogos, sendo que antes e depois de cada prática será feita uma roda de conversa para que os alunos participem ativamente do processo de elaboração e reflexão das atividades propostas.
3. Criação e prática de um novo jogo
4. Avaliação

No total foram utilizadas 11 aulas de 50 minutos cada, sendo estas aplicadas por mim, com o auxílio da professora de Educação Física da turma. As aulas foram divididas conforme o cronograma proposto no Quadro 1:

Quadro 1: Cronograma-conteúdos

Aulas	Conteúdos
Aula 1	1- Apresentação e organização do trabalho pedagógico 2- Avaliação Diagnóstica 3- Exposição verbal: fazendo uma sondagem sobre aquilo que os alunos já conhecem sobre os esportes de rede; apresentar vídeos/imagens sobre os esportes de rede.
Aula 2	Peteca (Mapear conhecimentos; • Trabalhar aspectos técnicos e táticos; • Reconhecer as características dos esportes de rede/parede; • Conhecer história e regras da modalidade; • Vivenciar jogos simples e duplas; • Avaliar o trabalho realizado).
Aula 3	Manbol (Mapear conhecimentos; • Trabalhar aspectos técnicos e táticos; • Reconhecer as características dos esportes de rede/parede; • Conhecer história e regras da modalidade; • Vivenciar jogos simples e duplas; • Avaliar o trabalho realizado).
Aula 4	Sorvebol (Mapear conhecimentos; • Trabalhar aspectos técnicos e táticos; • Reconhecer as características dos esportes de rede/parede; • Conhecer história e regras da modalidade; • Vivenciar jogos simples e duplas; • Avaliar o trabalho realizado).
Aula 5	Badminton (Mapear conhecimentos; • Trabalhar aspectos técnicos e

	táticos; • Reconhecer as características dos esportes de rede/parede; • Conhecer história e regras da modalidade; • Vivenciar jogos simples e duplas; • Avaliar o trabalho realizado).
Aula 6	Mirimbol (Mapear conhecimentos; • Trabalhar aspectos técnicos e táticos; • Reconhecer as características dos esportes de rede/parede; • Conhecer história e regras da modalidade; • Vivenciar jogos simples e duplas; • Avaliar o trabalho realizado).
Aula 7	Beach tênis (Mapear conhecimentos; • Trabalhar aspectos técnicos e táticos; • Reconhecer as características dos esportes de rede/parede; • Conhecer história e regras da modalidade; • Vivenciar jogos simples e duplas; • Avaliar o trabalho realizado).
Aula 8	Elaboração de um novo esporte baseado nos conhecimentos adquiridos
Aula 9	Prática do esporte criado
Aula 10	Prática do esporte criado
Aula 11	Avaliação: questionário avaliativo

A partir da definição do cronograma, elaboramos um modelo de plano de aula para a organização das atividades presentes nas aulas teórico/práticas das modalidades escolhidas, constando a identificação da turma, conteúdo, objetivos, procedimentos metodológicos, materiais e avaliação, conforme apresentado no quadro 2:

Quadro 2: Modelo de Plano de Aula

IDENTIFICAÇÃO: 1) Nome da Escola: 2) Nome da Professora: 3) Série/Turma: 4) Quantidade de Alunos:
CONTEÚDO/OBJETO DE CONHECIMENTO:
OBJETIVOS:
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: 1) Roda Inicial:

2) Desenvolvimento da Aula:

2.1) Primeiros Movimentos

2.2) Jogo Inicial

2.3) Consciência Tática

2.4) Tarefa

2.5) Jogo Final

3) Roda Final:

MATERIAIS:

AVALIAÇÃO:

Fonte: Produzido pela autora, adaptado de González, Darido e Oliveira (2017).

As observações foram anotadas num Diário de campo do tipo descritivo e interpretativo ao final de cada aula, contando com um roteiro semi estruturado para contemplar itens importantes como: mudanças de estratégias, participação dos alunos, recursos materiais utilizados, dentre outros aspectos (Bogdan e Biklen, 1994), bem como entrega de questionário ao final dos 11 encontros, para avaliação pelos alunos da sequência desenvolvida.

Na análise dos dados, levando em consideração que é uma pesquisa qualitativa e esta está relacionada ao ambiente do pesquisador e aos dados coletados, foi feito um relato descritivo, obtido de diferentes formas como entrevistas, fotografias, vídeos, notas de campo, dentre outros. Neste tipo de análise o foco está mais no processo do que no produto em si, em que o “interesse” do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ela se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas (Lüdke; André, 2018).

Como técnica de análise de dados, utilizamos a Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin, a qual compreende este processo como um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que objetiva analisar diferentes aportes de conteúdo sejam eles verbais ou não-verbais, por meio de uma sistematização de métodos empregados numa análise de dados (Bardin, 2004, p. 41).

Bardin (2011) estrutura Análise de Conteúdo em três fases:

1) pré-análise: o pesquisador começa a organizar o material para que se torne para que se torne útil à pesquisa, sistematizando as ideias em quatro etapas

(leitura flutuante, escolha dos documentos, reformulações de objetivos e hipóteses e a formulação de indicadores) (Bardin, 2004).

2) exploração do material, categorização ou codificação: consiste no desmembramento e posterior agrupamento ou reagrupamento das unidades de registro do texto. Nesta fase, a repetição de palavras e/ou termos pode ser a estratégia adotada no processo de codificação para serem criadas as unidades de registro e, posteriormente, categorias de análise iniciais (Bardin, 2010).

3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação: fase onde busca-se a significação das mensagens. É considerada a “operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude da sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras” (Bardin, 2010, p. 41).

A validade dos achados da pesquisa é resultante de uma coerência interna e sistemática entre essas fases, cujo rigor na organização da investigação inibe ambiguidades e se constitui como premissa fundante (Souza e Santos, 2020).

Por fim, convém informar que a presente pesquisa foi registrada junto ao Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e cadastrada na Plataforma Brasil sob o nº 67753023.7.0000.0104, e obteve aprovação para a sua realização conforme o parecer consubstanciado número 6.189.456 datado de 18 de julho de 2023. Outrossim, com exceção de 2 participantes, cujos responsáveis não concordaram na participação da pesquisa, os demais assinaram os seus respectivos termos de consentimento (APÊNDICES 1 e 2).

6 ESPORTES DE REDE: Novas Possibilidades Dentro do Ambiente Escolar

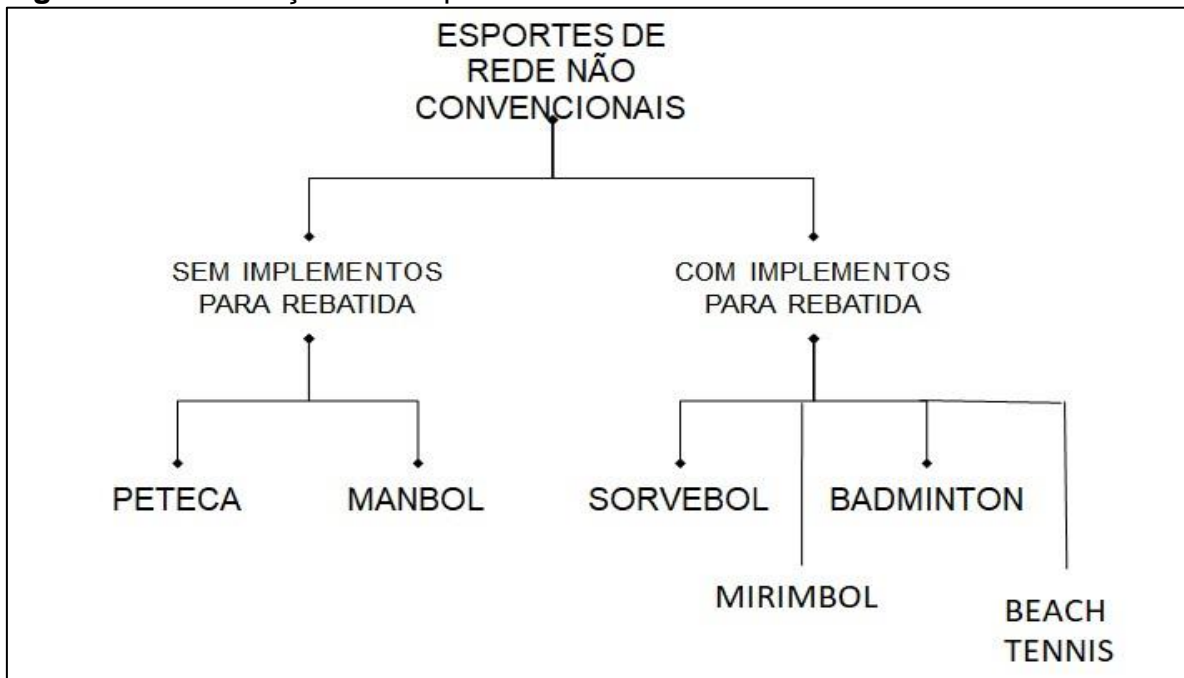
A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define o esporte como um dos conhecimentos essenciais da Educação Física classificando-o em 7 categorias: de marca, técnico-combinatório, rede/quadra dividida ou parede de rebote, campo e taco, invasão, precisão e combate. Todas essas classificações contribuem para agrupar as diferentes modalidades esportivas tomando como referência aspectos como a cooperação, a interação com o adversário, o desempenho motor e os objetivos táticos da ação que, conseqüentemente, fornecem uma maior compreensão acerca dessas práticas (Fú, 2021).

Neste estudo a ênfase está nos Esportes com Rede Divisória ou Muro/Parede de Rebote que são modalidades nas quais se arremessa, lança ou se bate na bola ou peteca em direção à quadra adversária (sobre a rede ou contra uma parede) de tal forma que o rival não consiga devolvê-la, ou a devolva fora do campo adversário ou pelo menos tenha dificuldades para devolvê-la (González, Darido e Oliveira, 2017). Uma característica comum desses esportes é que sempre se joga interceptando (defesa) a trajetória da bola, disco ou da peteca ao mesmo tempo em que se tenta jogá-la para o lado do adversário (ataque).

No caso do Tênis, Badminton, Peteca, Pelota Basca, Raquetebol, o vaivém da bola ou da peteca é direto (alternado direto). Já no Voleibol, Punhobol, Vôlei de Praia, Indíaca, Sepaktakraw tanto dá para devolver a bola direto quanto dá para fazer passes entre os companheiros de uma mesma equipe antes de mandar a bola para o outro lado de quadra (alternado indireto). Na defesa, a ideia é ocupar os espaços da melhor forma possível para receber bem a bola ou a peteca e devolvê-la de um jeito que dificulte a ação dos adversários (González, Darido e Oliveira, 2017).

Neste sentido, pensando nos esportes de rede como possibilidade para ampliar o repertório cultural esportivo dos nossos estudantes, e sabendo que existem diversas modalidades que podem ser contempladas pedagogicamente na escola, optamos por apresentar na nossa unidade didática as seguintes modalidades (Peteca, Manbol, Sorvebol, Badminton, Beach Tennis e Mirimbol). Tal escolha se deu pela disponibilidade de materiais na escola em que a pesquisa foi realizada, também pensando em alternar esportes já mundialmente conhecidos com novos esportes, inclusive criados por brasileiros, valorizando a nossa cultura, além da facilidade em poder adaptar tais modalidades em espaços reduzidos, seguindo a proposta de González, Darido e Oliveira (2017) da utilização de mini-quadras, pois favorecem o maior alcance e participação de um número elevado de estudantes trabalhando em conjunto e aprendendo coletivamente.

Além disso, a escolha pelas modalidades teve a intenção de proporcionar vivências tanto de esportes de rede que não precisam de equipamentos para rebatidas (Peteca, Manbol), quanto esportes que utilizam algum equipamento como raquete (Badminton, Beach Tennis e Mirimbol) ou o cone no caso do Sorvebol, conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1- Classificação dos Esportes de Rede não Convencionais

Fonte: autoria própria.

Salientamos também que, em meio às peculiaridades de cada modalidade, encontramos algumas semelhanças, como o fato de todas possuírem uma história rica e complexa, com características que se modificam ao longo do tempo, em resposta às transformações sociais. Por isso, apresentar os aspectos históricos, as características e curiosidades dessas seis modalidades escolhidas para a sequência didática é essencial para que os alunos possam compreendê-las e aprendê-las melhor.

6.1 Sequência Didática

Sequência didática é um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos (Zabala, 1998, p. 18). Na sua elaboração devemos considerar alguns passos básicos ou fases que são: a escolha do tema, questionamentos para problematização do tema a ser desenvolvido, planejamento dos conteúdos, objetivos a serem alcançados no processo de ensino e aprendizagem, determinação da sequência de atividades, considerando ainda, a divisão de grupos, o cronograma, o material didático, a integração entre cada atividade e avaliação dos resultados (OLIVEIRA, 2013, p. 40).

A seguir são apresentadas informações históricas, técnicas e possibilidades como conteúdo escolar dos 6 Esportes de Rede escolhidos para esta dissertação (Peteca, Manbol, Sorvebol, Badminton, Beach Tennis, Mirimbol).

6.1.1 Peteca

A Peteca, embora bastante praticada nas brincadeiras infantis, ainda é pouco reconhecida como esporte. Segundo a Confederação Brasileira de Peteca (CBP) a modalidade de origem brasileira já era praticada de forma recreativa pelos índios antes da chegada dos portugueses (Confederação Brasileira de Peteca, 2014), mas apesar de tanto tempo, suas regras surgiram apenas em 1973 e foi somente em 1985 que o jogo se tornou oficializado no Brasil, mostrando que apesar de tanto tempo de existência, a peteca como esporte institucionalizado, ainda é muito recente comparada às outras modalidades (Ginciene; González, 2017).

Foi somente a partir da evolução das suas regras criadas ao longo dos anos, que o Jogo se tornou mais dinâmico e vem se desenvolvendo no Brasil, aumentando o número de praticantes em vários estados e elevando muito o seu nível, fazendo com que jogadores de todas as idades tenham uma maior motivação para praticarem o esporte (Carvalho e Ribeiro, 2018). A modalidade é reconhecida por ser acessível a pessoas de todas as idades e habilidades, sendo sua lógica interna semelhante ao voleibol, esporte muito popular no Brasil. Em ambas modalidades o objetivo é fazer a bola/peteca passar sobre a rede e cair no chão da quadra adversária, entretanto, na peteca é preciso fazer o implemento ser passado direto para a quadra adversária, enquanto no voleibol é permitido 3 toques (Ginciene; González, 2017).

6.1.2 Manbol

Outro esporte que tem se desenvolvido bastante no Brasil é o Manbol, criado em 1992 pelo brasileiro Rui Hildebrando no estado do Pará, Norte do Brasil. No início, era uma brincadeira que utilizavam mangas em sua prática, essas eram jogadas simultaneamente pelos seus participantes com objetivo de não as deixar cair no chão. O sucesso foi tão grande, pela sua distinção e dinamismo que cada vez mais as crianças e jovens até mesmo adultos foram praticando a brincadeira e isso incentivou Rui a desenvolver materiais adequados para prática do Manbol e com isso torná-lo um esporte regular, criando em 2004 a Confederação Brasileira de

Manbol (CBM). Este esporte tem como diferencial o fato de ser jogado com duas bolas simultaneamente, resultando numa disputa bastante acirrada e dinâmica (Jesus; Jesus, 2022).

6.1.3 Sorvebol

Tal como o Manbol, o Sorvebol é um esporte considerado novo e também desenvolvido por um brasileiro, o professor Cláudio Mendes na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, em 2003. O termo Sorvebol faz alusão ao fato de que ao encaixar a bola sobre o cone o mesmo lembra uma “casquinha de sorvete” (Fú, 2021). O objetivo principal deste esporte, assim como os demais esportes de rede, é fazer com que a bola ultrapasse a rede e caia na área adversária para marcar os pontos. Para isso, os jogadores devem utilizar um cone para dominar a bola e arremessá-la (Federação Internacional de Sorvebol, 2021).

A facilidade da prática e o caráter inovador permitiram sua rápida expansão como esporte escolar. Desde a implantação como conteúdo nas aulas de Educação Física das escolas municipais de Belo Horizonte, a prática vem crescendo e tem despertado o interesse e a motivação dos alunos para praticá-lo, pois, apesar de ter se tornado um esporte oficial, não perdeu seu caráter lúdico, inovador e inclusivo (Melo, 2020).

6.1.4 Badminton

Apesar de ser um esporte muito antigo, nas escolas brasileiras vem sendo introduzido há pouco tempo. Sua origem remonta por volta de 1600 e deriva de um jogo chamado Battledore and Shuttlecock, em que o objetivo era bater com uma raquete em uma peteca o maior número de vezes possível, sem deixá-la cair. Em meados de 1800, soldados ingleses que estavam na Índia desenvolveram uma versão do jogo denominada “Poona”, e levaram a modalidade para seu país. A modalidade foi apresentada em 1870 para a realeza local pelo Duque de Beaufort, em seu palácio chamado Badminton House, na Inglaterra, daí o nome que rebatizou o esporte (Gonçalves et al., 2012). No Brasil, tal modalidade apareceu como esporte de competição apenas em meados dos anos 80, por meio de imigrantes chineses, belgas, ingleses, dentre outros, que praticavam o esporte em clubes e associações no estado de São Paulo (Fonseca; Silva, 2012).

O Badminton é um esporte de raquete com peteca que lembra o Volei e o Tênis de Campo, no entanto contém regras que o atribuem características singulares. Seu objetivo principal consiste na ação de colocar a peteca no solo da quadra do adversário, fazendo-a passar por cima da rede e evitando que o adversário faça o mesmo. Sua realização ocorre preferencialmente em ginásios esportivos em que a ausência do vento é um aspecto fundamental para as competições oficiais, todavia esse fator não impede a sua realização de maneira amadora em pátios, praças, escolas dentre outros espaços abertos com a presença de vento.

Embora ainda seja pouco difundido em nosso país, ele é considerado como um dos esportes mais populares do mundo, principalmente nos países da Europa e Ásia; tais como Inglaterra, Suécia, Dinamarca, Indonésia e China. Além disso, é conhecido como o esporte de raquete mais veloz do mundo, em que a peteca pode atingir em nível profissional a velocidade de 400 Km/h (Batista; Lima; Moura, 2015).

Ou seja, é um esporte de raquete que faz parte da família dos esportes de rede e tem sido difundido no Brasil pelo seu apelo motivador, pois, desde os primeiros contatos, o aprendiz já é capaz de dominar alguns fundamentos e jogar com certa facilidade (Aburachid; Silva 2011). É reconhecido por promover o desenvolvimento cultural, trazendo a possibilidade de diferentes práticas de movimento ainda pouco conhecidas no Brasil, além do desenvolvimento educacional, com ações de fair play e coeducação necessários ao bom andamento do jogo (Ginciene; Aburachid, 2017).

6.1.5 Beach Tennis

Outro esporte de rede que utiliza raquete e que vem ganhando espaço nas praias, nas arenas e na mídia é o Beach Tennis, disputando os espaços das quadras de areia das cidades pelo Brasil com esportes já consagrados como o Vôlei de praia e o Futevôlei.

Criado em meados de 1987 na província de Ravenna na Itália, este esporte é uma mistura do tênis tradicional, vôlei de praia e *Badminton* e suas regras e práticas vêm se modificando ao longo dos anos. Segundo a Federação Internacional de Tênis (ITF) ele é praticado por mais de 500 mil pessoas espalhadas em todos os continentes, independentemente de sexo e idade. A modalidade chegou ao Brasil em 2008 no estado do Rio de Janeiro. Desde então, o Beach Tennis vem crescendo

rapidamente para outras cidades litorâneas brasileiras. O sucesso do Beach Tennis no Brasil e no mundo deve-se pela facilidade com que uma pessoa aprende a jogar e pela diversão que ele proporciona mesmo para quem nunca praticou antes. Além disso, é uma excelente opção para quem quer melhorar o condicionamento físico e cuidar da saúde (Confederação Brasileira de Tênis- CBT, 2022).

Pensando na escola, o *Beach Tennis* surge como mais um novo esporte com raquete em que é possível desenvolver por meio de práticas pedagógicas que busquem a inovação para além dos aspectos relacionados apenas ao divertimento e o condicionamento físico (Figueirêdo, 2023).

6.1.6 Mirimbol

Esporte alternativo criado em 2019 pelo professor de Educação Física e pedagogo, Cristiano Pantoja Paraguassú, na cidade de Igarapé Miri – interior do Estado do Pará – Brasil. Nasceu como um recurso para dificuldades com espaço físico - as quadras sem coberturas deixavam as crianças expostas ao sol e a chuva - impossibilitando uma prática de atividade com qualidade. Observando uma pequena área coberta em frente a copa da escola Raimundo Emiliano (6º ao 9º ano), quando viu um aluno brincando e rebatendo uma bola de tênis de mesa com uma raquete. Então o professor riscou o chão e colocou um fio substituindo a rede de jogo e convidou um amigo para realizar testes. Observou então que a raquete de tênis de mesa, em algumas jogadas deixava a desejar com a bola batendo no braço da criança devido ao seu tamanho, aí pensou em aumentar um pouco as dimensões da raquete (Hooper, 2021).

Após a delimitação dos Esportes de Rede, que servem de base para a construção e desenvolvimento da unidade didática, foi realizada uma pesquisa nas seguintes plataformas: Periódicos Capes, Scientific Electronic Library Online (SciELO), e Google Acadêmico, para identificar referências e autores que já tenham estudado o tema deste trabalho. Para tanto, foram utilizados os termos de busca “esportes de rede e escolas”, “esportes alternativos e escola”, “esportes não tradicionais e escola”, “esportes não convencionais e escola” e depois buscamos mais especificamente sobre as modalidades que serão abordadas “Peteca e escola”, “Manbol e escola”, “Sorvebol e escola”, “Badminton e escola”, “Beach Tennis e escola”, “Mirimbol e escola” entre os meses de outubro de 2022 e agosto de 2023.

Foram encontrados sete artigos, nove dissertações, dois trabalhos de conclusão de curso, uma tese e uma monografia com data de publicação entre 2010 e 2020 (consideramos o intervalo de dez anos para delimitar um marco temporal relativamente recente), que apresentavam informações relevantes sobre o temática esportes não convencionais/alternativos/não tradicionais. Destas, uma publicação é do ano de 2015: (Costa, 2015); uma do ano de 2016: (Vagheti, 2016); uma de 2017: (Neves, 2017); duas de 2018: (Luz, 2018), (Fermino; Fermino, 2018); três de 2019: (Tomita; Canan, 2019), (Machado; Souza; Silva, 2019), (Correa; Freitas; Silva, 2019); sete de 2020: (Silva, 2020), (Souza, 2020), Almeida (2020), (Silva, 2020), (Hernandez, 2020), (Silva, 2020), (Castro Filho, 2020) e (Cunha, 2020); uma em 2021: (Amstel; Bueno; Marchi Junior, 2021), uma em 2022: (Assis, 2022) e duas em 2023: (Figueirêdo, 2023), (Magalhães, 2023).

Na busca pelos esportes de rede específicos que serão abordados encontramos: a) Peteca - um artigo em 2005: (Raimundo; Colucci, Pedrosa, 2005) e um trabalho de conclusão de curso em 2018: (Carvalho; Ribeiro, 2018); b) Manbol – dois artigos, um em 2021: (Jesus; Jesus, 2021) e um em 2022: (Costa; Dias, 2022); c) Sorvebol – uma monografia em 2020 (Melo, 2020) e um artigo de 2021: (Fu, 2021); d) Badminton – dois artigos em 2014: (Tinoco; Batista; Araujo, 2014), (Kath; Rinald, 2014); um artigo em 2015 (Batista; Lima; Moura, 2015) e um em 2019 (Aburachid; Silva; Araujo, 2019); e) Beach Tennis – não encontramos nenhum estudo que aborde este esporte no ambiente escolar, apenas artigos de revisão de literatura e implementação em Cidades e Clubes (Moreira, 2017), (Takayama; Vanzuíte, 2020) e (Alves, 2022); f) Mirimbol – também não encontramos nenhum estudo que aborde este esporte no ambiente escolar, somente o site movimentoesporteconecta.com.br.

7 A REDE NA ESCOLA NÃO COMO DIVISÃO, MAS COMO AGREGADORA DE NOVAS EXPERIÊNCIAS ESPORTIVAS

Os dados dessa pesquisa foram obtidos a partir de anotações nos diários de campo, realizadas aula por aula. Nesse momento serão analisadas as ações participativas dos estudantes e as percepções da professora/pesquisadora. Foi utilizado como método de ensino a Pedagogia do esporte na construção e

desenvolvimento da sequência didática, principalmente a realização de mini-jogos das modalidades pretendidas. O planejamento, bem como os planos de aulas foram adaptados do modelo de plano aula proposto por González, Darido e Oliveira (2017).

No total foram 11 encontros (horas-aula de 50 minutos) e para uma melhor compreensão dos resultados eles estão apresentados a partir de unidades temáticas: 7.1 - Apresentação do Tema; 7.2 - Prática dos Esportes de Rede Não Convencionais; 7.3 – Criação e prática de um novo jogo; 7.4 – Avaliação. Cada uma delas apresentará os detalhes das aulas (encaminhamento metodológico, trechos de falas e imagens) para que o leitor possa entender melhor como foi a experiência de trabalhar com os Esportes de Rede não Convencionais na Escola em uma turma de 4º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

7.1 Apresentação do Tema (aula 1)

Esta unidade temática tratou da apresentação do projeto aos estudantes bem como a realização da avaliação diagnóstica para sondar a realidade dos participantes da pesquisa sobre os seus conhecimentos e/ou experiências prévias a respeito dos Esportes de Rede, introduzindo o Tema: Esportes de Rede não Convencionais. Antes das aulas iniciarem, no dia 24 de julho de 2023 foi feito um encontro com os estudantes para a apresentação do projeto, esclarecimentos e entrega dos termos (TALE – termo de assentimento e livre esclarecimento; TCLE – termo de consentimento e livre esclarecimento). Todos foram bastante receptivos mostrando interesse, inclusive sentindo necessidade de contar sobre suas habilidades.

Eu sou muito bom no Vôlei professora. (Estudante 2).

Sabia que eu joga Vôlei aqui no Leões (referindo-se ao Projeto Leões do Vôlei). (Estudante 3).

Tais comentários nos remetem ao fato da predominância no ambiente escolar das 4 modalidades tradicionais (futsal, voleibol, basquete e handebol) aqui em específico o Vôlei (Silva, 2020; Cunha, 2020; Fermínio; Fermínio, 2018; Tomita; Canan, 2019), pois quando a professora mencionou que seria abordado o conteúdo Esportes de Rede eles logo associaram apenas a tal modalidade. Nesta aula, foi realizada a avaliação diagnóstica (APÊNDICE 3), com o objetivo de constatar as

modalidades esportivas que os alunos já conheciam e/ou já vivenciaram, valorizando o conhecimento prévio dos estudantes para que a aprendizagem seja mais significativa.

A teoria da aprendizagem de Ausubel propõe que os conhecimentos prévios dos alunos sejam valorizados, para que possam construir estruturas mentais utilizando, como meio, mapas conceituais que permitem descobrir e redescobrir outros conhecimentos, caracterizando, assim, uma aprendizagem prazerosa e eficaz (Pelizzari et al., 2001, p. 37).

Como alguns estudantes ficaram em dúvida no momento de preenchê-la, a professora/pesquisadora resolveu fazer a leitura e ir fazendo a avaliação passo-a-passo com os estudantes, lendo questão por questão e orientando-os. Entretanto, alguns estudantes, mesmo explicando os motivos para que não falassem a resposta em voz alta passaram a fazê-lo. O estudante 3, quando viu a imagem da peteca, respondeu em voz alta, o que ajudou alguns colegas a responder tal questão:

É peteca professora, eu já joguei. (Estudante 3).

A gente já jogou peteca aqui na Escola, prof. A gente joga no recreio (Estudante 1).

Quando os estudantes mencionam que conhecem a modalidade esportiva Peteca e que já tiveram contato com ela no ambiente escolar, a professora/pesquisadora perguntou se eles conheciam a sua forma de jogo e regras. Com suas respostas, percebeu-se que o contato que tiveram foi somente em forma de brincadeira. Após essa interação, é dada sequência na avaliação. Alguns estudantes demoraram mais do que os outros e ainda precisaram de auxílio para terminar a avaliação, chamando várias vezes para tirar dúvidas, o que com orientações básicas, foram sanadas, auxiliando para que o questionário fosse respondido por todos os presentes:

Figura 2- Avaliação Diagnóstica



Fonte: autoria própria.

Quando todos terminaram a avaliação diagnóstica (Figura 1), a professora/pesquisadora passou para a apresentação dos esportes que seriam abordados no Projeto. Para tanto, ela repetiu as mesmas perguntas constantes na avaliação diagnóstica ao grande grupo, realizando uma nova sondagem sobre os conhecimentos de Esportes de Rede. Na pergunta: “O que são Esportes de Rede?”, os estudantes responderam citando exemplos de esportes variados como: Vôlei, Futevôlei, Vôlei de Praia, Ping Pong, Futmesa, Peteca e Punhobol. Em todo o momento eles se mostraram participativos e interessados fazendo comentários como: “*eu já sei*”, “*já conheço*”, “*eu gosto*”, ou contando que os pais e familiares praticam ou já praticaram alguma das modalidades citadas.

Sabia prof. eu jogo Futmesa com o meu pai, é muito legal. (Estudante 2).

Eu jogo ping pong com o meu pai e com a minha mãe. É uma coisa de família. (Estudante 5).

Eu jogo Vôlei na rua prof. (Estudante 12)

Estes comentários revelam que as experiências vividas fora da Escola, principalmente no ambiente familiar, são muito significativas. Os estudantes falam com orgulho, com prazer em contar suas vivências. E não existe um consenso, cada família/criança tem experiência/preferência com modalidades diferente dos outros. Ou seja, ao abordarmos e ensinar os Esportes devemos levar em consideração a prática social do aluno, ou ainda, devemos considerar o mundo vivido das crianças, em que os jogos informais do cotidiano são inseridos no contexto escolar, tornando a prática esportiva significativa e relevante aos alunos, diferentemente se considerarmos apenas o Esporte sistematizado, uma vez que ele reforça as

diferenças e menospreza os alunos menos habilidosos e reforçam os sentimentos de inferioridade e incompetência (Kunz, 2012).

Ainda sobre as experiências vividas nos ambientes fora da escola, podemos citar a Teoria da Instrução de Jerome Bruner, o qual considera que o conhecimento é construído por alunos e professores em conformidade com os conhecimentos já existentes, as realidades vivenciadas e a sociedade que os circundam. Desta forma, entende-se que a educação não se restringe às instituições escolares, mas ocorre em outros lugares onde há pretensão, finalidade, ocasião e troca de experiências entre pessoas. Bruner (2001) discute tais questões:

[...] a educação não ocorre apenas nas salas de aula, mas em torno da mesa do jantar quando os membros da família tentam extrair um sentido conjunto do que aconteceu durante aquele dia, ou quando as crianças tentam se ajudar para extrair sentido do mundo adulto, ou quando um mestre e um aprendiz interagem no trabalho. Portanto, não há nada mais apropriado do que a prática educacional para se testar a psicologia cultural (Bruner, 2001, p. 9).

Já na questão 2, optou-se por projetar na TV as mesmas imagens dos Esportes de Rede que constavam na avaliação, perguntando ao grande grupo quais modalidades seriam aquelas. Na primeira imagem a resposta foi unânime – Vôlei, seguido de alguns comentário sobre a prática desta modalidade na Escola:

É Vôlei professora, eu joga na escola. (Estudante 5).

Eu queria vir no projeto de Vôlei da escola, mas minha mãe trabalha e não consegue me trazer pela manhã. (estudante 6).

Quando apareceu a segunda imagem (Peteca), a maioria disse conhecer e sabiam identificá-la. Mostrando a imagem 3 (Manbol), ninguém conhecia e/ou sabia identificar, contudo, começaram a tentar adivinhar, citando esportes variados como Punhobol, Vôlei, dentre outros. Quando foi mostrada a imagem 4 (Sorvebol) ninguém soube nomeá-lo também, entretanto fizeram associação com sorvete, fazendo inclusive brincadeiras relacionadas a este alimento. Na imagem 5 (Badminton) muitos estudantes disseram que sabiam qual era o Esporte mas não lembravam o nome, até que o estudante 3 lembrou. Então todos passaram a dizer que o conheciam e fizeram menções de já ter trabalhado esta modalidade em anos anteriores e que gostaram muito, contando um pouco da sua experiência:

Lembrei professora, é Badminton. (Estudante 3).

Eu já joguei na Escola prof., é muito legal. (Estudante 7).

Sobre o Badminton, vale ressaltar que os estudantes tiveram contato em anos anteriores juntamente com a professora/pesquisadora nas aulas de Educação Física, fato que auxiliou na identificação da modalidade por parte dos estudantes. Na imagem 6 (Mirimbol) pela similaridade do equipamento a maioria nomeou como sendo o Ping Pong. O estudante 8 ainda acrescentou:

É Ping Pong, mas um pouco diferente. (Estudante 8).

Mostrando a imagem 7 (Beach Tennis) ninguém soube dizer de qual esporte se tratava, mas ficaram bastante curiosos uma vez que remete a praia, fazendo associação também com o Vôlei de Praia e contando suas experiências neste ambiente. Para aguçar mais a curiosidade dos estudantes, a professora passou um trecho de vídeo retirado da plataforma youtube sobre cada um dos esportes citados acima. Todos assistiram bem atentos e interessados. Ao final disseram querer se aprofundar neles. Entretanto, alguns estudantes ficaram questionando sobre a não inclusão do Vôlei.

E o Vôlei professora, não vamos jogar. (Estudante 8).

Tal comentário nos remete novamente sobre a forte presença do que podemos chamar de quarteto fantástico, no nosso caso em específico, o Vôlei. Darido (2020) aponta que no transcurso da sua história, a Educação Física priorizou os conteúdos esportivos, restringindo-os ainda aos esportes mais tradicionais, como, por exemplo: basquetebol, voleibol e futebol/futsal, além do handebol, que não possui tanta tradição no país enquanto modalidade espetacularização, porém, é relativamente bem difundida nas aulas de Educação Física escolar. Já no caso da Escola Municipal Anísio Teixeira tal fato pode ser reforçado por esta oferecer como aula extra curricular o “Projeto Leões do Volei”.

A professora/pesquisadora achou por bem reforçar o objetivo do projeto que é ampliar o repertório esportivo, conhecendo e praticando outros Esportes de Rede, indo além do Voleibol, acrescentando que para eles já é ofertado tal modalidade como atividade extracurricular, e portanto não fazia sentido repeti-lo.

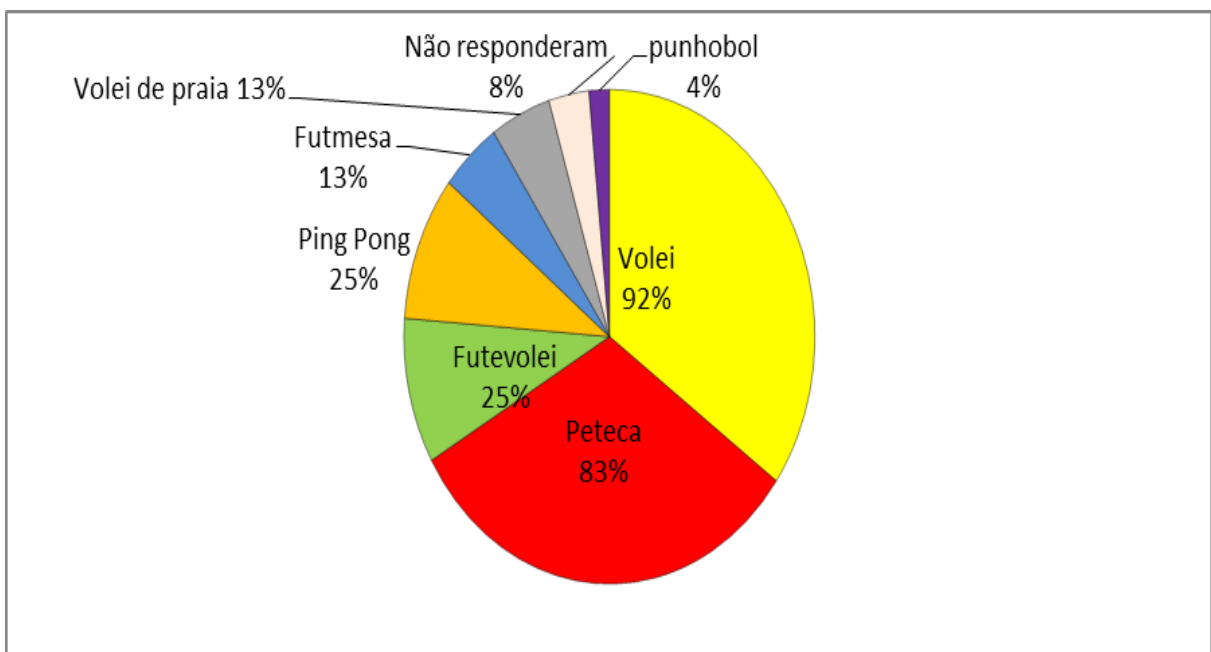
Figura 3- Apresentação dos Esportes de Rede Não Convencionais



Fonte: autoria própria.

Após a apresentação de modalidades de esportes de rede que serão ofertadas nas nossas aulas aos estudantes, foram analisadas as questões presentes na avaliação diagnóstica (Anexo 1). Como esperado, as respostas encontradas no papel foram bastante semelhantes com as respostas dadas quando foram feitas no grande grupo. Na primeira questão, os estudantes foram levados a escrever o(s) nome(s) do(s) esporte(s) de rede que já conheciam. Das 24 respostas, como esperado, obtivemos o seguinte gráfico 1 com as respostas citadas:

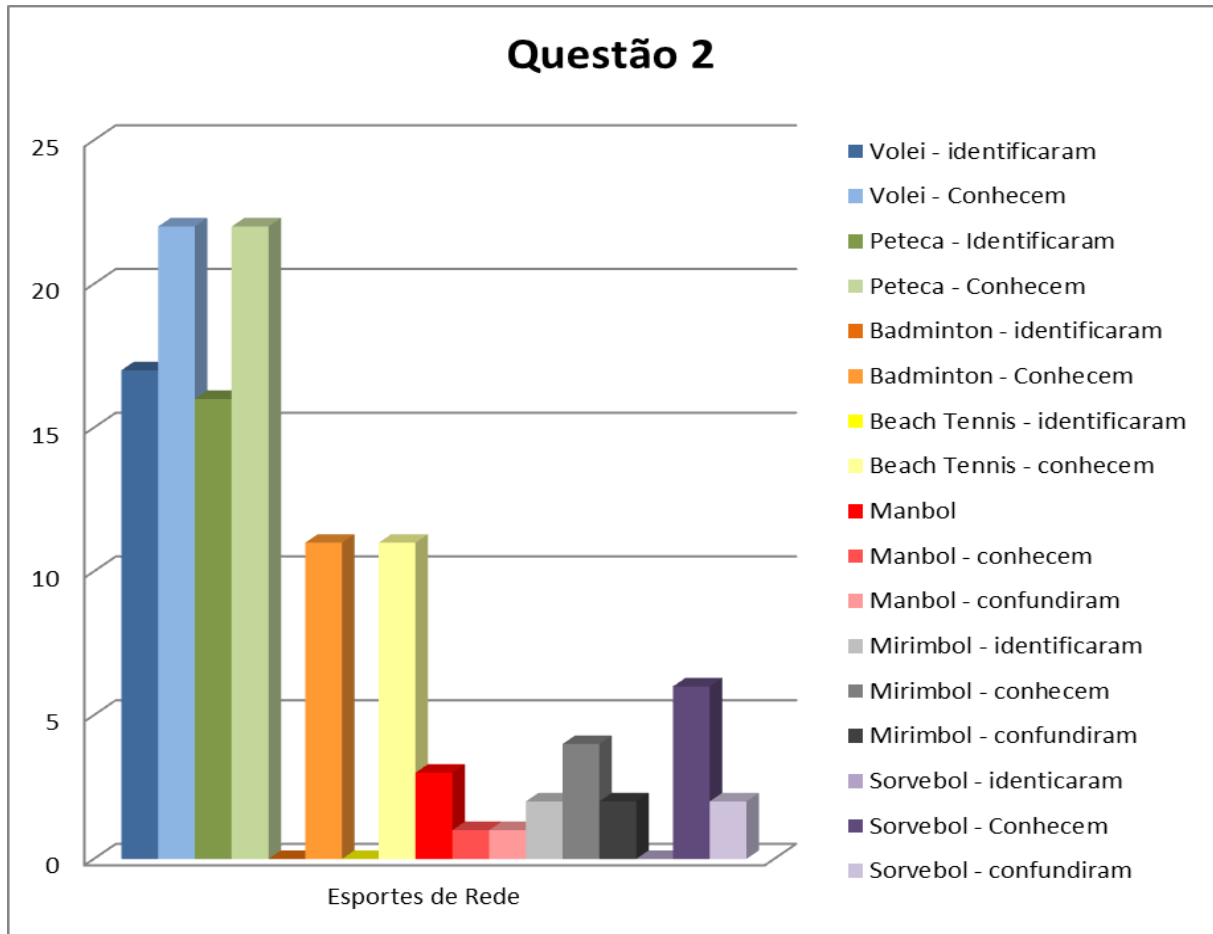
Gráfico 1- Esportes de Rede que os estudantes já conheciam



Fonte: autoria própria.

O Vôlei foi citado 22 vezes pelos estudantes, o que consideramos uma unanimidade, tendo em vista que os outros 2 não responderam a questão. O segundo esporte mais citado foi a Peteca, lembrado 20 vezes, em terceiro lugar ficaram empatados com 6 citações o Futevôlei e o Ping Pong. Depois tivemos o Vôlei de Praia com 3 menções juntamente com o Futmesa, seguido de uma resposta apontando o Punhobol. Sobre os esportes mais citados (Vôlei e Peteca) vemos relação com suas experiências no ambiente escolar. Já o Futevôlei e Ping Pong são esportes que foram de alguma forma experimentados, muito provavelmente no meio familiar, destacando também a confusão entre os estudantes sobre a nomenclatura, como quando se referem ao Tênis de Mesa como Ping Pong.

Na segunda questão da Avaliação Diagnóstica, os estudantes deveriam observar a imagem e nomeá-la, assinalando logo abaixo se já conheciam ou não a modalidade. Tal pergunta teve o objetivo de identificar se mesmo o estudante não lembrando o nome do Esporte, ao observar a imagem ele conseguiria dizer se ouviu falar, praticou ou assistiu algo sobre ele. As imagens constantes na avaliação eram dos seguintes Esportes: a) Vôlei; b) Peteca; c) Badminton; d) Beach Tennis; e) Manbol; f) Mirimbol; g) Sorvebol e suas respectivas respostas foram transportadas para o Gráfico 2:

Gráfico 2- Identificar e apontar se conhecem os esportes de rede

Fonte: autoria própria.

Sobre o Vôlei, 17 estudantes o identificaram corretamente, embora 22 estudantes assinalaram que o conheciam. Na imagem da Peteca, 16 estudantes escreveram o seu nome na resposta e 22 disseram que a conheciam. Já na imagem do Badminton, nenhum estudante soube dizer o seu nome, entretanto 11 apontaram que já o conheciam. Em relação ao Beach Tennis, 4 estudantes o nomearam com esportes variados (Vôlei de Praia, Frescobol ou Ping Pong), ao mesmo tempo que 12 estudantes disseram que o conheciam.

Em relação ao Manbol e Mirimbol, mesmo que na imagem disponibilizada contenha os respectivos nomes, pois encontramos poucas imagens de tais esportes na internet e também para ajudar na sua identificação, tendo em vista que somente pela imagem da quadra e material seria difícil a sua identificação, 3 estudantes a identificaram corretamente, e 1 estudante confundiu o Manbol com Tênis e 2 estudantes confundiram o Mirimbol com o Ping Pong. Sobre se já os conheciam, 2 estudantes disseram conhecer o Manbol e 3 o Mirimbol. Por fim, sobre o Sorvebol,

ninguém o identificou corretamente, 2 estudantes o confundiram com Vôlei e Basquete, bem como 6 estudantes relataram já o conhecer.

Nesta questão fica novamente evidente o destaque das modalidades Vôlei e Peteca sobre as demais, seguida pelo Badminton, que os estudantes não lembraram de imediato o nome, mas que disseram conhecer. Reforçamos novamente que tal resposta se deu muito provavelmente por essas modalidades terem sido trabalhadas em anos anteriores nas aulas de Educação Física. Já os demais Esportes de Rede (Sorvebol, Beach Tennis, Manbol e Mirimbol) eram desconhecidos pela maioria, mesmo que muitos tenham tentado acertar a resposta, mostrando que os estudantes já tiveram contato com os Esportes de Rede, mas este conhecimento ainda fica restrito a poucas modalidades, apontando a necessidade de ampliar esse repertório.

Resultado parecido foi encontrado no estudo “Esportes com raquetes: uma proposta de intervenção na escola pública de tempo integral” realizado por Figueirêdo (2023), que em sua avaliação diagnóstica percebeu a falta de vivência e conhecimento dos estudantes com os esportes com raquetes e com a diversidade de conhecimentos que compõem a Cultura do Movimento. Ou seja, segundo Barroso (2020) é imprescindível oferecer conteúdo Esporte de forma abrangente, começando com a possibilidade dos alunos conhecerem a diversidade que há no universo esportivo, possibilitando aos estudantes conhecer além das modalidades que fazem parte da sua cultura, outras modalidades menos convencionais do meio em que vivem.

7.3 Prática dos Esportes de Rede não convencionais (Aulas 2, 3, 4, 5 e 6)

A unidade temática 2, tratou diretamente do objetivo da pesquisa que diz respeito ao proporcionar o jogo como ferramenta pedagógica para o ensino dos Esportes de rede não convencionais na Educação Física. As análises foram realizadas a partir das informações registradas no diário de campo e das fotos obtidas durante as 6 aulas planejadas. É importante ressaltar que a aula foi facilitada, pois contava com o apoio da professora de Educação Física da turma, de forma que ela ia montando a rede (com 20 metros de comprimento, o que dividia toda a quadra poliesportiva ao meio) e organizando o espaço (6 mini-quadras) enquanto a professora/pesquisadora iniciava a aula na roda inicial juntamente com os estudantes (Figura 3).

Figura 4- Rede de 20 metros usada para dividir espaço em mini-quadrados



Fonte: autoria própria.

Destacamos também que em todas as aulas houve a participação e envolvimento de todos os estudantes e que conseguimos seguir com os planos de aulas previamente elaborados. Acreditamos que um dos motivos para tal resultado foi a disponibilidade de materiais. Embora tivéssemos o cuidado de mostrar aos estudantes o material oficial de cada modalidade, usávamos em sua maioria, materiais adaptados, de preferência aqueles que a escola já possuía, garantindo que cada estudante pudesse estar todo o tempo em contato com o material, participando ativamente da aula na íntegra.

Canestraro, Zulai e Kogut (2008) apontam que os recursos materiais de ensino aplicados nas escolas são instrumentos importantes dentro da prática pedagógica construída e executada pelo professor. Estes facilitam os métodos de ensino, a prática pedagógica e o processo de ensino-aprendizagem, além de poder estimular a participação dos estudantes em sala de aula.

Sabe-se que os professores de Educação Física escolar, comprometidos com uma prática pedagógica eficiente e criativa, utilizam recursos materiais adequados, bem como sabem selecioná-los de acordo com critérios pré-estabelecidos (Canestraro, Zulai e Kogut, 2008, p.12335).

Os planos de aula, embora específicos para cada modalidade esportiva, seguiram um mesmo roteiro, adaptado de Gonzáles, Darido e Oliveira (2017). Estes iniciavam com uma roda inicial em que era abordada a história e transformações do

esporte em questão, indo para os primeiros movimentos e jogo inicial, retomando com uma roda para trabalhar a consciência tática, seguida de tarefa e jogo final. As aulas eram encerradas sempre com uma roda final para resgate do que foi realizado na aula. Sendo assim, embora cada aula tenha predominância da parte procedimental, buscou-se contemplar também a parte conceitual e atitudinal, contemplando as 3 dimensões do conhecimento.

Os conteúdos procedimentais são mais evidentes nas aulas de Educação Física escolar do que os conteúdos conceituais e atitudinais, já que este componente curricular envolve os movimentos corporais, as ações físicas, propriamente ditas. Nesse sentido, os aspectos procedimentais precisam ser organizados e desenvolvidos buscando a superação de ações mecanizadas e repetitivas, almejando inovações e experimentações que levem os participantes ao papel de sujeitos do processo e que sejam estimulados à reflexão com vistas à autonomia (Barroso, 2020, p.74-75).

As três rodas (inicial, de consciência tática e final) de conversas se justificam como forma de trabalhar os Esportes de forma contextualizada, proporcionando aos estudantes momentos de reflexão e assimilação de como se joga, do porquê se joga e quais os sentidos que aqueles jogos apresentam. Para Barroso (2020), não basta o professor ensinar a jogar determinados esportes, há necessidade de ensinar sobre esses esportes, realizando contextualização/tematização acerca dos mesmos, para os alunos entenderem as suas origens, reconhecerem as suas modificações, compreenderem o atual momento, e até terem condição de realizarem transformações. Contudo, isso só acontecerá se as aulas possibilitarem momentos de reflexão, questionamentos e discussões.

Neste sentido, buscou-se no transcorrer das aulas observar e anotar no diário de campo, toda a parte procedimental e os aspectos relacionados aos valores e às atitudes dos alunos perante ao esporte e também em relação aos colegas de turma, escutando e mediando conflitos quando solicitado.

7.3.1 Esportes de Rede que não precisam de implementos para rebatidas (Aulas 2 e 3)

Nas duas primeiras aulas foram trabalhados os Esportes de Rede que não usam equipamentos para rebatida em sua prática (Peteca e Manbol). Iniciando com o Esporte Peteca (Figura 4), por ser uma modalidade que os estudantes disseram já ter tido contato na Escola em anos anteriores. A aula foi iniciada na roda de conversa, para que a professora/pesquisadora pudesse explicar a dinâmica da aula e introduzisse o conteúdo – Peteca. Esta realizou algumas perguntas norteadoras para diagnosticar o conhecimento prévio dos estudantes, aproveitando para contar a sua história e explicar a forma de jogo. Neste momento alguns estudantes pedem pra falar:

Eu sei jogar Peteca professora, quer ver? (Estudante 3).

É uma brincadeira dos índios. (Estudante 1).

Figura 5- Peteca – material usado na aula



Fonte: autoria própria.

Figura 6- Prática do Esporte Peteca



Fonte: autoria própria.

Na parte prática inicial planejada, a professora/pesquisadora é chamada várias vezes pelos estudantes, para que estes pudessem mostrar o que conseguiam fazer, tal dinâmica persiste até o momento em que a professora/pesquisadora pede para que os estudantes se reúnam novamente no círculo central para conversar sobre o objetivo do jogo e inserir algumas regras da modalidade a serem inseridas nas atividades posteriores. Quando questionados sobre o objetivo do jogo, alguns

estudantes mostraram ter conhecimento, principalmente por associarem com o Vôlei.

O objetivo é derrubar a peteca no campo do adversário, igual no Vôlei. (Estudante 9).

Marcamos ponto quando o adversário joga a peteca para fora. (Estudante 2).

Também é ponto quando a peteca não passa para o seu campo. (Estudante 1).

Ao retornarem para a segunda sequência de atividades, a professora/pesquisadora percebe que os estudantes começam a ter dificuldades em realizar a tarefa proposta, necessitando retornar com as pequenas adaptações feitas anteriormente. Esta intervenção, assim como as demais ocorridas no decorrer da aula foram levantadas na roda de conversa final, através de perguntas engajadoras, as quais são prontamente respondidas pela maioria dos estudantes, mostrando que houve assimilação e aprendizagem. Quando questionados se gostaram do jogo, todos disseram que sim, mas ficaram divididos em relação a próxima pergunta, sobre se acharam o jogo fácil ou difícil:

Eu não gostei do esporte, pois o time adversário ficava gritando a cada lance de jogo, tiravam sarro quando o meu time errava e até nos chamaram de burro. (Estudante 8).

A professora aproveitou este momento para conversar sobre o espírito esportivo, sobre noções de respeito ao adversário, para reforçar qual o objetivo de trabalhar o Esporte na Escola, além da solidariedade, onde um aluno que se sai melhor ajuda os colegas com mais dificuldade. Enquanto falava sobre as regras, algumas dúvidas foram levantadas, o que foi propício para poder aprofundá-las:

Não é uma competição, é apenas uma brincadeira para que todos participem e se divirtam. (Estudante 10).

A peteca passava no meio da rede e eles diziam que valia o ponto, eu dizia que não, mas eles continuavam jogando. (Estudante 8).

A professora/pesquisadora conversou também um pouquinho a respeito de algo novo ser difícil, mas que com perseverança e dedicação todos podem melhorar

e as chances de passarem a gostar da modalidade fica maior. Muitos concordaram com este posicionamento.

Aconteceu isso comigo no Vôlei, no começo achava difícil e não gostava, mas agora eu acho fácil e gosto. (Estudante 4).

No Esporte, quanto mais a gente pratica, melhor a gente fica. (Estudante 5).

Nesta aula ficou claro que os estudantes apesar de já terem um conhecimento prévio sobre a Peteca, não dominavam a forma de jogo e regras quando esta é abordada como conteúdo esportivo. À medida que pequenas regras foram sendo inseridas nas atividades, os estudantes passaram a ter mais dificuldade de execução e conseqüentemente passaram a surgir alguns conflitos. Entretanto, demonstraram ter gostado da nova experiência e no feedback pode-se perceber que houve assimilação do conteúdo esportivo.

Na segunda aula desta etapa trabalhamos com o esporte Manbol, um esporte que na avaliação diagnóstica os estudantes disseram não conhecer, entretanto expressaram bastante interesse por ser o único esporte onde se joga com 2 bolas ao mesmo tempo. Para tanto, na prática utilizamos bolas oficiais e bolas adaptadas (feitas de crochê e espuma). A aula foi iniciada com a roda inicial na qual foram disponibilizados o material (Figura 6). Quando questionados se sabiam onde o Manbol foi criado e como ele surgiu ninguém soube responder. Então a professora/pesquisadora explicou que veio do Pará. Neste momento, a Estudante 11 vibrou, pois disse que tinha nascido no Pará sentindo-se importante com o fato, embora relatasse que nunca tenha ouvido falar de tal Esporte:

Eu nunca ouvi falar, eu vim muito pequeninha morar em Curitiba. (Estudante 11).

Figura 7- Material oficial e adaptado de Manbol



Fonte: autoria própria.

Figura 8- Prática do Esporte Manbol



Fonte: autoria própria.

Neste momento, os colegas ficaram todos interessados em saber um pouco mais sobre as origens da estudante em questão e sobre a cultura do povo do Pará. Aqui, conseguimos ver sentido ao trecho da BNCC que aponta ser este um compromisso com a educação integral. Os alunos são considerados os sujeitos de aprendizagem, desta forma, precisamos buscar uma educação voltada para o seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, respeitando as diferenças e a diversidade. Além do mais, devemos propor a superação da fragmentação do conhecimento, encorajando a sua aplicação no cotidiano, destacando-se a importância do contexto para promover sentido ao que se aprende e ao protagonismo estudantil (BRASIL, 2017).

Após esta contextualização e breve explicação da forma de jogo, os estudantes iniciaram a parte prática inicial, tendo o contato com o material, explorando-o, o que os deixou muito empolgados. Aos pouquinhos foram sendo inseridas tarefas e adentrando nos mini-jogos. Durante esta atividade a Estudante 12 comenta com a colega Estudante 11:

Ai que difícil, joga mais fraco. (Estudante 12).

Reunimo-nos novamente no círculo central para a consciência tática, através de perguntas questionadoras como: qual é o objetivo do jogo de manbol? Como marcamos um ponto?

Objetivo: Marcar pontos. (Estudante 13).

Quando não seguramos a bola. (Estudante 12).

Jogando-a para fora. (Estudante 2).

Não passando por cima da rede. (Estudante 8).

Jogando a bola onde não tem ninguém. (Estudante 2).

As respostas dadas apontam que os estudantes fizeram associação da forma como se joga o Manbol com o jogo de Peteca e Vôlei, mostrando que trabalhar o esporte, agrupando esportes similares traz muitos benefícios. A BNCC propõe que os Esportes sejam ensinados por meio de uma classificação baseada na lógica interna. Essa classificação está fundamentada em alguns preceitos das tendências atuais da Pedagogia do Esporte (PE) que permitem identificar estruturas universais dos esportes, por meio das ações motoras de cada modalidade que se assemelham durante o jogo. Por meio da lógica interna, o ensino dos esportes pode ser vivenciado pelos alunos de forma mais contextual à realidade do jogo (BRASIL, 2017b).

Em seguida, os estudantes retomam com a parte procedimental através dos mini-jogos, usando agora as regras de pontuação. Esta atividade gerou alguns conflitos. O Estudante 10 pergunta:

É para ficar parado no lugar. Eles (colegas) me mandaram ficar parado aqui e ninguém passa a bola para mim (Estudante 10).

A fala foi criticada por alguns colegas, então a professora fez a escuta e mediação do conflito, o que aparentemente resolveu, pois este estudante passou a participar mais do jogo.

Gente, o que foi pedido para vocês fazerem... em algum momento foi falado que tem que ficar parado no lugar... todos estão aqui para participar, o colega também está jogando e por isso ele também vai se movimentar e ir atrás da bola para tentar salvá-la, além dele poder realizar o saque como os demais. (Diário de campo 2)

Na roda final, é feita a retomada de conteúdo, nela os estudantes foram bastante participativos, respondendo de prontidão as perguntas. Foi dado um espaço para que os estudantes falassem sobre suas impressões:

Eu não gostei do jogo porque o outro time estava jogando muito forte e meu time não conseguia pegar. (Estudante 14).

O problema é que os alunos jogam a bola para fora do campo ou ela passa no meio da rede e quando isso acontece, eles dizem que o ponto é deles. (Estudante 15).

Quando eu reclamava sobre isso, a outra equipe ficava nos chamando de chorões. (Estudante 14).

A professora/pesquisadora aproveita para conversar sobre arbitragem e comenta que quando tais situações acontecem no ambiente escolar, se os estudantes não conseguirem solucionar o problema sozinhos, devem chamar o professor para intermediar o conflito. Fala também sobre respeitar o adversário e não ficar provocando os colegas. Neste momento, alguns estudantes pedem para argumentar:

Ele não é um jogo, quer dizer, é um jogo, mas não é aquele que vale prêmio, por isso, não precisa ficar tirando sarro dos outros. (Estudante 2).

Quando a outra equipe faz mais pontos que a dela, ela pode até ficar braba, mas tem que agradecer e elogiar o adversário. (Estudante 16).

O objetivo da aula era se divertir. (Estudante 13).

Quando questionados se gostaram de praticar o Manbol, a maioria disse que sim, entretanto alguns negaram:

Eu não gostei, pois os outros jogavam muito forte e por eu ser pequeno não conseguia pegar a bola. (Estudante 14).

Eu não gostei pois dá muita treta. (Estudante 9).

O Manbol é muito sem graça. (Estudante 15).

Eu achei mó legal. (Estudante 3).

Mas, mesmo em meio aos conflitos, observamos que os estudantes estavam se divertindo e que conseguiram realizar as atividades propostas. Tais situações conflituosas são esperadas quando trabalhamos os esportes na escola, com elas pode-se aprender a trabalhar em equipe, desenvolver o senso de responsabilidade,

respeitar os adversários e as regras do jogo, o que contribui para a formação do indivíduo.

Kunz (2004) considera alguns aspectos muito relevantes para o trabalho na Educação Física Escolar, afirmando que na problematização do ensino se pretende: 1) evidenciar e esclarecer o problema básico na encenação do esporte; 2) destacar a importância das situações de encenação e seu significado individual e coletivo; 3) favorecer a responsabilidade individual e coletiva no processo de encenação do esporte; 4) aceitar diferentes soluções para diferentes situações de encenação; 5) orientar-se nas vivências e experiências subjetivas dos participantes, para problematizar sempre novas situações. Sendo assim, toda esta sequência de eventos, embora não planejada, eram esperadas para a aula e são elas que fundamentam a tarefa pedagógica numa concepção de ensino problematizador.

7.3.2 Esportes de Rede com Implementos (Aulas 4, 5, 6 e 7)

Para a intervenção dos Esportes de Rede com Implementos foram escolhidos 4 modalidades: 3 utilizam implementos como raquete (Badminton, Beach Tennis e Mirimbol) e 1 utiliza o cone (Sorvebol) em sua prática. Optamos por iniciar com o Sorvebol, Esporte muito esperado por eles, pois desde que viram o vídeo de apresentação ficaram muito curiosos para praticá-lo. É importante ressaltar, que usamos além do material oficial, equipamentos adaptados – mini cones para iniciação desportiva e bolas de borracha (Figura 8).

Figura 9- Material oficial e adaptado de **Figura 10-** Prática do Esporte Sorvebol Sorvebol



Fonte: autoria própria.



Fonte: autoria própria.

A aula foi iniciada com os estudantes sentados no círculo central para a roda inicial, nela puderam também ter o primeiro contato com o material a ser usado. A professora perguntou se sabiam qual esporte de rede iriam trabalhar e todos responderam “Sorvebol”. Então ela perguntou se sabiam onde ele tinha surgido e após a negativa de todos, contou brevemente a sua história, além de explicar a forma de jogo. Todos ficaram atentos e demonstraram interesse em participar. Partindo em seguida para a prática com os primeiros movimentos e jogo inicial, que ocorreram conforme previsto no planejamento. Nela chama atenção o comentário de alguns estudantes:

Nossa professora, achei que era mais fácil. (Estudante 16).

Ai não dá prof, é muito difícil. (Estudante 1)

Na roda de consciência tática é inserido pequenas regras na atividade antes de retorno com a prática de mini-jogos. Nesta atividade surgem alguns conflitos, decorrentes da dificuldade dos alunos em realizar o que foi pedido, necessitando que pequenas adaptações e mediações fossem realizadas. Tais situações são levantadas na roda final, com muitos estudantes pedindo para falar quando lhes é perguntado sobre suas impressões sobre a modalidade:

Parece fácil, mas é bem difícil. (Estudante 17)

Achei fácil, pois é só encaixar no cone. (Estudante 15).

É difícil pois quando vamos encaixar a bola, ela bate no cone e fica caindo. (Estudante 13)

Eu não gostei, quando a bola vinha para mim, eu tentava pegar, mas ela caía no chão. (Estudante 16).

Eu achei que foi legal. (Estudante 9).

Sobre esta aula, apesar de tudo ter ocorrido conforme o planejado e esperado, percebeu-se que os estudantes tiveram bastante dificuldade em praticar os mini-jogos, embora estivessem motivados. Observou-se em toda aula a cooperação entre os grupos, cujos estudantes tentavam ajudar uns aos outros, bem como, tentavam achar soluções para sanar as dificuldades que iam surgindo.

Após a implementação do Sorvebol, o cronograma de atividades sofreu uma pequena pausa de 2 semanas, pois as Escolas Municipais de Curitiba entraram em greve. No retorno, iniciou-se a implementação dos Esportes de Rede que usam raquetes, começando com o Badminton, pela disponibilidade de material e por ser um dos esportes deste grupo que os estudantes mais conheciam segundo a avaliação diagnóstica.

Observou-se nesta aula, que o fato de outra turma estar utilizando o espaço ao redor da quadra tenha atrapalhado a concentração da turma e a comunicação, fazendo com que mais tempo fosse gasto em explicações e a professora precisasse chamar mais atenção da turma. Ressalta-se que tal situação é bastante recorrente nas aulas de Educação Física. Além do compartilhamento de espaço entre os professores de Educação Física, é comum professores de outras áreas levarem seus alunos para brincarem ao redor da quadra, o que acaba por atrapalhar o andamento das aulas, com barulho excessivo e distração dos estudantes.

Figura 11- Material de Badminton

Fonte: autoria própria

Figura 12- Prática do Esporte Badminton (rede pequena)

Fonte: autoria própria.

Figura 13- Prática do Esporte Badminton Rede de 20 metros

Fonte: autoria própria.

Na roda inicial, os estudantes puderam ter o primeiro contato com o material a ser usado na aula (petecas de variados materiais, raquete e rede). A professora perguntou aos estudantes quem já tinha visto uma rede portátil de Badminton como a que estava montada, pois é muito comum vê-las nos eventos em parques nos finais de semana na cidade de Curitiba. Alguns responderam que sim e outros que não.

*Eu já vi a rede montada, mas nunca joguei. (Estudante 3).
Eu já joguei. (Estudante 14).*

Eu já joguei na Escola. (Estudantes 11 e 4).

A professora perguntou se alguém sabia onde e como o Badminton surgiu e ninguém sabia responder, então lhes contou brevemente a sua história e evolução, além da forma de jogo. Mostrou também como é a empunhadura no Badminton, apresentando a raquete e os tipos de petecas que podem ser usados. Quando lhes mostrou uma peteca de pena de ganso que tem luz de *led* dentro, os estudantes ficaram muito empolgados e todos pediram para jogar com ela. Já na prática dos primeiros movimentos e jogo inicial, alguns estudantes ficaram chamando o tempo todo para mostrar o que já sabiam fazer:

Olha professora, eu consegui bater 5 vezes seguidas. (Estudante 15).

Professora olha a gente jogando, olha como a gente é bom. (Estudante 3).

Ao se reunirem novamente para a roda de conscientização tática, surge o interesse em saber como é o saque no Badminton. Então a professora/pesquisadora pergunta se alguém sabe fazê-lo, e muitos estudantes pedem para demonstrar. Faz-se, desta forma, uma fila para que todos que tivessem interesse pudessem fazer a demonstração, seguido da demonstração da professora/pesquisadora. Em seguida, todos são orientados a retornarem com suas equipes para realizarem os mini-jogos utilizando o saque para iniciar o jogo. Para finalizar a aula, é feita a roda de conversa final, onde retoma-se o conteúdo da aula e é dado espaço para os estudantes falar:

Eu gostei, só que a gente não tava conseguindo jogar. (Estudante 18).

E gostei mais ou menos, porque é difícil de jogar, mas é legal ao mesmo tempo. (Estudante 8).

Achei mais ou menos também, porque na hora de sacar é difícil. (Estudante 18).

Quando vamos jogar novamente o Sorvebol? Eu queria (Estudante 5).

Nesta aula pode-se perceber um interesse maior dos estudantes em se aprofundar nas regras do jogo e creditamos tal fato, por estes já terem praticado esta modalidade em anos anteriores e sentirem a necessidade de se aprofundarem,

entretanto salientamos que embora este não seja o objetivo da aula, à medida que o interesse ocorria, a professora sanava as dúvidas e introduzia regras ao jogo.

O quinto Esporte de Rede abordado foi o Mirimbol, um esporte que chama sua atenção por usar equipamento similar ao de Tênis de Mesa. Inclusive, cabe evidenciar, que nesta aula utilizou-se as raquetes e bolinhas desse esporte, pela dificuldade em encontrar o material específico do Mirimbol, ao mesmo tempo que a Escola já possuía raquetes e bolinhas de Tênis de Mesa, facilitando a adaptação (Foto 13). No dia da aula, estava ventando muito, o que acabou por dificultar a prática, pois a bolinha voava bastante. Entretanto, apesar das reclamações, os estudantes se divertiram bastante, cujo ato de correr atrás da bolinha acabou sendo um atrativo a mais.

Figura 14- Material adaptado de Mirimbol



Fonte: autoria própria.

Figura 15- Prática do Esporte Mirimbol



Fonte: autoria própria.

Como nas demais aulas, a roda inicial foi a abordagem escolhida, nela os estudantes puderam ter o primeiro contato com o material a ser usado na aula (raquetes e bolinhas de Tênis de Mesa, rede). Quando a professora/pesquisadora perguntou se olhando para o material eles saberiam dizer qual seria o esporte que praticariam, foi quase uníssono o “ping pong”. Então ela tentou resgatar na memória deles a aula conceitual onde foi apresentado os esportes, mas eles continuaram sem conseguir identificá-lo, chamando-o de ping pong, Tênis e pingbol.

Ela aproveitou a confusão para explicar que aquele não era o material oficial do Mirimbol, mas que era bem parecido, inclusive, quando o Esporte foi criado, utilizavam esta raquete nas partidas. Com o tempo e alguns estudos resolveram alterar o formato da raquete que passou de redondo para quadrangular, além de aumentar um pouco o seu tamanho. Em seguida, propôs a atividade prática de

primeiros movimentos e jogo inicial, a qual gerou muitas reclamações pelo fato de não conseguirem jogar devido ao vento:

Prof. é impossível com esse vento. (Estudante 8).

Não tem como, o vento tá muito forte. (Estudante 13).

Passados alguns minutos de prática, os estudantes são chamados novamente para a roda de conscientização tática, na qual é abordado sobre as regras e forma de jogo, nela os estudantes ficam todos atentos e aproveitam para sanar suas dúvidas. Em seguida retornarem para a prática do mini-jogo, que novamente é bastante prejudicada com o vento, entretanto nenhum estudante deixou de tentar realizar o que era solicitado e percebe-se que apesar das adversidades todos estavam se divertindo bastante, o que causou surpresa pois acreditava-se que iriam se desmotivar. Esta circunstância foi percebida na roda final, com a grande quantidade de estudantes levantando a mão para falar, mostrando também que os estudantes estavam se sentindo mais confiantes com essa rotina:

Eu não tô gostando prof. tá muito difícil. (Estudante 1).

Eu não gostei porque tava ventando muito e ficava difícil de rebater porque elas ficavam indo longe. (Estudante 16).

Eu gostei porque eu gosto bastante de ping pong e é uma coisa tipo, muito legal. Porque eu jogo com o meu pai e com a minha mãe, é uma coisa assim de família, que toda a família sabe. Eu amei. (Estudante 19).

Eu gostei porque eu aprendi mais um jogo. (Estudante 18)

Eu gostei mais ou menos, porque a primeira vez que eu fui jogar a bolinha pegou na minha cara. (Estudante 8).

Eu gostei porque o jogo é muito interativo, ele é muito elétrico, rápido. (Estudante 9).

Quando eu venho na escola no fim de semana, tem mesa de ping pong, daí eu tava brincando e ganhando de 6X0. (Estudante 18).

Eu achei muito legal e quero jogar de novo. (Estudante 2).

Eu gostei mais ou menos, porque achei chato e legal, o vento também não estava ajudando e o time adversário não quis jogar direito. (Estudante 1).

Com os comentários, percebe-se que os estudantes continuaram fazendo associação do Mirimbol com o Ping Pong / Tênis de Mesa e que é uma modalidade esportiva que lhes agrada e que mesmo com as adversidades da aula, a maioria gostou bastante de participar.

O último Esporte de Rede desta unidade temática foi o Beach Tennis, sendo a única aula realizada em ambiente diferente das demais: a quadra de areia da Escola (Foto 16). Além disso, a rede foi substituída por um elástico, pois a rede não tinha tamanho suficiente para tal. O uso da quadra de areia causou em primeiro momento bastante alegria, pois os alunos puderam tirar o tênis e realizar a atividade descalços, entretanto, na medida em que a aula foi ocorrendo, os alunos passaram a reclamar do sol, que estava “bem forte” no dia, e do calor que fazia.

Para ilustrar a aula, a professora/pesquisadora levou um kit pessoal de material oficial de Beach Tennis (Foto 15) para que os estudantes tivessem contato com ele. Entretanto, utilizou na prática um material adaptado – raquete e bolinhas de frescobol, pois este é mais barato e era o material que tinha em quantidade suficiente na escola. Ao comparar os materiais, os estudantes levantaram a questão da diferença de peso das raquetes (oficial e adaptado) e que queriam jogar com o oficial. Mas para evitar confusão, pois todos mostraram querer o mesmo, ficou acordado que o mais justo seria todos usarem o material adaptado.

Figura 16- Material oficial Beach Tennis



Fonte: autoria própria.

Figura 17- Quadra adaptada de Beach Tennis



Fonte: autoria própria.

Figura 18- Prática do Esporte Beach Tennis



Fonte: autoria própria.

Nesta aula a roda inicial ocorreu com os estudantes sentados nos pneus que delimitam a quadra de areia, nela a professora/pesquisadora contou brevemente a história do Beach Tennis, gerando alguns comentários dos estudantes que demonstraram que apesar dos estudantes na avaliação diagnóstica apontarem não conhecer tal modalidade, já tiveram contato ou pelo menos já assistiram vídeos sobre ele.

Sabia professora que eu já joguei Beach Tennis, foi muito legal. (Estudante 11).

Eu também já joguei com o meu pai. (Estudante 19).

Sabia prof., que meu pai fica vendo vídeo no instagram e me chama pra mostrar as pessoas jogando Beach Tennis?(Estudante 16).

Após a explicação da forma de jogo, foram para a prática com os primeiros movimentos e jogo inicial. Nela foi preciso fazer algumas intervenções, pois os estudantes demonstraram bastante dificuldade, embora visivelmente estivessem se divertindo. Na roda de conscientização tática, muitos estudantes pedem para falar sobre suas impressões do Esporte:

Prof. eu não tava conseguindo jogar direito. (Estudante 3).

Prof. consegui rebater 30 vezes a bolinha. (Estudante 18).

É chato prof., eu não tô gostando. (Estudante 1)

É legal prô, rebate o comentário do Estudante 1. (Estudante 15)

Tô gostando mais ou menos, porque a minha dupla, não entendeu que era 10 vezes de cada e daí não trocava. (Estudante 18).

Sabia que meu pai fica assistindo o jogo na TV e fica me chamando para ver? (Estudante 16).

Dando continuidade a aula, a professora/pesquisadora explica a dinâmica da próxima atividade que é aprender a fazer o saque e em seguida praticá-lo nos mini-jogos. Os estudantes pedem para que a professora demonstre várias vezes o movimento. Nesta atividade, a professora percebe que um estudante tenta ajudar o outro e quando sentem necessidade a chamam para sanar suas dúvidas. Alguns estudantes fazem comentários:

Nossa, vai muito alto. (Estudante 5 para Estudante 1)

Ele é muito bom. (Estudante 8 para Estudante 3).

Bora Estudante 15, bora, vamos fazer o saque. (Estudante 9).

Após o momento de prática e mini-jogos, a professora reúne novamente os estudantes para a roda final, onde é resgatado o que foi abordado na aula, lembrando as formas de marcar um ponto e a importância de manter um rally o maior tempo possível. Neste momento o Estudante 2 fala:

Quando vamos jogar futebol? (estudante 2). Então o estudante 18 responde: Cara, você só pensa em futebol, bora aprender uns esportes novos. (Estudante 18).

Neste diálogo percebemos que mesmo muitos estudantes demonstrando interesse por conhecer e praticar novos Esportes, para alguns continua a predileção pelo Esportes Tradicionais, o que é natural, dado o histórico da Educação Física Escolar:

...Apenas os esportes como o futebol\futsal, vôlei, basquete e handebol são prioritários nas aulas de Educação Física em detrimento a outras manifestações corporais tais como: dança, lutas, conhecimento sobre o corpo, jogos e brincadeiras, atividades rítmicas expressivas e ginástica, além de outros esportes não hegemônicos (Tinôco, Batista e Araújo, 2014).

Tal fato, ao ser analisado, nos gerou contentamento pois percebemos que no decorrer da sequência didática, foram poucos os momentos e estudantes que pediram para praticar tais esportes. A maioria mostrava-se empolgada em aprender

novos Esportes e realizavam as aulas com motivação, episódio percebido quando questionados se gostaram do Beach Tennis:

Eu gostei porque a gente tinha que rebater assim, e daí ficava muito legal e a gente rebatia pro outro e eu consegui fazer duas batidas. (Estudante 16).

Eu gostei, porque aprendi mais um esporte que eu não sabia. (Estudante 13).

Gostei, porque eu conheço um monte de esporte e este eu não conhecia. (Estudante 3).

Gostei porque tem um monte de bola e dá pra ficar pegando e jogando. (Estudante 4).

Eu também gostei de conhecer um esporte novo, e ele é bem legal. (Estudante 5).

Eu não gostei pois achei difícil. (Estudantes 1 e 5)

Eu não gosto de esporte que usa raquete, eu prefiro os que não usam raquete. (Estudante 19).

Eu não gostei porque o colega Estudante 4 me acertou com a raquete. (Estudante 20).

Achei muito difícil. (Estudante 21).

Eu gostei mais ou menos, porque né, a minha dupla não entendeu que tinha que rebater dez vezes de cada e ficou batendo mais vezes (Estudante 18).

Achei a raquete muito pesada (Estudante 13).

Não é que eu não gostei, é que eu não gosto de ficar onde tem areia, acho ruim. (Estudante 22)

Os dois últimos comentários nos levaram a refletir também sobre a importância do espaço e materiais adequados para as aulas de Educação Física, pois mesmo considerando que a Escola em questão é privilegiada em ter duas quadras poliesportivas + um parquinho + um campo de areia, além de um vasto almoxarifado com materiais de Educação Física, ainda sentimos falta de qualidade nos espaços que precisam de manutenção, mas principalmente em relação aos materiais, mais especificamente quando trabalhamos os esportes de raquetes.

A disciplina de Educação Física, assim como as demais disciplinas, tem uma demanda por espaços e materiais específicos, dentre eles a

quadra/ginásio/pátio para o desenvolvimento dos conteúdos”. Grande parte das atividades deste componente curricular precisa de um ambiente arejado, espaçoso e em boas condições para a realização de suas práticas (Tenório, Tassitano e Lima, 2012, p. 312).

Entretanto, não justifica a retirada de tais conteúdos do planejamento:

Entendemos que um espaço adequado e materiais específicos para a prática das aulas de Educação Física são aspectos importantes para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças. No entanto, é válida a reflexão de que a ausência de espaços e instrumentos específicos não pode ser um marcador da quebra de qualidade nas atividades da referida disciplina. Não podemos, a partir da falta desses componentes, inferiorizar a prática de Educação Física nas instituições públicas de ensino. Por meio de muitos exemplos, já foi constatado que o professor tem autonomia e capacidade para se reorganizar em relação à sua atuação e as atividades, buscando realizar as práticas que são fundamentais para o desenvolvimento dos alunos (Oliveira, 2023).

Chiminazzo (2008) também aponta que não cabe ao professor reclamar da falta de espaço, falta de material, etc. O professor é responsável por estimular seus alunos, levando-os à construção do próprio conhecimento. O conhecimento diversificado e adequado às características culturais da região auxiliam na busca de espaços e práticas que possibilitem ao professor alcances de desenvolvimento motores com seus alunos que superam a falta de estrutura disponibilizada pela gestão.

Sendo assim, não só na modalidade de Beach Tennis, mas nos demais esportes, embora estivéssemos num espaço apropriado, estávamos longe do adequado, nos levando a fazer adaptações (uso de elástico no lugar de rede, por exemplo) principalmente em relação ao material (raquetes, bolinhas, cones e bolas adaptadas). Entretanto, tais dificuldades foram poucas perto do fato de conseguirmos cumprir com o objetivo da aula que era proporcionar a prática esportiva e oportunizar que os estudantes tenham o contato com modalidades que talvez fora do ambiente escolar nunca viessem a ter, contribuindo para o desenvolvimentos dos estudantes. Destacando que mesmo que a Escola não tivesse esses espaços seria possível fazer estas prática em outros espaços, indo de encontro com estudo de Castro Filho (2020) que aponta ser possível trabalhar esportes diferentes dos tradicionalmente presentes, mesmo quando não há espaço ou materiais oficiais adequados

7.4 Criação e Prática de um novo jogo (Aulas 8, 9 e 10)

A proposta para esta unidade temática era que após conhecer, reproduzir e refletir sobre os Esportes de Rede não convencionais, os estudantes pudessem transformá-los ou até mesmo que criassem um novo jogo. Para tanto, a professora/pesquisadora propôs aos estudantes que se reunissem em grupos de 4-5 pessoas e seguindo um roteiro (APÊNDICE 4) pudessem colocar no papel e depois apresentar aos colegas de turma a sugestão de um “novo Esporte de Rede” para pôr fim praticá-los.

Tal proposta se ancora na Teoria de Instrução de Bruner, a qual considera crucial que o professor em suas escolhas didáticas leve em conta a potencialização da curiosidade estudantil, o estímulo, a criatividade e o protagonismo na aprendizagem. Ele não oferece as respostas, mas propulsiona as perguntas e orienta para que o aluno possa descobrir e aprender. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também enfatiza o desenvolvimento do pensamento científico, crítico e criativo como uma de suas competências gerais e que deve aparecer em todos os componentes curriculares (Borges et al., 2020).

Na Teoria de Bruner (2006), são elencadas quatro características muito importantes que o processo de ensino deve ter e que guiam o trabalho do professor durante o evento educativo. São elas: predisposições, estrutura, sequência e reforçamento. A predisposição está relacionada à motivação do aluno para a exploração de alternativas que resolvam o problema proposto. E para garantir que o aprendiz tenha motivação durante todo o processo de construção do conhecimento, o professor deve garantir, como pressuposto básico, uma boa relação entre ele e o estudante. “As relações entre quem ensina e quem aprende nunca são indiferentes em seu efeito sobre o aprendizado”.

A estrutura dos conteúdos, mais especificamente a sua seleção, é fundamental na delimitação dos conhecimentos a serem trabalhados pelo aprendiz durante sua exploração. Isso pois, o mérito da estrutura depende do seu poder para simplificar a informação, gerar novas proposições e aumentar a manipulabilidade do corpo de conhecimento. A estrutura precisa sempre estar relacionada à situação social e ao dom do aprendiz (Bruner, 2006).

O terceiro atributo é fortemente relacionado com a estrutura: trata-se da sequência. Silva e Gomes (2017) afirmam que a sequência com que o conhecimento chega até o aluno durante a exploração das hipóteses é importante uma vez que impacta a compreensão do conteúdo. Não parece ser produtivo começar a explanação no nível das representações simbólicas se o aluno tampouco domina os modos ordenativo e icônico, por exemplo.

Com relação ao reforço, Bruner procura priorizar as recompensas intrínsecas em detrimento das extrínsecas. Isto é, “o grau do desejo por competência passa a controlar o comportamento em um nível em que o papel do reforço ou a "recompensa externa" diminui na moldagem do comportamento” (BRUNER, 2008). Ou seja, o maior prêmio para o estudante deve ser reconhecer sua capacidade em resolver um problema (aprender), em vez de congratulações e agrados materiais.

Desta forma, utilizou-se nesta unidade um total de 3 horas-aula, sendo uma para a elaboração e organização do “Novo Esporte”, e duas aulas para a apresentação e prática desses jogos. Na primeira aula, os estudantes ficaram na própria sala de aula e passaram a pensar e organizar o trabalho em grupo. Os estudantes ficaram super empolgados com a possibilidade de poderem criar um “Esporte Novo” e após ouvirem as orientações do que precisavam fazer começaram a falar suas idéias:

Professora eu já tenho uma idéia: é assim tipo jogar Vôlei, mas usando qualquer parte do corpo - pé, cabeça, ombro, etc. (Estudante 13).

Professora, já existe um Vôlei só com o pé né, daí não pode né, tem que ser novo. (Estudante 2).

Pode ser pingando a bola no chão? (Estudante 10).

A professora/pesquisadora após escutá-los orienta-os que devem discutir suas idéias com o grupo, ouvir as sugestões dos colegas e depois escrever no roteiro. Após alguns minutos começam a surgir alguns conflitos. Em alguns grupos eles não conseguem chegar no consenso de qual sugestão seguir, em outros, reclamam que um colega tomou a frente e não escuta os demais:

Eu não quero mais ficar neste grupo, eles não me escutam. (Estudante 13).

Professora, eles não deixam eu fazer nada, tô aqui parada. (Estudante 1).

Eu vou fazer tudo sozinha, prof., já sei o que fazer. (Estudante 16).

Figura 19- Criando um novo jogo



Fonte: autoria própria.

A professora então chama-os para conversar e explicar como deve ser o trabalho em grupo e sobre a importância de todos colaborarem, o que pareceu surtir efeito, pois em seguida, passam a produzir com a colaboração de todos. Este conflito faz parte do contexto de atividades realizadas em grupo, cuja intenção é a participação ativa de todos, troca de ideias, negociar pontos de vista e explorar pontos de vista por ângulos diferentes, desafiando-os para que construam o conhecimento e este faça sentido.

A aprendizagem demanda uma prática pedagógica que privilegie a participação ativa dos alunos e do professor, por meio de situações que primam pelo intercâmbio, pelo diálogo, pela expressão criativa e pelo trabalho em grupo, respeitando as atividades discursivas do aluno e sua singularidade (Silveira apud Nunes e Silveira, 2010, p. 56).

Na aula seguinte, ainda em sala, é o momento dos estudantes apresentarem os seus “Esportes” para os colegas. Os cinco “Novos Esportes de Rede” criados e apresentados pelos estudantes possuem características parecidas tanto dos Esportes apresentados, mostrando que tomaram como referência aquilo que aprenderam nas aulas da intervenção, ou seja, houve assimilação do conhecimento, quanto do Voleibol e o Futevôlei, que são modalidades que fazem parte do seu cotidiano. Fazendo-nos acreditar que ocorreu ligação entre o conhecimento prévio

com os conteúdos abordados, o que segundo a teoria de David Ausubel, tornou a aprendizagem mais significativa.

Figura 20- Apresentando seu “Esporte” para os colegas



Fonte: autoria própria.

Durante a apresentação dos estudantes o que mais nos chamou atenção foram os desenhos elaborados, uma vez que estes não eram parte obrigatória da atividade. Todos os grupos se empenharam em criar uma imagem que fosse coerente e que representasse de forma clara o jogo por eles inventado, nos levando a refletir sobre a importância destes para a atividade. Para Goldin (2008), as figuras, imagens, ícones e outros dão origem ao que podemos designar por representações pictóricas.

Estas podem ser divididas em dois tipos: as representações internas e as representações externas. No campo das representações internas está a verbalidade (utilização da linguagem), o sensorial, a execução das habilidades cognitivas, a afetividade e as emoções. As representações externas se configuram em símbolos matemáticos, as figuras ou representações pictóricas, os objetos e a linguagem verbal (escrita) (Goldin, 2008).

No nosso estudo, tais representações foram uma forma a mais de conseguir explicar o jogo pensado e criado por eles, dando maior clareza a sua produção, demonstrando que tal ferramenta pode também ser valiosa para a Educação Física. Para as autoras Smole e Diniz (2001), o desenho é o pensamento visual e pode adaptar-se à qualquer natureza do conhecimento, seja ele científico, artístico, poético ou funcional.

[...] a criança desde seus primeiros anos de vida, se expressa através do desenho concreto, abstrato, colorido, escuro e enfim,

transparece sua concepção do espaço, imaginário ou real. Enquanto esta criança desenvolve outras formas de comunicação, sua concepção também evolui e aquele desenho, apresenta ampliado objetivo, que é a visualização de situações do texto para a mente, em outras linhas esse texto se faz mais concreto do que antes (Gonçalves, Santos e Silva, 2023, p.3068-3069).

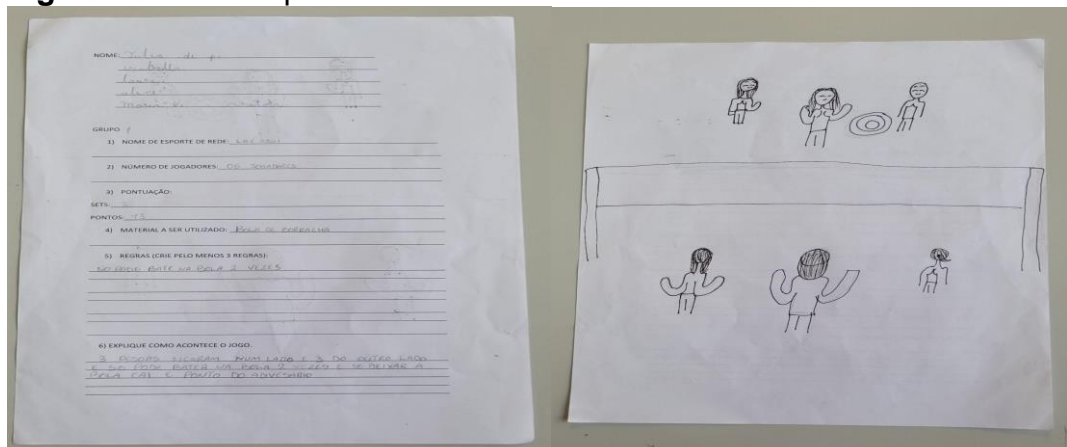
Após a apresentação dos cinco grupos em sala, os estudantes foram para a quadra da Escola para praticarem tais Jogos. Foram utilizadas 2 aulas para que todos os “Novos Esportes” fossem contemplados, 2 jogos numa aula e 3 jogos na outra. Antes de cada jogo, a equipe responsável explicava novamente como se jogava (parte conceitual), para então todos partirem para parte procedimental que era o jogo propriamente dito e finalizavam com a roda de conversa para saber as impressões e sugestões de todos (parte atitudinal).

O Grupo 1 nomeou seu Esporte como “Lá e Aqui” (Figura 1), um jogo de rede disputado em trios que utiliza uma bola de borracha e será disputado em 3 sets de 15 pontos. Cada equipe pode trocar somente 2 passes antes de enviar a bola para o campo adversário. Marca-se ponto toda vez que a bola cai no chão. Após a sua prática, na roda de conversa, a maioria dos estudantes disse ter gostado de praticá-lo e acharam-no relativamente fácil. Alguns estudantes reclamaram de colegas que não estavam seguindo as regras, como chutar a bola e atrapalhar o outro time. Então a professora/pesquisadora pediu sugestão para o jogo e alguns estudantes pediram para falar:

Jogar sem ter a rede. (estudante 18).

Mudar a forma de sacar para não machucar. (estudante 16).

Figura 21- “Lá e Aqui”



Fonte: autoria própria.

Percebe-se que este jogo era uma adaptação do Vôlei e agradou bastante os estudantes, que estavam bem envolvidos na atividade. Não foi novidade os estudantes se espelharem nesta modalidade, uma vez que já relatamos que nesta Escola é muito forte a predileção por tal Esporte.

Figura 22- Prática do Esporte “Lá e Aqui”



Fonte: autoria própria.

O grupo 2 criou o Esporte de Rede “Futi Rede”. Um jogo também praticado com a bola de borracha, jogado em trios composto por 2 sets de 10 pontos. Só pode jogar com os pés, entretanto o saque é feito com as mãos (igual ao saque por baixo do Vôlei). Antes de passar a bola para o campo adversário é obrigatório trocar passes com todos os colegas de equipe. As opiniões sobre a prática deste Esporte na roda de conversa ficaram divididas, uns disseram que gostaram e outros que não. Sendo um jogo bem parecido com o Futevôlei percebe-se que os estudantes menos habilidosos nesta modalidade estavam com mais dificuldade em realizá-lo e talvez por isso disseram que não gostaram:

Achei muito chato. (Estudante 21).

Os caras do outro time chutavam muito alto e não tinha como pegar. (estudante 20).

A bola era muito ruim. Não dava pra jogar com ela. (estudante 15).

Eu percebi que se você joga fraca a bola não vai. (Estudante 18).

Este não é meu Esporte. Eu prefiro Ginástica. (Estudante 1).

A professora pediu então sugestões para a turma para que o jogo criado fosse aprimorado:

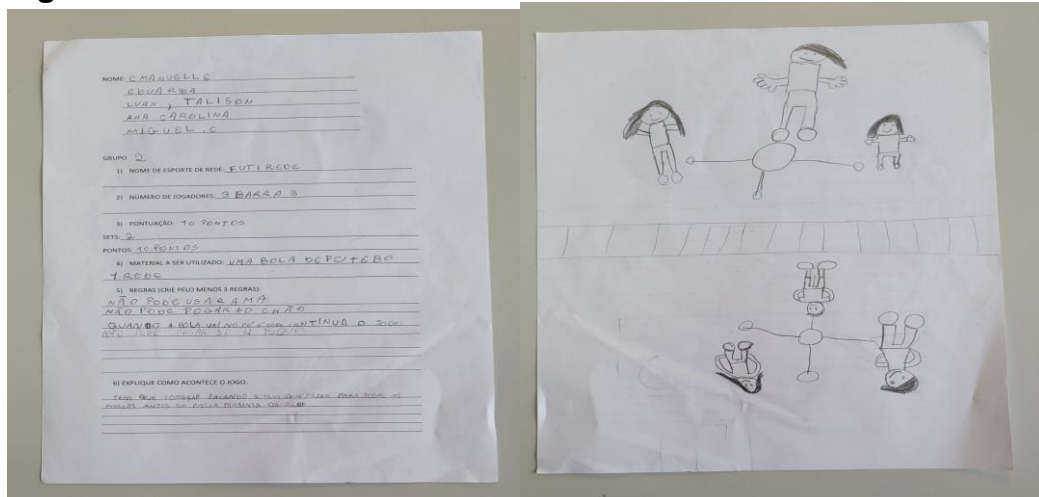
Jogar com uma bola diferente. (Estudante 4).

Jogar com uma bola mais leve. (estudante 16).

Fazer o saque com a mão. (Estudante 21).

Chutar a bola mais baixo. (Estudante 18).

Figura 23- “Futi Rede”



Fonte: autoria própria.

Figura 24- Prática do Esporte “Futi Rede”



Fonte: autoria própria.

O grupo 3 criou o “Kuyn Bol” um “Esporte de Rede” disputado em quartetos usando uma bola de Vôlei, com duração de 2 sets de 21 pontos. O jogo inicia com saque e a equipe deve recebê-lo segurando a bola, depois é obrigado a passar com os pés para 4 pessoas do time antes de enviá-la a bola para o campo adversário. O objetivo é fazer com que a bola caia na quadra adversária, marcando ponto. Tal proposta ficou uma mistura de Vôlei com Futevôlei, tornando o jogo bastante complexo. As dificuldades em praticá-lo também foram destacadas na roda de conversa, embora as opiniões ficassem divididas quando responderam se gostaram da proposta:

Eu não gostei, ficou muita bagunça. (Estudante 4).

Eu achei muito chato. (Estudante 1).

Eu gostei, porque achei muito legal. (Estudante 21).

Eu gostei, porque não tem que usar a mão. (Estudante 18).

Eu não gostei, porque achei muito difícil. (Estudante 16).

Eu gostei, porque é futebol né, daí dá uma emoção. (Estudante 8).

Eu gostei porque dá muita emoção. (Estudante 7).

Eu achei muito difícil, porque não deu entender muito bem este Esporte. (Estudante 17).

A professora pediu então sugestões para o Jogo em questão:

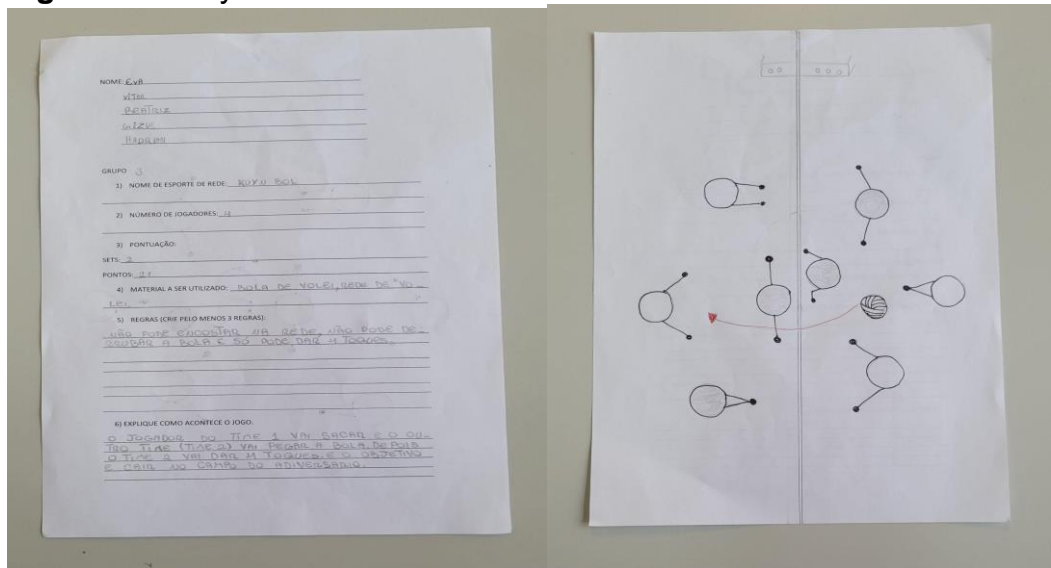
Eu acho que tinha que sacar com o pé. (Estudante 3).

Podia sacar com o pé e jogar o restante com a mão. (Estudante 2).

Podia aumentar para 5 participantes em cada equipe. (Estudante 4).

Uma rede mais baixa. (Estudante 18).

Figura 25- “Kuyn Bol”



Fonte: autoria própria.

Figura 26- Prática do Esporte “Kuyn Bol”



Fonte: autoria própria.

“Maçãbol” foi o “Esporte de Rede” criado pelo grupo 4. Este esporte também deve ser praticado por 4 pessoas e dura 3 sets de 21 pontos. Neste jogo utiliza-se uma bola em formato de maçã, o seu objetivo é fazer com que a bola passe entre os vãos da rede, para isso joga-se utilizando apenas uma mão de cada vez e tem que passar a bola entre os colegas de time. Inicia-se o jogo realizando um saque (lançar a bola com apenas 1 das mãos). Como regras, especificaram que não é preciso fazer o rodízio e que não se pode usar brincos e acessórios durante as partidas. Vemos que este Esporte teve influência do Manbol, onde sua origem é uma fruta, mostrando que ficou marcado essa questão para os estudantes. Foi um dos

esportes com características mais diferentes de todos, pois o objetivo aqui era passar a bolinha por entre a rede de Vôlei, o que foi um desafio novo para os estudantes. No feedback sobre o jogo, a maioria dos estudantes relataram ter gostado do “Novo Esporte”.

Eu gostei, porque a gente se divertiu bastante. (Estudante 18).

Foi muito legal, porque você não podia jogar com muita força, tinha que ser devagar pra marcar ponto. (Estudante 2).

Eu achei muito legal, eu amei esse jogo porque era muito divertido. (Estudante 19).

Eu achei muito sem graça esse negócio de ficar só jogando a bolinha. (Estudante 17).

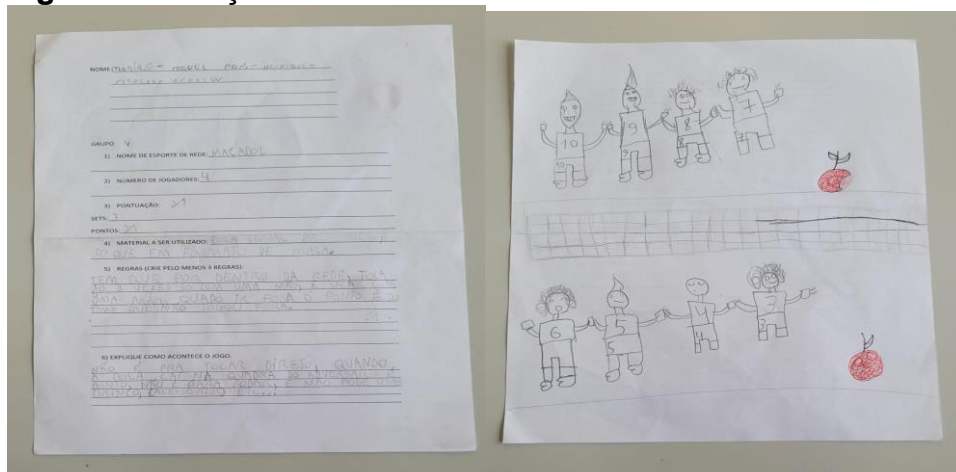
Como sugestão os estudantes falaram:

Usar uma bolinha maior. (Estudante 8).

Usar uma bolinha mais pequeninha, pois é mais fácil agarrar, tipo a de ping pong. (Estudante 2).

Sacar a bolinha com o pé pra ficar mais difícil. (Estudante 13).

Figura 27- “Maçãbol”



Fonte: autoria própria.

Figura 28- Prática do Esporte “Maçãbol”



Fonte: autoria própria.

O último “Esporte de Rede” foi criado pelo grupo 5 é denominado de “Quick Ball”. Este jogo é disputado por uma equipe de 6 pessoas usando uma bola de Vôlei e é disputado por 2 sets de 14 pontos. O objetivo do jogo é derrubar a bola no campo adversário, para tanto 2 jogadores ficam responsáveis por ser a defesa, não deixando a bola cair no seu campo e os outros fazem o ataque que consiste em quicar a bola no chão 1 vez antes de passá-la para o campo adversário. Este grupo descreveu algumas regras específicas sobre respeitar os colegas (não xingar, não brigar, não roubar a bola do adversário). Percebe-se nesta proposta alguns pontos similares com uma das atividades propostas no Sorvebol, suprimindo o uso do cone. Foi uma atividade bem dinâmica onde os estudantes tinham que decidir antes do jogo os papéis durante a partida e quando foram praticá-la conseguiram dominar bem o jogo. O fato de poder deixar a bola quicar no chão antes de passar para o outro campo se assemelha também ao Tênis de Mesa ou Ping Pong como eles chamam. Os estudantes relataram gostar bastante deste jogo:

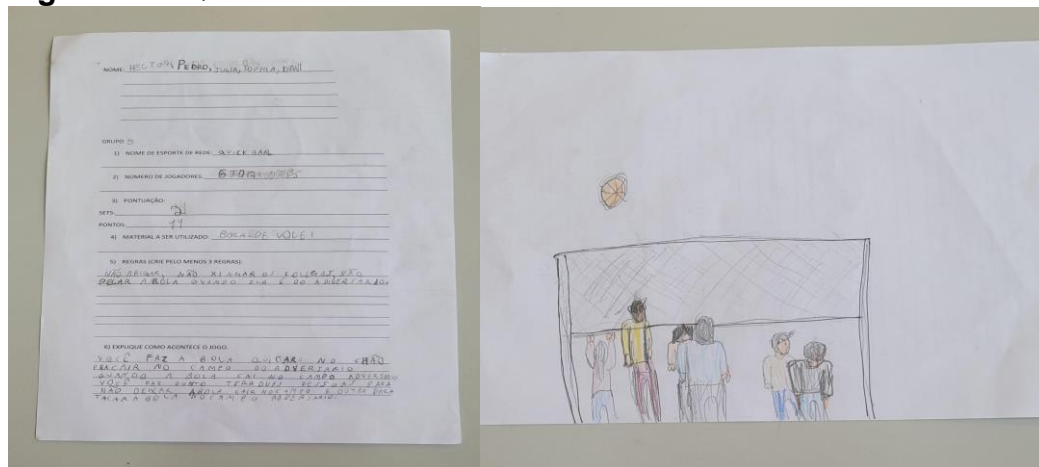
Eu gostei, porque era fácil de jogar. (Estudante 4).

Eu também gostei professora, porque é mó legal a gente trabalhar em equipe. (Estudante 20).

Eu gostei porque a gente compartilhou no nosso grupo. o saque era realizado cada vez por uma pessoa, daí todo mundo participou. (Estudante 18).

Eu gostei porque era preciso ter sabedoria pra poder jogar. (estudante 9).

Figura 29- “Quick Ball”



Fonte: autoria própria.

Figura 30- Prática do Esporte “Quick Ball”



Fonte: autoria própria.

Nesta proposta ficou claro o quanto o conhecimento prévio dos estudantes promove um ensino mais significativo. Cada grupo tentava inserir em seu Esporte a sua bagagem cultural, valorizando o que mais conheciam, sabiam ou dominavam. Entretanto, percebemos que os estudantes não ficaram estagnados, em todas criações vemos características dos esportes inseridos durante a sequência didática, ou seja, estes buscaram outras fontes de informação.

Para haver aprendizagem significativa são necessárias duas condições. Em primeiro lugar, o aluno precisa ter uma disposição para aprender: se o indivíduo quiser memorizar o conteúdo arbitrariamente e literalmente, então a aprendizagem será mecânica. Em segundo, o

conteúdo escolar a ser aprendido tem que ser potencialmente significativo, ou seja, ele tem que ser lógica e psicologicamente significativo: o significado lógico depende somente da natureza do conteúdo, e o significado psicológico é uma experiência que cada indivíduo tem. Cada aprendiz faz uma filtragem dos conteúdos que têm significado ou não para si próprio (Pelizzari et al., 2001, p. 38).

Constatou-se também que com as similaridades e ao estimular jogos da mesma categoria, os(as) discentes puderam entender melhor o ensino e a proposta entre diferentes modalidades, construindo conhecimentos adquiridos de uma prática para outra, além de compreender com mais facilidade o jogo na sua lógica e tática. (Chiminazzo e Belli, 2021).

Por fim, buscamos com esta sequência didática garantir, segundo Barroso (2020), que todos tivessem o acesso a esse recorte da cultura, propiciando ao aluno condições de conhecê-la, reproduzi-la e transformá-la. Atribuindo maior valor aos alunos, permitindo a sua participação em todas as atividades, independentemente de níveis de habilidades ou diferenças de constituições físicas, ofertando modalidades esportivas diversificadas, trabalhando além da parte procedimental, o conceitual e atitudinal, atribuindo maior significado ao Esporte.

7.5 Avaliação (Aula 11)

Esta seção tem como objetivo apresentar a percepção dos estudantes participantes da pesquisa acerca da intervenção, a partir de suas respostas na Avaliação Final (APÊNDICE 5) realizada no nosso último encontro, no dia 06 de setembro de 2023. No Quadro 3, são apresentados os resultados quantitativos da percepção/sentimento dos alunos em relação às alternativas assinaladas no questionário.

O questionário é composto de seis afirmativas sobre a implementação dos Esportes de Rede e os estudantes devem assinalar em cada uma delas se concordam plenamente, concordam parcialmente ou discordam totalmente. Ressaltamos que para melhor compreensão, a professora fez a leitura das questões em voz alta e esperava os 24 estudantes presentes assinalarem a resposta que julgavam mais adequada, para passar para a próxima questão.

Quadro 3- Avaliação Final

AFIRMATIVAS	CONCORDO	CONCORDO	DISCORDO
	PLENAMENTE	PARCIALMENTE	TOTALMENTE
1. Eu não conhecia a maioria dos Esportes de Rede trabalhados na sequência didática.	9	15	0
2. Após a sequência didática passei a conhecê-los e gostei muito de praticá-los.	12	10	2
3. As atividades apresentadas foram fáceis de serem realizadas e bem divertidas.	15	8	1
4. Eu gostei muito de aprender a jogar os diferentes Esportes de Rede não convencionais	19	5	0
5. Eu gostaria de aprender mais sobre os Esportes de Rede não convencionais trabalhados na sequência didática.	17	3	4
6. Eu gostaria de aprender novos Esportes de Rede não convencionais, além daqueles trabalhados na sequência didática.	21	2	1

Fonte: Produzido pela autora.

A partir das respostas apresentadas no Quadro 3, pode-se constatar a maioria dos estudantes (21) gostariam de aprender outros Esportes além dos que foram trabalhados nas aulas (afirmativa 6) o que nos leva a pensar que realmente é importante buscarmos a ampliação do repertório cultural esportivo, tal consideração é respaldada quando 19 estudantes também apontam que gostaram muito de aprender os Esportes de Rede ofertados na aula (afirmativa 4).

Sobre aprofundamento (afirmativa 5), 17 estudantes demonstraram ter interesse, mostrando que gostaram das atividades e dos esportes apresentados, o que também fica nítido quando 15 estudantes disseram concordar que estas atividades foram fáceis de serem realizadas e bem divertidas (afirmativa 3). Essa necessidade de aprofundamento aparece também quando analisamos a questão 2, onde apenas metade da turma (12 estudantes) diz ter passado a conhecê-los e gostaram de praticá-los. Entretanto, nesta mesma afirmativa, apenas 2 estudantes disseram que não gostaram de praticá-los, o que podemos considerar dentro do esperado quando pensamos em conteúdos de Educação Física e sua gama de possibilidades. Tais estudantes podem não ter predileção por Esportes de Rede e

talvez tenham por outros Esportes ou até mesmo por outros conteúdos como Dança, Ginástica ou Lutas, contudo tal fato não justificaria a sua exclusão tendo em vista que o estudante está na Escola para ter aprofundamento daquilo que já conhece, mas também para conhecer outras realidades e culturas, ressignificando o meio em vive.

Por fim, a afirmativa 1, confirma aquilo que já havíamos constatado na avaliação diagnóstica, com 15 estudantes dizendo concordar parcialmente com ela. Tal fato é creditado pois dos 6 Esportes propostos, 2 deles (Peteca e Badminton) os estudantes já haviam tido contato no ambiente escolar em anos anteriores, enquanto os outros Esportes (Manbol, Sorvebol, Mirimbol e Beach Tennis) eles relataram não conhecer ou nunca ter praticado na Escola.

A aprovação da sequência didática pelos estudantes confirma resultados de pesquisas anteriores como a de Matos (2020) a qual concluiu que apresentar os esportes alternativos valoriza o fenômeno esportivo, agrega conhecimento, amplia o repertório motor e a cultura corporal dos estudantes, além de despertar ainda mais o interesse pela disciplina escolar Educação Física. Resultado semelhante foi encontrado por Corrêa, Freitas e Silva (2019) que destacaram a importância do ensino dos esportes de raquete, no âmbito escolar, cujo proporcionou ampliação do conteúdo esporte das aulas de educação física incluindo temas que, infelizmente, a sociedade menos priorizada não tem acesso, podendo resultar assim em uma massificação desses esportes.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecendo a importância de diversificar e oportunizar novos conteúdos nas aulas de Educação Física escolar, este trabalho teve como proposta analisar como a inserção dos esportes de rede não convencionais nas aulas de Educação Física numa turma de 4º ano do Ensino Fundamental podem contribuir para a formação dos estudantes para além dos esportes tradicionais. Para tanto, escolhemos os seguintes Esportes de Rede: Peteca, Manbol, Sorvebol, Badminton, Mirimbol e Beach Tennis, para compor a intervenção pedagógica realizada na pesquisa. A sequência didática foi composta de onze aulas resultando em cinco categorias de análise: apresentação do tema, prática dos Esportes de Rede não convencionais que não precisam de equipamentos para rebatidas, prática dos Esportes de Rede não convencionais que utilizam algum equipamento, criação e prática de um novo jogo e Avaliação.

Após a análise dos dados coletados, foi possível constatar que os estudantes já haviam tido contato com os Esportes de Rede, seja no ambiente familiar ou na Escola, mas que este contato era restrito a poucas modalidades esportivas, sendo majoritariamente com o Vôlei. Indo ao encontro a outros estudos que apontam que no transcurso da sua história, a Educação Física priorizou os conteúdos esportivos, restringindo-os ainda aos esportes mais tradicionais, como, por exemplo: basquetebol, voleibol e futebol/futsal, além do handebol (Darido, 2020).

Sobre a implementação da sequência didática podemos dizer que foi um sucesso. Os alunos demonstraram grande interesse e participação, aprendendo conceitos, procedimentos e atitudes referentes às modalidades desenvolvidas. Além disso, eles conseguiram associar esses conhecimentos a outros conteúdos estudados, baseando-se na lógica interna dos esportes. Ou seja, os esportes não convencionais apresentados mostraram-se um novo atrativo, gerando interesse e despertando a curiosidade nos alunos, principalmente daqueles menos habilidosos, fazendo com que se sentissem mais à vontade em participar das aulas, simplesmente pelo fato de ter variado a temática das aulas saindo do chamado “quarteto fantástico”, indo de encontro ao estudo realizado pela Unipê (2008) que apontou que ao incluir os esportes alternativos nas escolas públicas do Brasil, houve um aumento da participação dos alunos nas aulas de educação física.

Destacamos ainda, que a inserção dos esportes não convencionais mostrou-se uma opção pedagógica interessante, pois além de ampliar o repertório de possibilidades para as aulas de educação física, possibilitou uma gama variada de movimentos, possibilitando trabalharmos novas regras e novos princípios, estimulando que os estudantes pudessem mover-se autonomamente, sabendo como, quando e porque realizar os movimentos. Para os que poderiam usar como empecilho a falta de espaço e materiais, com esta proposta conseguimos mostrar que é possível trabalhar tais esportes mesmo quando não há espaço ou materiais oficiais adequados, usando pequenas adaptações do que temos nas escolas.

Não podemos deixar de mencionar a contribuição valiosa que a Teoria da Instrução trouxe para este trabalho, uma vez que a sua inserção surgiu com os desdobramentos da pesquisa, mais especificamente no tópico “criando um novo jogo”. Todo o encaminhamento e posteriormente análise e discussão desta etapa nos aproximaram da proposta de Bruner, que considera o aprendiz um sujeito capaz de produzir além do que lhe é apresentado, sendo este influenciado pelos aspectos culturais, sociais, individuais e até mesmo da linguagem no processo de ensino, dando subsídio para uma aprendizagem mais significativa. .

No mesmo sentido, destacamos as representações pictóricas produzidas pelos educandos, uma vez que ao não ser planejado, pode contribuir com novas perspectivas para aprendizagem. Conforme a teoria traz, quando a professora e o professor atuam como investigador/a, e se permite olhar com atenção os riscos, rabiscos, traçados, cores e formas dos desenhos infantis, ele/ela se torna um interlocutor entre a criança e sua criação.

Entretanto, salientamos que algumas adversidades apareceram no decorrer da implementação da sequência didática, como as intempéries climáticas e o espaço compartilhado com outras turmas, atrapalhando o andamento das aulas em alguns momentos, tirando a atenção dos alunos e atrapalhando a fluidez da aula. Observa-se ainda, que este fator é comum na realidade de muitas escolas brasileiras e que é incubido ao professor buscar alternativas para minimizar tais problemas na busca de proporcionar aulas eficientes e de qualidade.

Por fim, acredita-se que a sistematização proposta tem o potencial de servir como uma ferramenta de consulta para outros professores. Ela oferece um ponto de partida para explorar os temas abordados, com a flexibilidade de ser facilmente ampliada, modificada e adaptada às necessidades específicas de cada contexto.

Com base nesses resultados, é possível concluir que os esportes não convencionais são viáveis e devem ser desenvolvidos na escola. Além disso, a oferta de uma variedade esportiva agrega novos conhecimentos aos estudantes e contribui para a legitimação da disciplina.

REFERÊNCIAS

ABURACHID, Layla Maria Campos; Silva, Schelyne Ribas da. Badminton. In: Oliveira, Amauri Aparecido Bássoli de et al. (Org.). **Ensinando e aprendendo esportes no Programa Segundo Tempo**. Maringá: Eduem, 2011. v.1, p.319-334.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2010.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARROS, Patrícia Maira; REIS, Fabio Pinto Gonçalves dos. Uma proposta de sistematização dos esportes não convencionais para as aulas de Educação Física das séries iniciais do Ensino Fundamental: o caso do tênis. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires. Año 18, N° 186, Novembro de 2013. <http://efdeportes.com>.

BARROSO, André Luís Ruggiero. **Inquietações no tratamento do esporte na Educação Física Escolar**. Desafios da educação física Escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF [recurso eletrônico] / Denise Ivana de Paula Albuquerque e Maria Candida Soares Del-Masso. - São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. 170 p.; PDF.

BARROSO, André Luís Ruggiero; DARIDO, Suraya Cristina. A Pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 20, n. 2, p. 281-289, 2. trim. 2009.

BATISTA, Alison Pereria; LIMA, Matheus Miguel Soares de Medeiro; MOURA, Anderson Borges de. Badminton: ampliando a cultura esportiva das escolas públicas de Paranaimirim. **Revista Diálogos da Extensão**. v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: < <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/DIALOGOS/article/view/3899>>. Acesso em: 18 de ago. de 2023.

BETTI, Mauro. **A versão final da Base Nacional Comum Curricular da Educação Física (Ensino Fundamental): menos virtudes, os mesmos defeitos**. In.: Perspectivas em Diálogos. Rev. Brás. Educ. Fis. Escolar Ano IV, V. 1 - julho de 2018.

BORGES, Juliana Rosa Alves; BORGES, Tatiane Daby de Fátima Faria; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SAAD, Núbia dos Santos. O ensino e aprendizagem da matemática na perspectiva de Jerome Bruner. **Cadernos da Fucamp**, v.19, n.40, p.147-168, 2020.

BRASIL. **Lei nº 10.793, de 1º de dezembro de 2003**. Altera a redação do art. 26 e o art. 92 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional”, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2 de dez. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L.10.793.htm. Acesso em: 03 de julho de 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF. Presidência da República, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 03 de julho de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_s_ite.pdf. Acesso em: 18 de junho de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017b. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bnccreexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso: 28 de setembro de 2022.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN 's)**. Educação Física: Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>. Acesso: em 18 de junho de 2022.

BRUNER, Jerome. **A cultura da educação**. Trad. Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre, RS: Artmed, 2001.

BRUNER, Jerome S. **Sobre o Conhecimento: Ensaio de mão esquerda**. 1. ed. aum. São Paulo: Phorte, 2008. 208 p.
BRUNER, Jerome. **Sobre a teoria da instrução**. 1. ed. São Paulo: Ph editora, 2006. 172 p. ISBN 85-99860-05-4.

CANESTRARO, Juliana de Félix.; ZULAI, Luiz Cláudio.; KOGUT, Maria Cristina. Principais dificuldades que o professor de Educação Física enfrenta no processo de ensino-aprendizagem do ensino fundamental e sua influência no trabalho escolar. In: Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, 8. 2008, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2008.

CARVALHO, Daniel Tomaz de; RIBEIRO, Douglas Silva. **Jogo de peteca: a motivação para a prática de esporte**. 2018. Trabalho de Conclusão de curso (Bacharelado em Educação Física) – Universidade de Uberaba, Uberaba, 2018.

CASTRO FILHO, Wilson Pereira de. **Educação Física Escolar e o Conteúdo de Esportes: Uma ação possível no atendimento das Diretrizes Curriculares**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Cuiabá, 2020.

CHIMINAZZO, João Guilherme Cren. **Esporte de raquete na escola: uma possibilidade de trabalho**. Movimento e Percepção, São Paulo, v. 9, n. 12, p. 1-4, 2008.

CHIMINAZZO, João Guilherme Cren; BELLI, Taisa. **Esportes de raquete**. 1ª ed. Santana de Parnaíba/ SP: Manole, 2021.

CORRÊA, Mariana Mendes Luiz; FREITAS, Tatiane Cristina Rodrigues; SILVA, Siomara Aparecida da. O ensino dos esportes de raquete no ambiente escolar. **Caderno de Educação Física e Esporte**. V. 17, N. 1, p. 309-316, 2019.

CURITIBA. Prefeitura Municipal de Curitiba. **Currículo do Ensino Fundamental: Diálogos com a BNCC**. Secretaria Municipal da Educação de Curitiba. 1º ao 9º ano. Volume 4. Linguagens. Superintendência de Gestão Educacional. Departamento de Ensino Fundamental. 2022. Disponível em: <<https://mid-educacao.curitiba.pr.gov.br/2021/8/pdf/00306975.pdf>>. Acesso em: 10 de junho de 2022.

DAMIANI, Magda Floriana; ROCHEFOR, Renato Siqueira; CASTRO, Rafaela Fonseca; DARIZ, Marion Rodrigues; PINHEIRO, Silvia Siqueira. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação** | FaE/PPGE/UFPel, Pelotas 57 ± 67, julho/agosto 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/3822>>. Acesso em 14 de outubro de 2022.

DARIDO, Suraya Cristina. Relação entre ensinar a fazer e ensinar sobre o fazer na educação física escolar. In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula.; DEL-MASSO,

Maria Candida Soares (Org.). **Desafios da Educação Física Escolar**: temáticas da formação em serviço no ProEF. 1ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020, v. 1, p. 28-45. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381384/4/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021.pdf>>. Acesso em: 10 de mai. de 2022.

DARIDO, Suraya Cristina; SANCHES NETO, Luiz. O Contexto da Educação Física na Escola. In: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, Suraya Cristina; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; Ginciene, Guy. O afastamento e a indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física Escolar. In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula.; DEL-MASSO, Maria Candida Soares (Org.). **Desafios da Educação Física Escolar**: temáticas da formação em serviço no ProEF. 1ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020, v. 1, p. 28-45. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381384/4/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021.pdf>>. Acesso em: 18 de ago. de 2023.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação física na escola: Implicações para a Prática Pedagógica**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2005.

FAGANELLO, Flórence Rosana. **Análise dos livros de atletismo como subsídio para o seu ensino no campo escolar**. 2008. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade Humana) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

FIS, Federação Internacional De Sorvebol. Disponível em: <https://www.sorvebol.com/>>. Acesso em 28 de ago. de 2023.

FERMINO, Pamela Helena Diniz; FERMINO, Rodolfo dos Santos. **A inclusão do tema esportes alternativos em aulas de educação física na rede pública de ensino do estado de São Paulo**. In: Anais VII Seminário de Metodologia de Ensino de Educação Física. USP. Jul/2018. Disponível em: http://www.gpef.fe.usp.br/semef2018/Poster/pamela_fermino.pdf>. Acesso em: 10 de junho de 2022.

FIGUEIRÊDO, Paulinelle de Araújo. **Esportes com raquetes**: uma proposta de intervenção na escola pública de tempo integral. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências da Saúde,

Programa de Pós-graduação em Educação Física em Rede Nacional. Natal, RN, 2023.

FONSECA, Keiko Verônica Ono; SILVA, Paulo Roberto Bastianini da. **Badminton: manual de fundamentos e exercícios**. Curitiba: M. M. Ono, 2012.

FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 2009.

FÚ, Ho Shin. O ensino do sorvbol nas aulas de Educação Física em tempos de pandemia. **Revista Brasileira de Desenvolvimento**, [S. l.], v. 7, n. 12, pág. 121206–121220, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n12-745. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/42113>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

GALATTI, Larissa Rafaela; REVERDITO, Riller; SCAGLIA, Alcides José; SEOANE, Antonio Montero. Pedagogia do Esporte: tensão na ciência e o ensino dos Jogos Esportivos Coletivos. **Journal of Physical Education**, v. 25, n. 1, p. 153- 162, 17 abr. 2014

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS– Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GINCIENE, Guy; ABURACHI, Maria Campos. Badminton. In: GONZÁLES, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli (Org.). Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote: badminton, peteca, tênis de campo, tênis de mesa, voleibol, atletismo - **Coleção Práticas corporais e a organização do conhecimento**. Maringá: Eduem, Vol. 2 - 2ª ed., 2017.

GINCIENE, Guy; GONZÁLES, Fernando Jaime. Peteca. In: GONZÁLES, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli (Org.). Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote: badminton, peteca, tênis de campo, tênis de mesa, voleibol, atletismo - **Coleção Práticas corporais e a organização do conhecimento**. Maringá: Eduem, Vol. 2 - 2ª ed., 2017.

GOLDIN, G. Perspectives on representation in mathematical learning and problem solving. In: ENGLISH L. (Ed.). **International research in mathematics education**. 2nd ed. New York, NY: Rutledge, 2008. p. 176-201.

GONÇALVES, Ricardo; SILVA, Eduardo M. da; ARAÚJO, Ligia Conceição; BELLANÇON, Amanda. O jogo Badminton. **Fiep Bulletin** - Volume 82 - Special Edition - ARTICLE I - Arapongas: SESI-PR, 2012. Disponível em: <http://www.fiepbulletin.net>. Acesso em: 18 de ago. 2023.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. **Educação Física Escolar entre “o rola bola” e a renovação pedagógica**. 2018. Texto elaborado para o Mestrado profissional em educação física em rede nacional – PROEF. Disponível em: https://edutec.unesp.br/moodle/pluginfile.php/138514/mod_resource/content/3/index.html. Acesso em: 20 jan. 2019.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. **Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote**: badminton, peteca, tênis de campo, tênis de mesa, voleibol, atletismo - Coleção Práticas corporais e a organização do conhecimento. Maringá: Eduem, Vol. 2 - 2ª ed., 2017.

HOOPER, Rodrigo. Você conhece o mirimbol? **Movimento Esporte Conecta**, 2021. Disponível em: <https://movimentoesporteconecta.com.br/voce-conhece-o-mirimbol/#:~:text=O%20MIRIMBOL%20nasceu%20como%20um,pr%C3%A1tica%20de%20atividade%20com%20qualidade>. Acesso em 21 de ago. de 2023.

JESUS, Leonardo Leite de; JESUS, Lidia Batista Leite de. Manbol como iniciação e prática esportiva. **Revista Científica FESA**, v.1, n. 17, p. 64-76, ago. 2022.

KUNZ, Elenor. **Educação Física: Ensino e Mudanças**. 3.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012. 264p.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático - pedagógico do esporte**. 7 ed. Ijuí. RS: Unijuí, 2006.

LAVOURA, Tiago Nicola; BOTURA, Henrique Moura Leite; DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física Escolar: conhecimentos necessários para a prática pedagógica. **Journal of Physical Education**, v. 17, n. 2, p. 203-209, mai 2008.

LEITE, Maria Isabel. A Criança desenha ou o desenho criança? A resignificação da expressão plástica de crianças e a discussão crítica do papel da escrita em seus elementos. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda; LEITE, Maria Isabel. **Arte, Infância e Formação de Professores, Autoria e Transgressão**. 7ª. ed. Campinas: Papirus, 2012.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: Editora Pedagógica e Universitária, 2018.

MACHADO, Gisele Viola; GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte e projetos sociais: interlocuções sobre a prática pedagógica. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, [S.L.], v. 21, n. 2, p. 405-418, 5 fev. 2015.

MARTINS, Volni Fernando; PAIXÃO, Jairo Antônio. Trato com o conteúdo esporte nas aulas de educação física escolar: do discurso à prática atual. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 12, n. 3, p. 18-33, jul./set. 2014.

MATOS, Marcelo da Cunha. A importância dos esportes alternativos para as aulas de educação física. **Revista Multidisciplinar de Ensino, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ)**. V. 9, N. 22 - Setembro-Dezembro de 2020.

MELO, Paula Marcos Teixeira de. **Prática inclusivas do esporte na Escola: uma experiência com o sorvebol na Escola Municipal Hilda Rabello Matta**. Monografia de especialização apresentada apresentada à Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG, Centro Pedagógico, junto à Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2020.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo, SP: Hucitec Editora, 2014.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima; SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. **Psicologia da Aprendizagem**. Editora RDS: Fortaleza, p. 41-67, 2010.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores**. Petrópolis: Vozes, 2013.

OLIVEIRA, Marcelo de. **Aulas de educação física além dos muros da escola: possibilidades de fora para dentro**. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, junto à Universidade Estadual de Maringá e ao Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – NEAD/UNESP, 2023.

PARLEBÁS, Pierre. **Elementos de sociología del deporte**. Andalucia: Junta de Andalucia, 1988.

PELIZZARI, Adriana; KRIEGL, Maria de Lurdes; BARON, Marcia Pirib.; FINCK, Nelcy Teresinha Lubi; DOROCINSKI, Solange Inês. Teoria da Aprendizagem Significativa segundo Ausubel. **Revista PEC**, Curitiba, v. 2, nº 1, p. 37-42, jul. 2001/jul. 2002.

PIRES, Giovani De Lorenzi; SILVEIRA, Juliano. Esporte educacional ... Existe? Tarefa e compromisso da Educação Física com o esporte na escola. In: SILVA, Maurício Roberto (org.). **Esporte, Educação, Estado e Sociedade**. Chapecó: Argus, 2007.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte: possibilidades para o convívio com o esporte no contexto escolar. In: SILVA JUNIOR, Vagner Pereira da; SILVA, Luiza Lana Gonçalves; MOREIRA, Wagner Wey (orgs.) **Educação física e seus diversos olhares**. Campo Grande: EdUFMS, 2016. p. 55-75.

ROBINSON, Colin. **Real World Research**. Oxford: Blackwell, 1995, 510p.

ROSE JUNIOR, Dante De. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA, Celso Luciano Queiroz. **O sport education na Educação Física escolar: unidade didática para o ensino do handebol**. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, junto à Universidade Federal de Mato Grosso e ao Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – NEAD/UNESP, 2020.

SILVA, Fabiana Francisca de Lima. **Educação física em uma escola do campo: uma experiência com o ensino dos esportes**. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, junto à Universidade Federal de Goiás e ao Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – NEAD/UNESP, 2020.

SILVA, Josenildo Campos. **O Ensino Do Esporte Na Educação Física Escolar: Uma Análise Pedagógica Em Escolas Do Ensino Fundamental I, No Município De Cruz Das Almas - BA**. Monografia (Graduação em Educação Física) FAMAM, Governador Mangabeira, BA, 2013.

SILVA, Sabrina Miguel da. **Esportes Não Convencionais Na Escola: Uma proposta de sistematização para os anos finais do Ensino Fundamental.** Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro, 2020, 147 p. : il., fotos.

SMOLE, Kátia Stocco; DINIZ Maria Ines. **Ler, Escrever e Resolver Problemas.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

SOUZA, Charles Phetterson Pereira Quirino. **Educação Física escolar: a abordagem do esporte nos anos finais do ensino fundamental.** Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, junto à Universidade de Brasília. 2020

SOUSA JUNIOR, João Ramos de; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; POLEZEL, Karina. Oficina de esportes não convencionais. In: CONGRESSO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, II, 2008. **Anais...** Rio Claro, SP: UNESP, p. 1-13.

TENÓRIO, Maria Cecília Marinho; TASSITANO, Rafael Miranda; LIMA, Marília de Carvalho. Conhecendo o ambiente escolar para as aulas de Educação Física: existe diferença entre as escolas? Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, Pelotas, n. 17, v. 04, p. 307-313, ago/2012.

TINÔCO, Rafael de Gois; BATISTA, Alison Pereira; ARAUJO, Allyson Carvalho. Apontando possibilidades para o ensino do Badminton na Educação Física escolar. **Cadernos de Formação RBCE**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 1-9, 2014.

TOMITA, Andréa Setsuko Fortuna; CANAN, Felipe. A utilização de modalidades esportivas não tradicionais em aulas de educação física escolar. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, vol. 23, n. 02, p. 13-25, mai./ago., 2019.

TOMITA, Andréa Setsuko Fortuna; CANAN, Felipe. **Modalidades esportivas “não tradicionais” – primeiros caminhos para uma denominação.** In: CONGRESSO REGIONAL DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, I, 2015. Anais... Marechal Cândido Rondon, PR: UNIOESTE, p. 17. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B6i-nqv0JJdEaGFjQVRzcWtmSnM/view>. Acesso em: 18/06/2022.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa como ensinar.** Tradução: Ernani F. da F. Rosa. Reimpressão 2010. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICE A: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Curitiba, _____ de _____ de 2023.

Caro(a) estudante,

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada: “Ampliação do repertório esportivo na escola por meio dos esportes de rede não convencionais. Iremos apresentar para você e sua turma outros esportes nas aulas de Educação Física.

Nossa pesquisa quer saber se vocês gostarão deles ou não. Sua participação é muito importante e será de forma voluntária, podendo você desistir a qualquer momento.

Durante as aulas, será realizada a gravação das atividades e a pesquisadora anotará num diário de campo as informações que julgar importantes, mas não se preocupe, o seu nome e imagem serão preservados com o mais absoluto sigilo e confidencialidade.

Não há riscos durante a atividade, porém, poderá ocorrer, eventualmente, algum desconforto ou até mesmo pequenos incidentes como quedas e ferimentos, que serão prontamente atendidos pela pesquisadora, e se necessário, esta solicitará o serviço de atendimento pedagógico e/ou médico especializado.

Caso você tenha dúvidas ou necessite mais esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, órgão criado para defender os interesses dos participantes de pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro dos padrões éticos, cujo endereço consta neste documento.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Eu, _____ aceito participar do trabalho.

Assinatura do estudante

Assinatura da pesquisadora
Tathiane Apfelgrun Heimoski

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM

Endereço: Avenida Colombo, 5790, UEM-PPG, Sala 4, CEP 87020-900. Maringá-PR

E-mail: copep@uem.br

Telefone: (44) 3011-4597

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o orientador e a pesquisadora, conforme o contato abaixo:

Tathiane Apfelgrün Heimoski (pesquisadora)

Endereço: Rua João Pontoni, n. 120, ap. 1104. Cristo Rei, Curitiba-PR

E-mail: pg404137@uem.br

Telefone: 41 99915-8050

Antonio Carlos Monteiro de Miranda (coordenador)

Endereço: Avenida Colombo, 5790, Bloco M05, Departamento de Educação Física, CEP 87.020-900, Maringá-PR

E-mail: acmmiranda@uem.br

Telefone: 44 999063045

APÊNDICE B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) responsável,

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar da pesquisa científica intitulada “Ampliação do repertório esportivo na escola por meio dos esportes de rede não convencionais”, que faz parte do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá, coordenada pelo professor Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda e desenvolvida pela pesquisadora Tathiane Apfelgrün Heimoski.

O objetivo da pesquisa é analisar como a inserção dos esportes de rede não convencionais nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental podem contribuir para a formação dos estudantes numa turma de 4^o ano para além dos esportes tradicionais.

Para isto, a sua participação é muito importante, e ela se dará autorizando o seu filho a participar de uma pesquisa do tipo intervenção didático-pedagógica nas aulas de Educação Física, com a aplicação de atividades educativas sobre o tema Esportes de Rede não Convencionais. Em suma, serão atividades que já ocorreriam normalmente nas aulas de Educação Física, mas que, para a pesquisa, carecem da sua autorização para que possamos fazer os registros necessários.

Para ajudar na pesquisa, além da participação do seu filho, será realizada a gravação das atividades desenvolvidas no momento das aulas e a pesquisadora anotará num diário de campo as informações que julgar importantes.

Reforçamos que as informações coletadas tanto no diário de campo como nas filmagens serão utilizadas apenas para fins desta pesquisa, sendo seu nome e imagem preservados com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Não há riscos (INACEITÁVEIS), porém, poderá ocorrer, eventualmente, o desconforto ou até mesmo pequenos incidentes como quedas e ferimentos, que serão minimizados com a adequada intermediação do pesquisador. No entanto, caso ocorra alguma inconveniência mais grave, o pesquisador responsabiliza-se em prestar os devidos atendimentos, bem como contatar o serviço de atendimento pedagógico e/ou médico especializado, caso seja necessário.

Gostaríamos de esclarecer que a sua participação e a de seu(sua) filho(a) é totalmente voluntária, podendo recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa ou a seu(sua) filho(a).

Vale ressaltar que não estão previstos benefícios diretos aos participantes, mas espera-se uma melhora nos elementos da capacidade física e habilidades

motoras. Além disso, entendemos que a sua contribuição nos ajudará a compreender melhor sobre o ensino do tema dos Esportes de Rede não convencionais nas aulas de Educação Física.

Comunicamos que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade e a de seu(sua) filho(a).

Caso você tenha dúvidas ou necessite mais esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, órgão criado para defender os interesses dos participantes de pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro dos padrões éticos, cujo endereço consta neste documento.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente assinada e entregue a você. Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como responsável pelo estudante) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu _____,
responsável por _____, declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pelo professor Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda e desenvolvida pela pesquisadora Tathiane Apfelgrun Heimoski.

_____ Data: ____/____/____

Assinatura do responsável

Eu, Tathiane Apfelgrun Heimoski, declaro que forneci todas as informações referentes ao _____ projeto de pesquisa supra nominado.

_____ Data: ____/____/____

Assinatura do pesquisador

Tathiane Apfelgrun Heimoski

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o coordenador e o pesquisador, conforme o contato abaixo:

- Tathiane Apfelgrün Heimoski (pesquisadora)
 - Endereço: Rua João Pontoni, n. 120, ap. 1104. Cristo Rei, Curitiba-PR
 - E-mail: pg404137@uem.br
 - Telefone: 41 99915-8050

- Antonio Carlos Monteiro de Miranda (coordenador)
 - Endereço: Avenida Colombo, 5790, Bloco M05, Departamento de Educação Física, CEP 87.020-900, Maringá-PR
 - E-mail: acmmiranda@uem.br
 - Telefone: 44 999063045

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá UEM, no endereço abaixo:

- COPEP/UEM
 - Endereço: Avenida Colombo, 5790, UEM-PPG, Sala 4, CEP 87020-900. Maringá-PR
 - E-mail: copep@uem.br
 - Telefone: (44) 3011-4597

APÊNDICE 3: Avaliação Diagnóstica:

NOME: _____ TURMA: _____

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA



Esportes de rede são aqueles que usam a rede para dividir o campo em duas metades, tendo como objetivo lançar, bater ou arremessar a bola ou qualquer outro objeto, para a quadra oposta por cima de uma rede. Além disso, nesses esportes não existe contato com os adversários.

1- Você conhece algum esporte de rede? Escreva nas linhas abaixo o nome dos esportes de rede que você conhece, pratica ou já praticou.

2- Observe as imagens a baixo, escreva o nome da modalidade, e assinale se você conhece ou não cada modalidade?



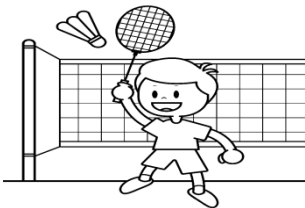
a)

Conhece? () sim () não



b)

Conhece? () sim () não



c)

Conhece? () sim () não



d)

Conhece? () sim () não



e)

Conhece? () sim () não



f)

Conhece? () sim () não



g)

Conhece? () sim () não

APÊNDICE 4: Roteiro para criar um novo Esporte de Rede

NOME: _____

GRUPO:

1) NOME DO ESPORTE DE REDE:

2) NÚMERO DE JOGADORES:

3) PONTUAÇÃO SETS:

PONTOS: _____

4) MATERIAL A SER UTILIZADO:

5) REGRAS (CRIE PELO MENOS 3 REGRAS):

6) EXPLIQUE COMO ACONTECE O JOGO:

APÊNDICE 5: Avaliação Final**NOME:** _____ **TURMA:** _____**AVALIAÇÃO FINAL****Instrução:** Assinale a alternativa em que você mais se identifica.

- 1- Eu não conhecia a maioria dos esportes de rede trabalhados na sequência didática.
- () concordo () concordo parcialmente () não concordo
- 2- Após a sequência didática passei a conhece-los e gostei muito de praticá-los.
- () concordo () concordo parcialmente () não concordo
- 3- As atividades apresentadas foram fáceis de serem realizadas e bem divertidas.
- () concordo () concordo parcialmente () não concordo
- 4- Eu gostei muito de aprender a jogar os diferentes esportes de rede não convencionais trabalhados na sequência didática.
- () concordo () concordo parcialmente () não concordo
- 5- Eu gostaria de aprender mais sobre os esportes de rede trabalhados na sequência didática.
- () concordo () concordo parcialmente () não concordo
- 6- Eu gostaria de aprender novos esportes de rede não convencionais, além daqueles trabalhados na sequência didática.
- () concordo () concordo parcialmente () não concordo

APÊNDICE 6: Planos de Aula

Aula 1

IDENTIFICAÇÃO: 1) Nome da Escola: Escola Municipal Anísio Teixeira 2) Nome da Professora: Tathiane Apfelgrün Heimoski 3) Série/Turma: 4º ano B 4) Quantidade de Alunos: 30
CONTEÚDO/OBJETO DE CONHECIMENTO: Esportes de Rede
OBJETIVOS: Constatar as modalidades esportivas de rede que os alunos já conhecem e/ou já vivenciaram; Apresentar aos alunos os esportes de rede que serão abordados na sequência didática;
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: 1) Roda Inicial: 1.1) Apresentação e organização do trabalho pedagógico; 1.2) Avaliação Diagnóstica; 2) Desenvolvimento da Aula: 2.1) Exposição verbal: sondagem sobre aquilo que os alunos já conhecem sobre os esportes de rede; 2.2) apresentar vídeos/imagens sobre cada um dos esportes de rede que serão abordados, explicando brevemente como estes são jogados. 3) Roda Final: Retomada da aula através de perguntas com o objetivo de resgatar informações que foram transmitidas durante a aula, bem como sanar as dúvidas que apareceram durante a aula.
MATERIAIS: Folha sulfite, SmartTV para exibição de imagens e Vídeos
AValiação: Entrega da avaliação diagnóstica; participação e envolvimento durante a sondagem e retomada da aula na roda final.

Aula 2

IDENTIFICAÇÃO:

- 1) Nome da Escola: Escola Municipal Anísio Teixeira
- 2) Nome da Professora: Tathiane Apfelgrün Heimoski
- 3) Série/Turma: 4º ano B
- 4) Quantidade de Alunos: 30

CONTEÚDO/OBJETO DE CONHECIMENTO:

Peteca

OBJETIVOS:

- Conhecer a história e as principais regras da Peteca;
- Realizar algumas brincadeiras para introduzir os fundamentos e forma de jogo da Peteca;
- Vivenciar através de mini-jogos a Peteca;

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

1) Roda Inicial:

Reunir os alunos para apresentar a história, forma de jogo e as principais regras da Peteca.

2) Desenvolvimento da Aula:

2.1) Primeiros Movimentos

Individualmente:

a) Cada aluno deverá lançar para o alto a peteca e recuperá-la sem deixá-la cair no chão. Variação: bater uma palma, encostar no chão, girar no lugar, antes de recuperá-la;

b) idem ao anterior, mas se deslocando pela quadra.

Em duplas:

a) Um deve lançar a peteca para o outro sem deixá-la cair no chão. Variação: aumentar a distância, altura e velocidade do movimento;

b) um de cada lado da rede, rebater a peteca sem deixá-la cair no chão.

2.2) Jogo Inicial

4 X 4: cada aluno receberá um número de 1 a 4. O aluno 1 deve lançar a peteca para o aluno 1 da outra equipe. Este deve receber a peteca com as mãos, segurá-la e passa-la para o aluno 2 da outra equipe e assim sucessivamente. Ganha o ponto quem conseguir fazer a peteca cair no chão.

2.3) Consciência Tática

Pergunta: Qual o objetivo do jogo?

Pergunta: Como é possível fazer a peteca cair no chão?

2.4) Tarefa

4 X 4 - cada equipe ao receber a peteca deve trocar 3 passes (segurando a peteca) entre si, antes de lança-la para o outro lado. Ganha o ponto quem conseguir fazer a peteca cair no chão.

2.5) Jogo Final

Mini-jogo 4 X 4 contando os pontos.

3) Roda Final:

Momento de resgatar o que foi abordado na aula, como a forma de ganhar pontos e a importância de se manter a peteca em jogo o maior tempo possível.

MATERIAIS:

30 petecas, rede de 30 metros de vôlei.

AValiação:

Participação e envolvimento durante o desenvolvimento das atividades;
participação na retomada da aula na roda final.

Aula 3

IDENTIFICAÇÃO:

- 1) Nome da Escola: Escola Municipal Anísio Teixeira
- 2) Nome da Professora: Tathiane Apfelgrün Heimoski
- 3) Série/Turma: 4º ano B
- 4) Quantidade de Alunos: 30

CONTEÚDO/OBJETO DE CONHECIMENTO:

Manbol

OBJETIVOS:

Conhecer a história e as principais regras do Manbol;

Realizar algumas brincadeiras para introduzir os fundamentos e forma de jogo do Manbol;

Vivenciar através de mini-jogos o Manbol;

MATERIAIS:

30 bolinhas (oficial e adaptada) de manbol, rede de 20 metros de vôlei.

AValiação:

Participação e envolvimento durante o desenvolvimento das atividades; participação na retomada da aula na roda final.

Aula 4

IDENTIFICAÇÃO:

1) Nome da Escola: Escola Municipal Anísio Teixeira

2) Nome da Professora: Tathiane Apfelgrün Heimoski

3) Série/Turma: 4º ano B

4) Quantidade de Alunos: 30

CONTEÚDO/OBJETO DE CONHECIMENTO:

Sorvebol

OBJETIVOS:

Conhecer a história e as principais regras do Sorvebol;

Realizar algumas brincadeiras para introduzir os fundamentos e forma de jogo do Sorvebol;

Vivenciar através de mini-jogos o Sorvebol;

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

1) Roda Inicial:

Reunir os alunos para apresentar a história, forma de jogo e as principais regras do Sorvebol.

2) Desenvolvimento da Aula:

2.1) Primeiros Movimentos

a) Cada aluno deverá lançar para o alto a bola de sorvebol e recuperá-la encaixando-a no cone sem deixa-la cair no chão. Variação: aumentar a altura do lançamento.

b) Idem ao anterior, mas se deslocando pela quadra, andando de frente e de costas, fazendo zig zag, entre outros.

Em duplas:

a) Com apenas 1 bola, trocar passe de bola com o colega, sem deixa-la cair no chão;

b) cada aluno com um cone e uma bola, ao mesmo tempo, um deve lançar a bola para o outro recuperando a bola do colega em seu cone sem deixa-la cair no chão. Variação: aumentar a distância, altura e velocidade do movimento;

2.2) Jogo Inicial

1 X 1 – Cada aluno deve ficar em lado da quadra e devem lançar a bola um para o outro com seu cone, tentando manter a bola o máximo de tempo sem cair no chão.

2.3) Consciência Tática

Pergunta: Qual o objetivo de atividade?

Pergunta: Como é possível ganhar um ponto?

2.4) Tarefa

2 X 2 – os alunos realizaram mini-jogos onde a bola só pode ser lançada para o campo adversário se esta passar pelos 2 participantes da equipe (podendo dar no máximo 3 passes antes passar a bola). O jogo deve ser iniciado pelo saque e antes de cada lance a bola pode pingar uma vez no chão.

2.5) Jogo Final

Mini-jogos 4 X 4 com pontuação.

3) Roda Final:

Momento de resgatar o que foi abordado na aula, como a forma de ganhar pontos e a importância de se manter a bola em jogo o maior tempo possível.

MATERIAIS:

30 cones (oficial e adaptado) e 30 bolas (oficial e adaptada) de sorvebol, rede de 20 metros de vôlei.

AVALIAÇÃO:

Participação e envolvimento durante o desenvolvimento das atividades; participação na retomada da aula na roda final.

Aula 5

IDENTIFICAÇÃO:

- 1) Nome da Escola: Escola Municipal Anísio Teixeira
- 2) Nome da Professora: Tathiane Apfelgrün Heimoski
- 3) Série/Turma: 4º ano B
- 4) Quantidade de Alunos: 30

CONTEÚDO/OBJETO DE CONHECIMENTO:

Badminton

OBJETIVOS:

- Conhecer a história e as principais regras do Badminton;
- Realizar algumas brincadeiras para introduzir os fundamentos e forma de jogo do badminton;
- Vivenciar através de mini-jogos o badminton;

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

1) Roda Inicial:

Reunir os alunos no espaço já com as quadras demarcadas para apresentar a história, forma de jogo e as principais regras do badminton.

2) Desenvolvimento da Aula:

2.1) Primeiros Movimentos

Cada aluno receberá uma raquete e uma beixiga de badminton. O aluno deve tentar rebater a peteca com sua raquete a maior quantidade de vezes sem deixa-la cair no chão, realizando o controle do movimento. Variação: Realizar o mesmo exercício, mas se deslocando pela quadra.

Em duplas, usando agora a raquete e a peteca de badminton:

- a) Um deve lançar a peteca para o outro sem deixa-la cair no chão, trocando passes.
- b) Um de cada lado da rede. Um aluno com raquete e outro com peteca. O aluno lança a peteca com as mãos para seu colega que deve rebate-la de volta, de forma

que a peteca chegue de volta a seu colega.

2.2) Jogo Inicial

1 X 1 – Os alunos devem trocar rebatidas de um para o outro até que um deles erre.

2.3) Consciência Tática

Pergunta: Qual o objetivo do jogo?

Pergunta: O que é necessário para isso?

2.4) Tarefa

Aprender a realizar o saque.

1 X 1 – Iniciando com o saque, os alunos devem trocar rebatidas até que um deles erre, marcando os pontos. Então o jogo se reinicia com um novo saque.

2.5) Jogo Final

Realizar mini-jogos 2 X 2.

3) Roda Final:

Momento de resgatar o que foi abordado na aula, lembrando as formas de marcar um ponto e a importância de manter um rally o maior tempo possível.

MATERIAIS:

30 raquetes e 30 petecas de badminton, rede de 20 metros de vôlei.

AValiação:

Participação e envolvimento durante o desenvolvimento das atividades; participação na retomada da aula na roda final.

Aula 6

IDENTIFICAÇÃO:

- 1) Nome da Escola: Escola Municipal Anísio Teixeira
- 2) Nome da Professora: Tathiane Apfelgrün Heimoski
- 3) Série/Turma: 4º ano B
- 4) Quantidade de Alunos: 30

CONTEÚDO/OBJETO DE CONHECIMENTO:

Mirimbol

OBJETIVOS:

Conhecer a história e as principais regras do Mirimbol;

Realizar algumas brincadeiras para introduzir os fundamentos e forma de jogo do Mirimbol;

Vivenciar através de mini-jogos o Mirimbol;

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

1) Roda Inicial:

Reunir os alunos no espaço já com as quadras demarcadas para apresentar a história, forma de jogo e as principais regras do mirimbol.

2) Desenvolvimento da Aula:

2.1) Primeiros Movimentos

Individualmente:

Cada aluno receberá uma raquete e uma bolinha de mirimbol adaptado. O aluno deve tentar rebater a bolinha com sua raquete a maior quantidade de vezes sem deixa-la cair no chão, realizando o controle do movimento. Variação: Realizar o mesmo exercício, mas se deslocando pela quadra.

Em duplas:

a) Um deve lançar a bolinha para o outro sem deixa-la cair no chão, trocando passes.

b) um aluno com raquete e outro com bolinha. O aluno lança a bolinha com as mãos para seu colega que deve rebate-la de volta, de forma que a bolinha chegue de volta a seu colega.

2.2) Jogo Inicial

1 X 1 – Os alunos devem trocar rebatidas de um para o outro até que um deles erre.

OBS.: cada mini quadra pode ser aproveitada para 2 duplas, de forma que quando 2 alunos jogam, os outros 2 ficam responsáveis por buscar as bolinhas.

2.3) Consciência Tática

Pergunta: Qual o objetivo do jogo?

Pergunta: O que é necessário para isso?

2.4) Tarefa

Aprender a realizar o saque.

1 X 1 – Iniciando com o saque, os alunos devem trocar rebatidas até que um deles erre, marcando os pontos.

2.5) Jogo Final

Realizar mini-jogos 2 X 2.

3) Roda Final:

Momento de resgatar o que foi abordado na aula, lembrando as formas de marcar um ponto e a importância de manter um rally o maior tempo possível.

MATERIAIS:

30 raquetes adaptadas e 30 bolinhas de Mirimbol, rede de 20 metros de vôlei.

AValiação:

Participação e envolvimento durante o desenvolvimento das atividades;
participação na retomada da aula na roda final.

Aula 7

IDENTIFICAÇÃO:

- 1) Nome da Escola: Escola Municipal Anísio Teixeira
- 2) Nome da Professora: Tathiane Apfelgrün Heimoski
- 3) Série/Turma: 4º ano B
- 4) Quantidade de Alunos: 30

CONTEÚDO/OBJETO DE CONHECIMENTO:

Beach Tennis

OBJETIVOS:

Conhecer a história e as principais regras do Beach Tennis;

Realizar algumas brincadeiras para introduzir os fundamentos e forma de jogo do Beach Tennis;

Vivenciar através de mini-jogos o Beach Tennis;

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

1) Roda Inicial:

Reunir os alunos no espaço já com as quadras demarcadas para apresentar a história, forma de jogo e as principais regras do beach tennis.

2) Desenvolvimento da Aula:

2.1) Primeiros Movimentos

Cada aluno receberá uma raquete e uma bolinha de beach tennis adaptado. O aluno deve tentar rebater a bolinha com sua raquete a maior quantidade de vezes sem deixá-la cair no chão, realizando o controle do movimento. Variação: Realizar o mesmo exercício, mas se deslocando pela quadra.

Em duplas:

Um aluno de cada lado da rede. Um aluno com raquete e outro com bolinha. O aluno lança a bolinha com as mãos para que seu colega rebata-a com a raquete, devolvendo-a na mão do seu colega.

2.2) Jogo Inicial

1 X 1 – Os alunos devem trocar rebatidas de um para o outro até que um deles erre.

OBS.: cada mini quadra pode ser aproveitada para 2 duplas, de forma que quando 2 alunos jogam, os outros 2 ficam responsáveis por buscar as bolinhas.

2.3) Consciência Tática

Pergunta: Qual o objetivo do jogo?

Pergunta: O que é necessário para isso?

2.4) Tarefa

Aprender a realizar o saque.

1 X 1 – Iniciando com o saque, os alunos devem trocar rebatidas até que um deles erre, marcando os pontos.

2.5) Jogo Final

Realizar mini-jogos 2 X 2.

3) Roda Final:

Momento de resgatar o que foi abordado na aula, lembrando as formas de marcar um ponto e a importância de manter um rally o maior tempo possível.

MATERIAIS:

30 raquetes e 30 bolinhas adaptadas de Beach Tennis, rede de 20 metros de vôlei.

AValiação:

Participação e envolvimento durante o desenvolvimento das atividades; participação na retomada da aula na roda final.

Aula 8

IDENTIFICAÇÃO:

- 1) Nome da Escola: Escola Municipal Anísio Teixeira
- 2) Nome da Professora: Tathiane Apfelgrün Heimoski
- 3) Série/Turma: 4º ano B
- 4) Quantidade de Alunos: 30

CONTEÚDO/OBJETO DE CONHECIMENTO:

Esportes de Rede

OBJETIVOS:

Criar/Recriar um novo esporte baseado nos conhecimentos adquiridos durante as aulas anteriores.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

1) Roda Inicial:

Reunir os alunos para conversar sobre os novos esportes que vem surgindo, inclusive aqui no Brasil, e apresentar a proposta para que eles criem/recriem um novo esporte de rede.

2) Desenvolvimento da Aula:

2.1) Primeiros Movimentos

Dividir a turma em equipes de 4 a 5 estudantes e explicar o que é esperado desta aula (criar/recriar um esporte de rede)

2.2) Atividade Inicial

Com os grupos já separados, entregar-lhes uma folha roteiro para auxiliá-los no processo. Esta folha vai ter tópicos como: nome da modalidade criada, materiais que serão utilizados, número de participantes (individual, duplas, trios ...), forma de jogo,

pontuação, como marcar um ponto e como vencer uma partida.

2.3) Consciência Tática

A professora irá passar pelos grupos sanando dúvidas e ajudando no processo criativo.

2.4) Tarefa

Entregar o roteiro preenchido.

3) Roda Final:

Apresentar aos colegas a modalidade criada.

MATERIAIS:

30 bolinhas (oficial e adaptada) de manbol; 30 petecas; 30 cones e 30 bolas (oficial e adaptada) de sorvebol; 30 raquetes adaptadas e 30 bolinhas de mirimbol; 30 raquetes e 30 bolinhas adaptadas de beach tennis; 30 raquetes e 30 petecas de badminton; rede de 20 metros de vôlei.

AVALIAÇÃO:

Participação e envolvimento durante o desenvolvimento das atividades; apresentação da modalidade esportiva na roda final.

Aulas 9 e 10

IDENTIFICAÇÃO:

- 1) Nome da Escola: Escola Municipal Anísio Teixeira
- 2) Nome da Professora: Tathiane Apfelgrün Heimoski
- 3) Série/Turma: 4º ano B
- 4) Quantidade de Alunos: 30

CONTEÚDO/OBJETO DE CONHECIMENTO:

Esportes de Rede

OBJETIVOS:

Praticar os novos esportes de rede propostos pelos alunos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

1) Roda Inicial:

Reunir os alunos para conversar sobre o encaminhamento da aula, explicando sobre a importância de todos participarem e colaborarem com as sugestões dos colegas.

2) Desenvolvimento da Aula:

2.1) Primeiros Movimentos

Fazer o sorteio para definir a ordem dos esportes a serem praticados.

2.2) Jogo Inicial

Realização de mini-jogos contemplando as modalidades sugeridas pelos estudantes.

2.3) Consciência Tática

Pergunta: O que podemos fazer para aprimorar cada modalidade?

2.4) Jogo Final

Cada equipe irá praticar o jogo que criou levando em consideração as sugestões dos colegas e reelaborando a sua proposta se julgar necessário.

3) Roda Final:

Momento de ouvir os alunos sobre como se sentiram, o que poderiam ter feito de diferente, se gostaram das sugestões dos colegas, se acharam que o comportamento durante a aula foi adequado e se é possível aplicar tal proposta com outros conteúdos da Educação Física.

MATERIAIS:

30 bolinhas (oficial e adaptada) de manbol; 30 petecas; 30 cones e 30 bolas (oficial e adaptada) de sorvebol; 30 raquetes adaptadas e 30 bolinhas de mirimbol; 30 raquetes e 30 bolinhas adaptadas de beach tennis; 30 raquetes e 30 petecas de badminton; rede de 20 metros de vôlei.

AValiação:

Participação e envolvimento durante o desenvolvimento das atividades; participação na retomada da aula na roda final.

Aula 11

IDENTIFICAÇÃO:

- 1) Nome da Escola: Escola Municipal Anísio Teixeira
- 2) Nome da Professora: Tathiane Apfelgrün Heimoski
- 3) Série/Turma: 4º ano B
- 4) Quantidade de Alunos: 30

CONTEÚDO/OBJETO DE CONHECIMENTO: Esportes de Rede

OBJETIVOS:

Avaliar a sequência Didática

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

1) Roda Inicial:

Reunir os alunos para conversar sobre a importância do preenchimento correto e de serem honestos na avaliação.

2) Desenvolvimento da Aula:

Preenchimento da Avaliação

3) Roda Final:

Momento de resgatar o que foi abordado nas aulas, através de perguntas sobre as etapas desenvolvidas, opiniões, sugestões e impressões da sequência didática.

Momento de agradecimento também.

MATERIAIS:

Folha sulfite

AValiação:

Entrega da avaliação e feedback na roda final